ANO 37.º — QUINTA-FEIRA, 31 DE OUTUBRO DE 1957 — N.º 12.537

Diario de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO — DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOA
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Palavras... Palavras... Palavras...

Na altura em que termina a pugna eleitoral que durante um mês trouxe a terreiro alguns dos partidários mais combativos das duas correntes políticas que se digladiam, ocorre perguntar se a palavra, como pretendem os Arabes, teria sido dada ao homem para encobrir o pensamento, ou se serve, pelo contrário, para esclarecer as nossas dúvidas, tranquilizar os nossos receios e orientar o nosso espírito no caminho que nos propomos trilhar.

Quem tenha lido tudo quanto se disse em sessões de propaganda eleitoral ou se escreveu em entrevistas e artigos de jornal, com o pretexto da consulta que se vai fazer ao País, dificilmente poderá formar um juizo seguro e esclarecido acerca das opiniões expendidas e da pureza ideológica da controvérsia que se travou entre adversários aguerridos e irredutíveis. E' certo que os contendores combateram, o que não é razoável, com armas desiguais, mas nem por isso uns e outros se consideraram vencidos ou convencidos pela dialéctica do adversário.

De Norte a Sul do País, pronunciaram-se dezenas de discursos, uns mais convincentes do que outros, mas quase todos animados por um propósito deliberado de polémica e por um sopro de sectarismo que lhes confere em entusiasmo o que lhes rouba em autoridade.

—Words, words, words. *(Palavras, palavras, palavras)—foi a resposta que Hamlet deu a Polonius, quando a velha raposa, que tramava na sombra a sua perdição, lhe perguntou o que estava a ler.*

Não será despropositado considerar com o cepticismo amargo do príncipe da Dinamarca a campanha eleitoral que hoje chega ao seu termo. Os adversários empenharam-se, em boa verdade, num jogo de palavras, nem sempre amáveis e poucas vezes esclarecedoras. A oratória não abdicou dos seus

(Continua na página seguinte)

A caminho da Europa, em visita oficial a vários países, o Presidente Iskender Mirza, do Paquistão, esteve um dia em Istambul. Na foto, o Presidente Mirza (o segundo á esquerda), que visitará Portugal, de 11 a 14 do próximo mês, aparece ao lado do Presidente turco Cebal Bayer

O presidente René Coty põe a ameaça de se demitir?

PARIS, 31.—Esta manhã, constava nos círculos políticos que o presidente René Coty está na disposição de declarar á Assembleia Nacional que apresentará o seu pedido de demissão se o Parlamento recusar a Gaillard a investitura na Presidência do Conselho.— (A. N. I.).

Gaillard tenta formar um Governo de técnicos

PARIS, 31 — Dois dos mais poderosos agrupamentos políticos reunem-se hoje para tomar uma decisão sobre a atitude a adoptar perante o compromisso que o presidente do Conselho designado, Félix Gaillard, pretende assumir de dar á França um Governo suficientemente forte para tentar debelar a grave crise económica e financeira.

Círculos políticos acentuam ser impossível fazerem-se quaisquer vaticínios sobre os resultados das duas reuniões, visto saber-se que são profundas as divergências den-

(Continua na página seguinte)

A União Nacional responde às asserções do eng.º Cunha Leal

Da Comissão Distrital da União Nacional de Lisboa recebemos:

I — Proémio necessário

O sr. engenheiro Cunha Leal tem o génio da confusão. Nas mãos dele, as coisas mais simples convertem-se em charadas a prémio. Chega a ser desconsolador.

Só a título de exemplo: a União Nacional anotou sumáriamente as «Considerações de um abstencionista» que inseriu no «Diário de Lisboa». Voltando agora á estacada, com segundo artigo, apõe-lhe o subtítulo «Tréplica aos comentários da União Nacional». Para quê, se toda a gente percebia muito bem que era uma réplica?

Acresce que a «Tréplica», que é réplica, não chega bem a ser uma nem outra coisa. Por um lado, o autor, para alongar a prosa, introduziu nela a referência a outras refutações, misturando e caldeando tudo, com prejuízo da boa ordem do debate. Por outro lado, deduzindo o aparato verbal, pouco mais de nada sobeja da resposta.

Em todo o caso, manda a verdade que se reconheça não terem sido de todo perdidos os reparos que se formularam. Pelo menos, modificou-se para melhor a disposição do sr. eng. Cunha Leal. Recolheu ao armazém dos acessórios o material mais ou menos macabro de que se servira tão pródigamente. Nem «jacqueries», nem «cemitérios», nem «espectros». E também não volta a fa-

(Continua na 17.ª página)

O marechal Zukov

A ultima visita oficial de Zukov foi á Albania. No regresso é que o marechal encontrou a surpresa de se saber destituído das suas altas funções de ministro da Defesa do Governo russo. Aqui o vemos, no aerodromo de Tirana, recebendo flores de uma pequena camponesa

O escritor Alves Redol responde à nota oficiosa do Ministério da Economia em que foi posto em causa

O escritor Alves Redol, autor das afirmações contidas na entrevista publicada no nosso prezado colega «Republica» e ontem comentada em nota oficiosa do Ministério da Economia, procurou-nos hoje para nos pedir a publicação do seguinte documento:

«Publicou o Ministério da Economia, nos jornais da tarde de ontem, dia 30, uma nota oficiosa acerca de uma entrevista minha publicada na «Republica» em 27 deste mês. Aproveita-se no documento oficial, segundo se diz, a oportunidade para responder também a outros oposicionistas. Acabando amanhã, dia 31, o período consentido para a discussão dos problemas nacionais, ficaram-me umas escassas horas para documentar estas achegas. Não será, porém, esse motivo que me impedirá de procurar esclarecer a verdade.

Esta resposta, sendo a defesa a acusação produzida por um serviço publico, e em persecução do direito que todo o cidadão tem em ver o seu bom nome e a sua boa fé respeitados, excede o significado de uma mera intervenção na campanha eleitoral, e, por isso, espero que a sua publicação não seja pre-

(Continua na 3.ª página)

Lola Flores casou-se e, como não podia deixar de ser (ou poderia?) com alguém que pode apreciar devidamente a sua arte, uma vez que é, também, um dos mais conhecidos intérpretes do folclore espanhol, o guitarrista e «bailaor» António Gonzalez Batista. Logo no dia da boda, os noivos exibiram-se em conjunto e não sabemos se terão ido para viagem de nupcias ou para alguma «tournée» artística...

O orgulho americano sente-se ferido com a perda do monopólio dos estudos e da técnica nucleares

WASHINGTON, 31. — O presidente Eisenhower confirmou oficialmente que irá a Paris em 15 de Dezembro próximo.

É lícito pensar que o presidente dos Estados Unidos já tinha tomado esta decisão na passada sexta-

(Continua na página seguinte)

«Diário de Lisboa» publica hoje 20 páginas

Confidências de Kruchtchev sobre o caso da Síria—(1)

por **ANEURIN BEVAN**

Durante a visita que há tempo fez á União Soviética, o deputado trabalhista Aneurin Bevan — futuro ministro dos Negócios Estrangeiros do seu país, caso os trabalhistas subam ao Poder — recolheu as confidências de Nikita Kruchtchev sobre a situação no Médio Oriente e, de maneira especial, sobre os acontecimentos da Síria. Essas confidências foram agora reveladas por Bevan e constituem um elemento de informação e esclarecimento indispensável para a compreensão do «mistério sírio» e de um dos seus mais curiosos episódios — o roubo dos documentos de Loyd Henderson, os quais, segundo afirma o «Monde», foram parar ás mãos dos dirigentes soviéticos e estes actualmente utilizam contra os Americanos e a sua diplomacia.

«Que se passa para explicar que, nos ultimos tempos, a vossa diplomacia acumule erros sobre erros», começou por me dizer Kruchtchev que logo acrescentou: «E que razões haverá para justificar os êxitos correspondentes da diplomacia soviética? Os ocidentais são mais experimentados do que nós. Por detrás da vossa diplomacia há uma experiência secular. O vosso conhecimento da vida internacional é incomparavelmente superior ao nosso!».

O secretário do Partido Comunista russo mostrava-se mais

(Continua na 14.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Palavras... Palavras... Palavras...

(Continuação da página anterior)

direitos e alguns dos palradores cuidaram mais de ganhar as suas esporas de oiro do que pròpriamente de afirmar alguma coisa que valesse a pena. Abrem-se, naturalmente, excepções honrosas, e deixamos a cada um o direito de pensar que a sua é uma delas.

Não se pode deixar de reconhecer, contudo, que estas válvulas de segurança periódicas, por mais comandadas que sejam, têm a sua vantagem, na medida em que deixam escapar os vapores perigosamente acumulados durante anos de silêncio forçado.

Sejam quais forem as ideologias em confronto e as divergências de opinião que extremem os campos opostos, custa-nos a crer que não seja possível encontrar, na diversidade de fracções em que nos dividimos, o denominador comum a que o sr. Presidente do Conselho se referiu no seu último discurso e que não pode deixar de ser o interesse colectivo a que têm de subordinar-se todos os nossos actos, muito acima das questões de lana caprina que possam dividir-nos. O futuro de Portugal não se compadece, na realidade, com as pugnas de campanário que nos fazem perder tempo e cavam mais fundo os ódios e as paixões a que convinha pôr termo. Nada se adianta em discutir, desde que os adversários se coloquem em posições irredutíveis e não cedam um passo no caminho da compreensão e da tolerancia.

Concordamos, como afirmou ontem no Porto o prof. Marcelo Caetano—em que «é muito fácil manifestar descontentamentos, impaciências, insatisfações». «Todos os homens, que têm passado pelo Governo sabem, porém—*prosseguiu*—como tanta coisa que parece fácil a quem se limita a raciocinar e a perorar no círculo dos amigos surge com aspectos de insuspeitada complexidade quando tem de ser considerada para se assumir a responsabilidade de uma solução».

Desta vez, voltou á baila o passado, que é já um bordão usual da propaganda situacionista, e nem sempre, valha a verdade, ele foi evocado com aquela isenção e aquele espírito de justiça que deve prevalecer sobre a intolerancia e o sectarismo político. Gostariamos que nos falassem menos do passado e mais do futuro. Nós pensamos, a tal respeito, como o sr. dr. Albino dos Reis, que afirmou em Aveiro, num discurso sereno e corajoso: «Estimaria bem que o passado nos dividisse menos e que o futuro da Pátria nos unisse mais».

Por sua vez, o sr. ministro do Interior, discursando em Bragança, fez um apelo á concórdia e á união de todos os Portugueses, afirmando que «hoje mais do que nunca, há necessidade de fortalecer a unidade moral da Nação, fazendo dela o baluarte contra o qual se quebrem todas as investidas que possam afectar a sua integridade».

E terminou com estas belas e nobres palavras, que não podem deixar de calar fundo no coração de todos os patriotas sinceros: «Hoje e sempre, para além dos regimes políticos e das suas contingências, para além dos homens e da sua idelologia política, um único pensamento—Portugal!».

Não sofre dúvida que é esta a boa doutrina, aquela que todos os Portugueses amantes da sua Pátria devem defender no íntimo da sua consciência e pela qual vale a pena terçar lanças e fazer sacrifícios. Devemos procurar, com efeito, tanto quanto em nossas forças caiba, servir melhor o interesse nacional em vez de nos enfraquecermos em lutas estéreis e inglórias, que terminam fatalmente pelo cansaço, pela desilusão e não poucas vezes por amargas e dolorosas represálias.

«É de duvidar, mas teria sido para desejar—*escreve hoje o nosso prezado colega «Diário da Manhã», e esta doutrina tem o nosso inteiro aplauso*—que da presente campanha resultasse um largo e generoso entendimento acima das paixões, dos interesses e das ideias com que os homens quebram a harmonia da vida e a paz social. Hoje, como ontem, continua bem certo que todos não somos de mais para continuar Portugal e é ainda verdade que uma larga e rasgada política de união nacional é mais nobre, mais construtiva e mais generosa que toda a luta fratricida em que possamos envolver-nos por orgulho da inteligência, cupidez dos sentidos, ou maldade do coração».

Perante as surpresas que o futuro nos reserva, as apreensões que nos inquietam e os perigos que nos ameaçam, há que cerrar fileiras em torno de uma bandeira e essa só pode ser a da Pátria, que o regime procura servir e engrandecer. Unidos, seremos fortes e resistiremos com mais probabilidades de êxito ao vendaval que pode soprar de um momento para o outro. Mas se persistirmos em nos combater mutuamente, atirando para a liça o veneno dos despeitos e o fogo das paixões, só contribuimos para a nossa fraqueza e para cavar a ruina em vez de construir a felicidade. Estamos sempre a tempo de reflectir sobre a parábola dos sete vimes e de recolher o exemplo edificante que ela nos oferece.

A série de lições do Círculo Agronómico da Federação dos Trigos

Eefectuou-se hoje mais uma reunião do Círculo Agronómico da F. N. P. T., na qual apresentou uma comunicação o sr. eng.º agr.º António Sousa Vieira Castelo Branco, subordinada ao título «*Alguns aspectos da fertilidade dos solos*».

O autor focou vários aspectos do problema, nomeadamente os seguintes: condições e factores fundamentais para que os solos disponham da fertilidade natural adquirida; a acção da fertilidade dos solos nos seus vários conceitos e aspectos; causas da infertilidade dos solos; breve análise da influência da matéria organica na fertilidade dos solos do continente português. A palestra terminou com a apresentação de algumas sugestões para promover o enriquecimento dos solos em matéria organica.

Presidiu á sessão o sr. prof. eng.º Henrique de Barros, presidente do Círculo, e assistiram tados os engenheiros agrónomos em serviço no organismo.

Em SETUBAL é o «Diário de Lisboa» vendido pelo sr. Augusto Carlos, Irmão, Ld.ª.

Amanhã - 6.ª feira
ARROZ DE FRANGO
Á PORTUGUESA
BACALHAU Á TERMINUS
Especialidade do
BAR - EXPRESSO
TERMINUS
RESERVE A SUA MESA
Rua 1.º de Dez.º, 67 — Tel. 24597

Gaillard procura formar um governo de técnicos?

(Continuação da página anterior)

tro das próprias fileiras de qualquer dos dois agrupamentos políticos

Os dirigentes dos socialistas e dos conservadores resolveram trocar impressões com os seus correligionários mais categorizados, logo que tiveram conhecimento, ontem, á noite, de que Gaillard havia declarado ao presidente René Coty que decidira aceitar o convite para tentar formar um novo Governo.

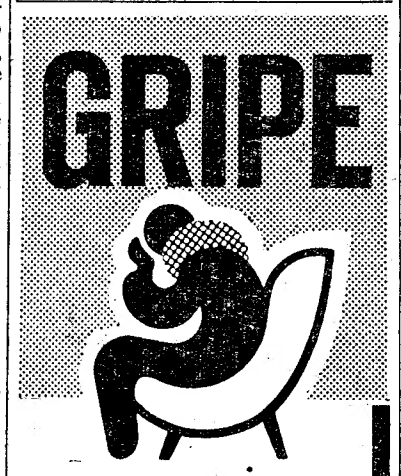
Ao anunciar publicamente a sua decisão, o presidente do Conselho designado disse, de maneira bem clara, que está empenhado em constituir um ministério que, organizado numa base de «vasta representação partidária», tenha condições para «durar», resistindo á inconstante ressaca das marés da Assembleia Nacional.

Observadores autorizados interpretam essa declaração de Gaillard como indicação de que se sente encorajado por promessas de apoio, tanto dos socialistas como dos conservadores, uma vez que são, neste momento, os dois agrupamentos políticos que estão em vantajosa posição de determinar a sorte de qualquer futuro Governo, no actual Parlamento.

Gaillard tenciona organizar um Gabinete de «técnicos», capaz de instaurar um «regime de austeridade», que reabilite a França, económica e politicamente. O novo candidato á Presidência do Conselho espera poder apresentar o seu elenco ministerial á Assembleia Nacional, na terça-feira da próxima semana.—(A. N. I.).

Parecer favorável dos independentes e agrários

PARIS, 31 — Os parlamentares independentes e agrários, que se reuniram esta manhã, manifestaram «parecer muito favorável» relativamente á investidura de Félix Gaillard e pronunciaram-se a favor do princípio de uma participação no Ministério a constituir. Contudo, só assentarão numa atitude definitiva quando o programa do chefe do Governo sondado for comunicado aos grupos da Assembleia Nacional. — (F. P.).



é o remédio de acção rápida na gripe. Deixem as experiências e tomem Aspirina imediatamente, a qual deu já sobejamente provas das suas qualidades inigualáveis! A cruz Bayer em todos os comprimidos é a vossa melhor garantia.

BAYER

o sinal da confiança

Aspirina) Autêntica só com a cruz Bayer*

*Marca registada

A corrida atómica

(Continuação da página anterior)

-feira, quando Paul-Henri Spaak propôs na Casa Branca, na presença de Harold MacMillan, a reunião de uma conferência no mais alto nível, alargada a todas as nações da N. A. T. O. No espírito dos estadistas inglês e americano, assim como no do secretário-geral da N. A. T. O., cada um dos quais teve parte nesta iniciativa, tem-se em vista dar o máximo alcance a este projecto.

Com este objectivo, dá-se ao Conselho da N. A. T. O. a responsabilidade das decisões a tomar e evita-se apresentar a ideia como decisão tomada em «comissão restrita», em Washington, e de certo modo imposta ás outras nações aliadas. Os trabalhos da reunião de Paris, colocada sob o signo da «interdependência» dos membros da comunidade atlantica, vão ser minuciosamente preparados com base no «esquema» apresentado em Washington por Paul-Henri Spaak.

Este esquema abrange a harmonização das políticas externas das nações atlanticas; o acesso de todos os membros da N. A. T. O. ás fontes de informação científica e aos «stocks» de armas modernas que algumas dessas nações possuem em exclusivo; e a racionalização do intercambio económico.

No que diz respeito aos Estados Unidos, a sua principal contribuição para a reorganização do mecanismo da defesa atlantica será pôr de parte a política de segredo em matéria nuclear. O presidente Eisenhower conta poder assegurar em Dezembro, aos aliados dos Estados Unidos, que o Congresso vê com favor uma modificação da lei Mac Mahon. Mas, quanto a este ponto, continua a haver divergências no Capitólio. Parece difícil fazer aceitar a ideia do fabrico generalizado de engenhos atómicos e foguetões. Isso, aliás, estaria em contradição com a necessidade, que agora se reconhece, de evitar desperdícios e duplicações. Compete ao presidente Eisenhower elaborar, antes de partir para Paris, um projecto de compromisso que permita maior participação da Ciência, da Técnica e da Industria da Europa na construção de armas ultra-modernas, e ao mesmo tempo aceda ao desejo evidente de parte da opinião publica americana, que não deseja ver o seu país completamente despojado do seu «monopolio» nuclear. — (France Presse).

Prof. Celso Cunha

Com a presença do director da Faculdade de Letras, prof. Vitorino Nemésio, numerosos professores catedráticos, escritores, investigadores e muitos alunos, o ilustre filólogo brasileiro, prof. Celso Cunha, director da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e catedrático da Universidade do Brasil, pronunciou esta tarde, na sala de actos da Faculdade de Letras, uma notável conferência sobre «Questões de fonética intervocabular».

Importação de bovinos para aperfeiçoamento de raças leiteiras

Chegaram hoje a Lisboa, no vapor «S. Miguel», vindos da Holanda, seis touros reprodutores que a Direcção Geral dos Serviços Pecuários adquiriu naquele país, e mais três adquiridos pela U. C. A. L., animais que se destinam a ser distribuidos pelos vários estabelecimentos zootécnicos da Direcção Geral dos Serviços Pecuários, para melhorar os nossos efectivos de bovinos leiteiros.

Há que destacar o importante contributo prestado pela U.C.A.L. com a importação dos três belos exemplares, através dos quais vai ser feita a beneficiação das vacas dos seus associados, pelo método da inseminação artificial, trabalho a efectuar pelo Centro de Estudos de Reprodução Animal.

Este método permitirá tirar dos reprodutores importados muito maior rendimento, decuplicando, pelo menos, o numero de fêmeas que cada um poderia beneficiar pelo método natural.

Tal sistema será também utilizado no aproveitamento dos reprodutores importados pelos Serviços Pecuários, onde seja viável e tècnicamente aconselhável.

Para se fazer ideia do valor destes animais basta dizer que o seu custo por unidade oscilou entre quarente e cento e vinte contos.

SAI AMANHÃ o 2.º NUMERO de
"TV-MAGAZINE"
UMA NOVA PUBLICAÇÃO DA
AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS
«TV - MAGAZINE»
A unica revista portuguesa de espectáculos
NESTE NÚMERO, ALEM DE OUTROS ASSUNTOS:
* Uma vedeta em Lisboa
* Uma entrevista com Fernando Pessa
* «TV Magazine» na Rádiotelevisão Portuguesa
* Crítica a «O Morgado de Fafe»
* O êxito de Tony de Matos no Brasil
E O CONCURSO «5 ESTRELAS PARA A TV»
Uma oportunidade para todas as jovens portuguesas
*
HOJE, às 21 e 30, na R. T. P.
«TV MAGAZINE» apresenta mais um programa especial com
* ANNY RAUJA
* GABY WAGENHEIM
* e o conjunto de JORGE MACHADO
Locução de Jorge Alves — Realização de Fernando Frazão

PHILIPS PORTUGUESA, S.A.R.L.
Informa os seus estimados clientes e amigos que os seus escritórios, armazéns e oficinas encerram os seus serviços hoje a partir das 18 e 19 horas, só reabrindo 2.ª feira, dia 4, às 9 horas.

Alves Redol responde ao Ministério da Economia

(Continuação da 1.ª página)

judicada pelo virtual encerramento daquela.

Em primeiro lugar devo confirmar que se deu uma troca lamentável na indicação dos saldos negativos da balança comercial, como se se tratasse de saldos da balança de pagamentos. Sem ser técnico de economia, quero sublinhar que não confundo uma com a outra. A destrinça é fácil. Mas como só interessa a todos, certamente, a verdade inteira, convém esclarecer que houve intromissões estranhas na minha opinião, do que resultaram deformações inconvenientes para a compreensão do meu testemunho.

Ao falar na industrialização do País, citava numeros de 1955 referentes a certas importações que me pareciam desarmónicas com certos princípios enunciados pelo Chefe do Governo, cujas palavras também transcrevia e que não foram publicadas. Dizem essas palavras: «Sinto quase como no princípio a forte pressão dos nossos defeitos administrativos, da nossa prodigalidade, do nosso prazer de gastar, das nossas aspirações desmedidas, do secreto desejo dos serviços de furtar as despesas a uma fiscalização rigorosa».

Dos numeros oficiais extraía eu uma comparação, que julgo confirmar os defeitos atrás citados. Gastaram-se em máquinas industriais 750.007 contos e em automóveis (16.987 unidades) 753.656 contos.

Lembrava que, por exemplo, em 1954 se importaram 3.892 unidades de veículos de carga e 10.003 de carros para transporte de pessoas, o que confirmava um período em que se dizia: — No descalabro da nossa balança comercial é sempre muito superior a verba dos milhares de contos de automóveis á das máquinas industriais.

Nesta altura é que deviam inserir-se os numeros da balança comercial, que a nota oficiosa não contesta, pois são dolorosamente verdadeiros, e que merecem meditação.

Saldos negativos desde 1942 agravados particularmente em 1947 com 5.138 milhares de contos, em 1948 com 6.039 milhares de contos e em 1949 com 4.940 milhares de contos. Em 1953 e 1954 esses numeros andavam á volta dos 3 milhões de contos. E era em consequência disso, que citava numeros sobre importações de peles, adornos, sedas, etc., para os pôr em contraste com certos índices precários de elementos fundamentais na vida do homem português. Era aí depois que recordava uma frase de Salazar: «...não discutimos o trabalho nem como direito nem como obrigação. Não como direito, porque seria obrigar aqueles que não têm senão o seu braço a morrer de fome; não como obrigação porque seria conceder aos ricos o direito de viver do trabalho dos pobres».

Reportando-me, pois aos numeros citados, pode afirmar-se que a *balança comercial do País é habitualmente negativa.* E que quanto á balança de pagamentos, segundo um jornal da especialidade, ela é «*estruturalmente negativa*, por serem os saldos pósitivos, quando se processam, derivados essencialmente dos baixos consumos na maioria da população nacional».

Apesar da nota oficiosa tão detalhada, julgo que há nela um critério diferente daquele que me importa. Eu penso, e esse facto não significa que me julgue economista, não ser a estabilidade financeira o mesmo que estabilidade económica. Não nego a valorização do escudo nem a importancia das reservas financeiras constituídas ao longo deste período. Simplesmente a estabilidade financeira significa hoje estabilidade das grandes fortunas e dos monopólios dominantes em cada sector económico. O povo não tem essa estabilidade traduzida no seu bem estar e as pequenas e médias empresas também o confirmam na vida difícil que arrastam.

E neste facto importante e decisivo não faço mais do que exprimir o que a maioria experimenta na vida de todas os horas, o que aliás é confirmado por testemunhos indicados na minha entrevista: o dos professores Marcelo Caetano e Ferreira Dias, e o do engenheiro Araujo Correia.

Quanto ao rendimento nacional, *per capita*, que subiu, segundo a nota, com o incremento anual de 4,5% será bom explicar que esta capitação se faz em relação a numeros globais. Esses numeros não distinguem a frequência mínima dos rendimentos das grandes fortunas e a frequência máxima dominante dos míseros rendimentos da maior parte da classe média e da quase totalidade da população trabalhadora. Julgo poder afirmar que a população rural não atinge o mínimo *per capita* estabelecido. Ainda ao falar-se em numeros globais não se atende ao elemento corrector da inflação monetária e da inflação dos preços, e muito menos se consideram, ao atender-se a preços, aos artigos de maior frequência na dieta do povo português.

Seria util, por certo, que alguns destes aspectos fossem amplamente debatidos por técnicos, e para além deste minguado período de «liberdade suficiente».

No que respeita ao sexto articulado, o da siderurgia, é de lamentar que a Comissão de Engenharia do Senado tivesse dado em 1913 um tal parecer, embora por essa data não se pudesse exigir, como 15 ou 30 anos depois, uma compreensão atilada de tão importante problema. Todos avaliamos, ou sabemos, como em muitos países da Europa se abandonou, então, o sector industrial, nalguns deles por razões que não importa aqui estudar. Talvez naquela opinião precária se entrasse em linha de conta com alguns fracassos de 1647 (Tomar e Figueiró dos Vinhos), 1697 (fábrica da Foz do Alge), em que se insistiu durante 21 anos, de 1802 a 1836, sem contar com o que já se fizera até antes da formação da nacionalidade.

Mas a verdade actual, só essa deve a todos interessar, é que quase deixámos passar 50 anos por cima desse parecer; e durante este período teria sido possível, adiar outras iniciativas menos eficientes para a resolução da nossa independência em tão importante e decisivo sector, como é o do ferro. Quanto ao pormenor deste agudíssimo problema é evidente que não sei da sua técnica, pois não passo dum eleitor interessado pelos problemas nacionais, sem possibilidades de recorrer a especialistas e serviços que me forneçam detalhes. A minha entrevista está isenta de qualquer pretensão de linguagem científica, que mesmo agora não devo pedir emprestada. Os numeros que me impressionaram são autênticos, e até a nota me esclarece que em 1956 gastámos mais de 1 milhão de contos na importação de ferro e aço. Mas isso só me ajuda a compreender ainda melhor, quanto temos desperdiçado.

Folgaremos todos quando o assunto se resolver. Tanto, pelo menos, como, sucede com o esforço efectuado na electricidade, a que não aludi, por não ter pretendido esgotar, o que seria absurdo, todos os aspectos da vida nacional. Nunca me animou tal pretensão. Contudo, parece-me que também aí andámos com certo atraso, pois ainda em 1936 só dispunhamos de 51 kWh por habitante. Agora cabe a cada português 262 kWh, segundo a nota oficiosa. E' um bom sintoma que não posso avaliar exactamente, uma vez que não disponho de numeros relativos á evolução desse consumo nos restantes países do quadro europeu. Sei que em 1936 a Noruega tinha 2.800 kWh por habitante, a Suécia 1.220 e a Suíça 1.170 kWh.

Entre nós, o preço da electricidade é caro. Nas populações rurais a electricidade chega ás ruas, mas não vai a muitas casas, ás vezes por se não poder pagar a baixada e também por ser um encargo oneroso as pessoas alumiarem-se com energia eléctrica.

O anuncio de que em 1964 atingiremos os 5.00 milhões de kWk é grato a todos, embora seja de esperar que, antes disso, possamos consumi-la a preço mais de harmonia com os rendimentos da maioria dos Portugueses.

No que respeita ao numero de técnicos de que precisamos para fazer face ás exigências da nossa época, responde a nota com os aumentos de edifícios e de população escolar. Ninguém negou esses numeros, ao que julgo, pois é evidente que não poderíamos ter agora o mesmo numero de escolas de 1926. Mas talvez valesse a pena pedir opinião acerca do ensino que se ministra nas escolas de hoje. Tanto a professores como a alunos.

Na minha entrevista eu lembrava que somos quase 22 milhões de indivíduos, na Metrópole e no Ultramar, cerca de metade dos habitantes da França. Que esta, só em ciências, forma anualmente 10.000 técnicos e que está alarmada com o seu atraso em relação ás necessidades da competição estabelecida, não por bizantinice, mas por necessidade autêntica de se manter no quadro dos países civilizados. Quantos técnicos preparamos nessa especialidade?

Não pus em duvida, pois, a capacidade dos nossos engenheiros e especialistas. Penso até que muitos deles poderiam, em regime de livre discussão, trazer aspectos ignorados da nossa autêntica situação. Mas devem ser poucos, mesmo para um país como o nosso. Então se incluirmos o Ultramar o numero deve ser bem precário, embora haja por aí técnicos desempregados ou fora das ocupações para que se prepararam.

Quanto ao nível alimentar recorri a médicos, que fizeram estudos sobre o assunto. Não podia proceder de outro modo. Para juntar aos elementos que transcrevi e aos indicados na nota do Ministério da Economia, carreio outros com a indicação dos nomes dos autores.

Do Inquérito Económico-Agrícola, do professor Lima Basto (1934-1936):

«O operário agrícola que não tem trabalho todo o ano, ou se o tem, vence pequeno salário, está numa situação precária, pois não dispõe do bastante para dar á família, e ele próprio ter, alimentação suficiente», em quantidade e qualidade, para manter devidamente o organismo. E mais adiante: «Estudada a alimentação normal, a que tem nos dias em que ganha, chegamos á conclusão de que cada unidade de consumo apenas obtem desse alimento 2.539 calorias, em vez de 3.400 de que necessita para trabalho moderado. Precisando o organismo de um adulto, de 100 gramas de proteínas, das quais 50 de origem animal, e de 100 gramas de gorduras, esse jornaleiro apenas tem, no que come, 74,7 de proteína, sendo os 3,4 de proteína animal, e 40,3 de gordura; de cálcio e ferro, os alimentos fornecem-lhe sómente cerca de metade da quantidade necessária. Mesmo assim, casos há em que a alimentação absorve 92,6 por cento do total das despesas, ficando apenas 7,4 para todo o restante.

Estudada uma amostra de caldo verde, que é um dos alimentos principais do rural do Norte, foi a amostra analisada pelo engenheiro-agrónomo Valente de Almeida, sob a direcção do ilustre prof. Boaventura de Azevedo. Verificou-se pelo saldo da análise que um litro de caldo verde oferecia 82 calorias».

De um estudo de Mário Bernardes Pereira, publicado em 1941:

«O valor calorigénico da ração de um feitor do Douro, objecto de estudo, era de 1.778 calorias por dia. Os jornaleiros correntemente recebem por dia: como almoço, uma sardinha; como jantar, um caldo e uma tijela de arroz; como ceia, um caldo e uma sardinha. O operário traz o pão á sua custa. A constituição das doses dos alimentos-base e seu valor em calorias, na alimentação dos trabalhadores, dá um total de 1.562 calorias. Apresentando um quadro comparativo da alimentação normal do homem do Douro, encontra-se um mínimo de 2.751 calorias, na Saxónia, e 6.693 no Norte da França».

Na Contribuição para o Estudo de Pelagra Endémica em Portugal, publicada em 1943, indicam os seus autores as médias de consumo diário por unidade, e os máximos e os mínimos entre os quais oscilam: média 2.988 calorias; máxima 4.957 e mínimo 1.088 calorias.

Segundo estudos publicados pela Revista do Centro de Estudos Económicos as capitações de calorias, em relação aos censos de 1920 e 1940, são, respectivamente, de 2.259 e de 2.000. Noutro estudo fixam-se em 2.157 calorias para o período de 1920-24 e de 2.095 para o período de 1935-39.

Pelo engenheiro Quartim Graça foi escrito, em resumo, segundo a publicação do Centro de Estudos Demográficos, o seguinte: os ovos, o leite, a manteiga e o queijo são considerados pelas populações rurais artigos de luxo, que só excepcionalmente consomem, destinando-os em geral aos mercados. Resultado: fraca percentagem, na ração, de proteínas de origem animal; e certo numero de doenças de carência, provenientes de avitaminoses, tais como o raquitismo, espalhado por todo o País; a cárie dentária, igualmente, e muito em especial, no Douro; a pelagra, no Minho e outras regiões onde predomina o consumo da broa. Tal deficiência, diz ainda Quartim Graça, de grande parte dos rurais portugueses patenteia-se claramente nos registos das inspecções militares.

Num estudo de 1948, o eng.-agro. João António Oliveira e Silva apurou que entre 176 famílias, de todo o País, havia jornaleiros com a receita anual, por pessoa de família, de 767$44. O numero refere-se á classe A — jornaleiros que vivem exclusivamente, ou quase, de salários próprios e dos membros da família. Daí, como é evidente, todas as consequências de tão baixo rendimento. Para as 50 gramas de proteínas de origem animal fica-se, no máximo de 18, atingindo-se o numero mínimo de 3 gramas.

Vale muito a pena ler também o que tem dito o prof. Daniel Barbosa não só em discursos e teses, como no seu volume «Alguns Aspectos da Economia Portuguesa». No capítulo «Poder de compra» apontam-se muitas deficiências que convém remediar.

Numa comunicação á Sociedade de Ciências Médicas em 1950, o doutor Rocha Faria compara numeros elucidativos, sempre melhores no período de 1927-36 do que para o de 1937-46. Por dia e unidade de consumo, as calorias, por exemplo, são, respectivamente, de 3.300 e 3.127.

Como na minha entrevista, limito-me a transcrever.

Foi ontem publicado um comunicado dos Candidatos Independentes do Porto com numeros bem esclarecedores e que dão elementos para o julgamento de muitos problemas. E não faltariam mais elementos, se tivesse tempo para os recolher e citar, pois aproxima-se o fim das poucas horas com que fiquei para estas achegas. Tive de ler a nota oficiosa, recolher elementos, redigi-la e dactilografá-la. Sou eu também que vou distribuir, num carro alugado, estas achegas aos jornais.

Antes de terminar, quero dizer que a classificação a Portugal de país subdesenvolvido cabe a especialistas de organismos internacionais, que julgo responsáveis. Se também eles produzem «afirmações inexactas e se baralham lamentávelmente ideias e conceitos» ignoro a quem cabe a culpa, mas fico entupido.

A nota oficiosa conclui de uma maneira olimpica, mas confunde também. Na minha entrevista, só houve um ponto impreciso, que expliquei honestamente. Os numeros que indiquei são de técnicos também, talvez menos competentes do que os que colaboraram com o redactor da nota, o que é natural, admito, mas que não merecem mau tratamento, e também de numeros publicos que não foram forjados malévolamente. A nota termina, pois, com excesso de imaginação cientifica, o que é falta grave em homens de Ciência.

Não pretendi usar linguagem técnica, embora aceite perfeitamente que os técnicos se exprimam com o seu vocabulário. Mas tenho a impressão, se me é permitido ter impressões, de que os serviços publicos, os homens de Estado e as publicações oficiais deveriam usar uma linguagem suficientemente não cifrada, para que os cidadãos possam perceber, também aí, se são bem ou mal governados.

Devo dizer ainda, que apreciei muito o primor de delicadeza que os serviços do Ministério da Economia tiveram ao omitir o meu nome, na reprimenda publica, e colectiva, que entenderam dever dirigir-me. Mas como sempre escrevo o nome, aqui o deixo. Prometo voltar quando o entenderam, quanto mais não seja para aprender ideias e conceitos, que é pena não nos permitirem ouvir, podendo discuti-los serenamente, todos os dias. E com tempo. Todos aprenderíamos muito, com certeza.

ALVES REDOL»

Menos gripe

Voltaram a ser permitidas as visitas aos doentes dos H. C. L.

Voltaram a ser permitidas, a partir de amanhã, as visitas aos doentes dos Hospitais Civis, que haviam sido suspensas como disposição preventiva, durante o período mais agudo do surto da gripe asiática, que se tem feito sentir em Lisboa, em consequência do decrescimento da epidemia que se tem verificado esta semana.

500 doentes em Campo Maior

CAMPO MAIOR, 30. — Alastra nesta vila a epidemia da gripe asiática. Calcula-se que haja cerca de 500 pessoas atingidas.

UMA OBRA NOTÁVEL:

PÁGINAS DO MEU DIÁRIO

Memórias serenas e corajosas do eminente académico, político, economista e professor

ARMANDO MARQUES GUEDES

Dos bancos da Universidade até aos dias do 28-de-Maio. Depoimento do Ministro das Finanças do Governo derrubado. As épocas mais dramáticas da vida portuguesa depois de 1910.

E' uma realização da **EDITORIAL ENCICLOPÉDIA, LDA.**, Rua António Maria Cardoso, 33—Lisboa—Tel. 26452 (P. B. X.)

A' venda em todas as livrarias do País

GRIPES-FEBRE

ACETILCAFEÍNA

VITAMINA C — ACIDO ACETILSALICÍLICO — CAFEÍNA

aqueça-se com GAZCIDLA

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Deve intitular-se «Obrigado pelo vosso amor» a peça de Edgar Neville, «El Baile», que foi traduzida pelo escritor Manuel Fragoso. Deve subir á cena no Teatro Monumental, desempenhada por Laura Alves, Vasco Santana e Assis Pacheco. Esta peça está há meses em cena no Teatro do Leme, do Rio de Janeiro, com o título «Obrigado pelo amor de vocês», e desempenhada por Lourdes Mayer, Rodolfo Mayer e André Villon.

—A direcção da companhia que actuará no Teatro Avenida após os espectáculos da companhia Irene Isidro-José Gamboa será confiada ao actor Henrique Santana.

—A companhia que esteve a actuar no Teatro Sá da Bandeira, do Porto com excepção de algumas actrizes que já seencontram em Lisboa, continua naquela cidade, constando que vai ensaiar uma nova revista.

—A companhia brasileira de revistas já em viagem com rumo a Luanda, deve estrear-se no Teatro Restauração, entre 7 a 11 de Novembro.

—O grupo de bailados «Verde-Gaio» realiza dois espectáculos em Viana do Castelo, nos dias 15 e 16 do próximo mês.

—Continua por marcar a data certa em que, no Teatro Variedades, deve ser estreada a peça «A raposa e as uvas».

—Encontra-se em Luanda a artista Aura Ribeiro que se estreou com muito agrado.

—Intitula-se «O homem que espera» uma das peças que João Villaret representará na temporada que vai efectuar no Teatro Avenida.

—O conjunto «Saudades de Além-Mar», dirigido por Luís Piçarra, prossegue com inusitado êxito a sua digressão pela Província de Angola. No dia 11 do próximo mês actuará novamente em Luanda.

—O actor Virgílio Macieira será um dos intérpretes da peça «O avarento», que a TV Portuguesa apresentará brevemente.

Primeiras exibições

«O inimigo desconhecido», no Odeon

A história é imaginosa: — um monstro, nascido nas entranhas da Terra, precisa de energia atómica para viver e vai procurá-la ao laboratórios de experiências nucleares, lançando uma onde de destruição que o homem não pode impedir, até que um cientista «mata» o monstro neutralizando-lhe a radioactividade e destruindo-o por desintegração molecular.

O filme é inglês e, por isso, apesar da inverosimilhança do argumento, feito com notável dose de sobriedade, tentando, sempre que possível, sobrepor a realidade á fantasia. «O inimigo desconhecido» aconselha-se aos amantes das emoções fortes e aos admiradores de ficção científica.

Os intérpretes são: Dean Jagger, Edward Chapman, William Lucas e outros.

Complementos escolhidos a preceito. —*Visor 21.*

As estreias de hoje

No Politeama

Título—«O bolero de Raquel».
Produção—Mexicana.
Realizador—Miguel Delgado
Argumento—Cantinflas vive quatro personagens diferentes: — engraxador, pedreiro, bailarino e salvavidas.
Intérpretes—Mário Moreno (Cantinflas) e Manola Saevedra.
Processo—Normal.
Classificação—17 anos.

SHELL PORTUGUESA

O concelho de administração da Shell Portuguesa nomeou director daquela organização o sr. Rui Corrêa Henriques (Scisal), que terá a seu cargo o sector de «Vendas».

ÊXITO INCONTESTÁVEL, TOTAL! JAROFILME

FINALMENTE FEZ-SE LUZ DA CRÍTICA

«DIÁRIO ILUSTRADO» HUMANO, ESPECTACULAR, EMOTIVO...

«DIÁRIO DE LISBOA» A BATALHA É SOBERBA E VIOLENTA!

«DIÁRIO DE NOTICIAS» ESPECTÁCULO DE MERITO INCONTESTÁVEL!

«O SÉCULO» O FILME É ADMIRÁVEL, SUBLIME!

«DIÁRIO POPULAR» BELA PÁGINA DE CINEMA!

E O PÚBLICO ESGOTA AS LOTAÇÕES

Às 15.15, 18.15 e 21.30 (Para maiores de 12 anos)

SOBRE UM EPISÓDIO QUE APAIXONOU A OPINIÃO PÚBLICA

Todas as noites o publico, que vem esgotando as lotações do cinema São Jorge, tem vibrado intensamente com os episódios inesquecíveis da mais famosa batalha que a história regista. A isenção e o respeito pela verdade histórica dos factos eleva esta obra a um plano de alto nível, tornando-a uma autêntica página de ouro da

A Batalha do RIO da PRATA

Marinha Britanica a que o cinema deu a devida projecção. Dada a sua extraordinária categoria artística mereceu este filme a honra de ser apresentado a S. M. a Rainha Isabel II, no Real Espectáculo de Gala da Grã-Bretanha. O êxito que está alcançando agora em Lisboa justifica essa escolha de eleição. Espectáculo de mérito incontestável!

VISTAVISION TECHNICOLOR

2.ª SEMANA NO SÃO JORGE

• TEATRO ABC •

TODAS AS NOITES

A RAINHA DAS REVISTAS!

CASA DA SORTE

com HERMINIA * ALVARO PEREIRA

E UM GRANDE ELENCO

Tel. 366783

Amanhã, feriado, espectáculo ás 16 h

HERMINIA SILVA na «Nova Tendinha»

• TEATRO ABC •

DUAS SESSÕES, ás 20,45 e 23 horas

O espectáculo triunfante!

CASA DA SORTE

com LEÓNIA * CARLOS COELHO, MARIA ADELINA, JOSÉ VIANA, etc.

Emp. José Miguel (17 anos)

Amanhã, feriado, espectáculo ás 16 h.

Amanhã, estreia no EDEN

MAIORES DE 12 ANOS

HERZOG FILMVERLEIH

ROMY SCHNEIDER, secundada por KARLHEINZ BÖHM e O. E. HESSE, no seu primeiro filme passado na actualidade!

KITTY E OS «4 GRANDES»

ELES reuniram-se em Genebra para tomarem graves decisões, mas não esperavam que os seus planos fossem alterados pela travêssa KITTY...

UMA COMÉDIA DELICIOSA, QUE ENCANTA TODO O GÉNERO DE PÚBLICO

EASTMANCOLOR

Produção HERZOG - FILMERLEIH

Dist. EXCLUSIVOS TRIUNFO

«BOITE DE NUIT» NINA (Maiores de 17 anos)

APRESENTA

uma atracção de excepcional categoria artística:

os excitantes bailarinos

"DE MARLOS"

atracção vedeta da companhia de Danny Kaye

TAVERNA SEVILHANA

BOITE DE NUIT

GONZALO LA PUERTA

LARGO DO REGEDOR, 7 TEL. 34932

Leiam o jornal humoristico sempre fixe

A Banda Cómica «El Empastre»

Hoje e todas as noites, no Coliseu, com as maiores atracções da Primeira Companhia de Circo num espectáculo a que podem assistir todas as crianças a partir dos 6 anos

A Banda cómica «El Empastre», é sem duvida, uma verdadeira fábrica de gargalhada e, ao mesmo tempo, de explêndida musica. Vá ao Coliseu ver esta maravilha que tem entusiasmado Lisboa e que hoje e todas as noites se apresenta com a Primeira Companhia de Circo, integrada nas maiores atracções da actualidade: leões ferozes, ciclistas, cães amestrados e calculadores, cama élástica, saltos em trampolim, o homem foguete, «jongleur», acrobatas aéreos, excêntricos e os mais engraçados e originais palhaços. Amanhã espectáculo á tarde.

OLIMPIA CLUBE

"O sempre em esta"

HOJE E TODAS AS NOITES:

O MAIS CATEGORIZADO ESPECTÁCULO DE MUSIC-HALL DA CAPITAL

COM

Música para Dançar

JOSÉ MAGALHÃES E A SUA ORQUESTRA

COM O CANTOR

TITO

No Cantinho dos Condes:

CEIAS COM FADOS E GUITARRADAS PELO MELHOR FADISTA DA ACTUALIDADE

TEATRO AVENIDA

apresenta a Sociedade Artística **TEATRO PARA TODOS**
Direcção de **José Gamboa**
H O J E, ás 21.45 h.
6.ª-feira, dia 1, Feriado, espectáculos ás 16 e 21.45 h.
A COMÉDIA FRANCESA

COMO A VERDADE ENGANA!

com
I R E N E
e
GAMBOA
nos protagonistas
(Adultos)

Beatriz d'Almeida

Casa de
Celeste Rodrigues
R. Taipas, 14
Tel. 27256

LUSO

Trav. da Queimada, 8-A
Tel. 32889
(17 anos)
Hoje (até de madrugada), Fados e Canções. **Estreia** da «Rainha do Fado-Canção», da «Primavera no Fado», **M A R I A AMÁLIA** — Alberto Cardia—Isabel de Oliveira—Manuel Hilário—Constança Nunes e Raul Dias. Acompanhamentos por António Couto e Pedro Leal. AMANHÃ—**Reaparição** do popular cantador **JOAQUIM GERALDES.**

BETA
(PEÚGAS SEM RIVAL)
PONTO FINAL EM QUALIDADE
ALGODÃO LA MOUSSE NYLON
E PADRONAGEM

PIRILAMPO

O Restaurante que irradia a luz da boa cozinha em Portugal.
Frequência, a melhor da melhor.
RUA DOS SAPATEIROS, 168
(a dois passos do Rossio)

DOIS MOMENTOS ALTAMENTE CÓMICOS ... DE

Cantinflas

EN

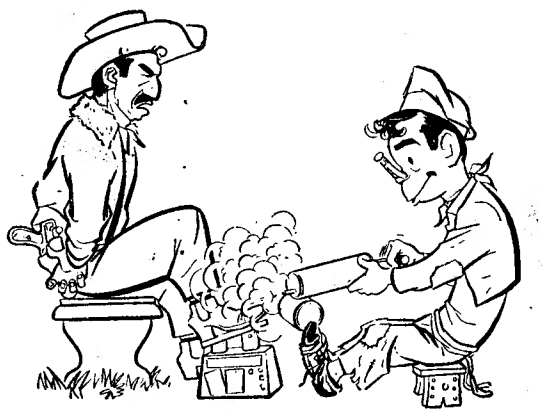
O BOLERO DE RAQUEL

A MAIS HILARIANTE COMÉDIA DE CANTINFLAS, PELA PRIMEIRA VEZ A CORES!

Produção POSA, FILMES, S. A.

em EASTMANCOLOR

(MAIORES DE 17 ANOS)



Tive que usar «Chipre» já não podia mais...

Que tal estas trutas...!

com
MANOLA SAAVEDRA, FLOR SILVESTRE e PAQUITO FERNANDEZ

HOJE no

POLITEAMA

Realização de MIGUEL M. DELGADO
Fotografia de GABRIEL FIGUEIROA

ESTREIA DE HOJE: O Bolero de Raquel POLITEAMA

SÃO LUIZ TEL. 27172
A's 15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (17 anos)
Quatro grandes vedetas, num filme esplendoroso em Cinemascope e Metrocolor
Mel Ferrer — Michèle Morgan — Pier Angeli — John Kerr
A VINDIMA TRÁGICA

EDEN TEL. 20768
Às 15,30, 18,30 e 21,30
Ultimos espectáculos
George Sanders, em
AMORES DE UM CANALHA
com **Yvone de Carlo**
A história mais ousada que o cinema moderno revelou.
— Para maiores de 17 anos —

CONDES TEL. 22523
Às 15.15 e 18.15 **(preços red.)** e 21.30 (17 anos)
Ultimas exibições!
UM CRIMINOSO À SOLTA
com **Joseph Cotten — Rhonda Fleming**
A história de um detective destemido que empregou a sua própria esposa para atrair um criminoso e provar a sua culpabilidade.

ALVALADE TEL. 763080
A's 15.15 (p. r.) e 21.45 (17 anos)
O esplendoroso filme em Cinemascope e Metrocolor
A VINDIMA TRÁGICA
Em plena vindima, a doce embriaguez do amor...
Com **Mel Ferrer — Michèle Morgan Pier Angeli e John Kerr**

CINEMA IDEAL TEL. 24194
A's 21 (17 anos)
O HOMEM SOLITÁRIO DIGA ISSO AO JUIZ

L I Z TEL. 48560
A's 15.15 e 21.15 (12 anos)
(17 anos)
A MULHER QUE SABE TUDO
Cinemascope — com **Spencer Tracy**
O CAVALEIRO DA RAINHA

TIVOLI TEL. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (pr. red.) e 9.30 da noite (12 anos)
4.ª semana triunfal
O GRANDE AMOR DA MINHA VIDA
com **Cary Grant e Deborah Kerr**
No programa: **Sintra**—produção de Filipe de Solms, realização de João Mendes

POLITEAMA TEL. 26305
Às 18.15 (17 anos)
Despedida do êxito em Cinemascópio
A SOMBRA NO TELHADO
HOJE, ás 21.30 — Em ESTREIA **CANTINFLAS**, na super-farsa musical
O BOLERO DE RAQUEL
Eastmancolor (Maiores de 17 anos)

ROMA TEL. 27778
Às 15,30 (pr. red.) e 21,45 (17 anos)
3.ª SEMANA
Um problema sério, que a todos interessa, tratado com invulgar humorismo
PAIS E FILHOS
com **Vittorio de Sica—Antonella Lualdi — Marcello Mastroianni**

ODEON TEL. 20285
15.15, 18.15 e 21.30 (17 anos)
O filme que vem na hora própria
X... O INIMIGO DESCONHECIDO
com **Dean Jager — Edward Chapman**

CAPITÓLIO TEL. 27493
A's 15.30 (p. r.) e 21.30 (12 anos)
Um filme que vem na hora própria
SATÉLITE NO CÉU
CINEMASCOPE
com **Kieron Moore e Lois Maxwell**

TERRASSE TEL. 20917
SANTIAGO
A's 21 (17 anos)
UM SEGREDO EM CADA SOMBRA

CASINO ESTORIL
A's 21.30 (17 anos)
O HOMEM TRANQUILO
com **John Wayne**

IMPÉRIO TEL. 55134-35
Às 15,15 e 21,30 (17 anos)
O maior êxito de Lisboa em 2.ª SEMANA
A CONDESSA DESCALÇA
Ava Gardner e Humphrey Bogart
pela 1.ª vez reunidos num grande filme.
O drama duma mulher livre que não pôde ser feliz com o unico homem que amou
Amanhã Feriado Nacional, Sessões ás 15,15, 18,15 e 21.30.

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15,15, 18,15, 21,30
2.ª SEMANA
A emocionante batalha com o «Graf Spee»
A BATALHA DO RIO DA PRATA
(12 anos)
com **John Gregson — Anthony Quayle — Peter Finch**
VistaVision Technicolor

MONUMENTAL TEL. 55131
A's 15.15 e 21.30 (12 anos)
Elsa Martinelli
a nova e sensacional vedeta do cinema mundial, num filme de grande êxito que vai entusiasmar o publico de Lisboa
DONATELLA
Cinemascope — com **Gabriel Ferzetti**

AVIS TEL. 47162
Às 15,30 (pr. red.) e 21.30 (17 anos)
5.ª SEMANA
O ULTIMO COUPLET
Três amores na vida de uma cançonetista que inspirava paixões violentas
com **Sara Montiel, Armando Calvo e Enrique Vera**

RESTELO Tel. 610375
A's 21.15 (12 anos)
JUVENTUDE DE UMA RAINHA
c/ **Romy Schneider**

ROYAL Telefone 845037
A's 21 horas (12 anos)
3.ª semana em continuação de estreia
A N S I E D A D E
com **Pedro Infante**
No programa: **O D. ELVIRA**

Maria VITORIA

Emp.ª «E. Salvador e Rui Martins, Lda.»
TODAS AS NOITES 2 SESSÕES ÀS 20.30 e 22.45 e
A MANHÃ
ESPECTÁCULO
À TARDE
ÀS 16 HORAS
SALVADOR
APRESENTA
A SUA MELHOR REVISTA

CURVAS PERIGOSAS

UM EXITO TOTAL COM

BIBI FERREIRA
ANTÓNIO SILVA

ANITA GUERREIRO
BARROSO LOPES
HUMBERTO MADEIRA
TERESA GOMES
À FRENTE DE UM VALIOSO ELENCO

VARIEDADES

Empresa Artística de Espectáculos, Lda.

BREVEMENTE

O MAIOR ACTOR DO BRASIL

PROCOPIO FERREIRA

E A SUA COMPANHIA BRASILEIRA DE COMÉDIA

De ontem para hoje

DOIS PROBLEMAS PROPOSTOS

O Coenaculum Arco-Iris promoveu mais uma reunião, na Casa do Alentejo, um jantar que foi pretexto para sentar, á volta da mesma mesa, cerca de duzentos convivas, sócios e alguns convidados. Pretexto que por sua vez era pretexto para explicar, discutir e discernir pontos de vista sobre temas vastos. Está o ar de Lisboa poluído? O sr. Herbert Aprá explicou que sim. Tem o alcoolismo importancia social? O dr. Diogo Furtado provou também que sim, revelando chagas sociais por ele produzidas. E o prof. dr. Mendes Correia, comentando no fim o alto nivel da sessão e o significado dos problemas postos, bem revelou a qualidade da reunião, onde acorreram nomes feitos das Letras e Ciências.

A VOZ DO REGIONALISMO

AS casas regionalistas de Lisboa vão eleger, de novo, a sua beleza regional — passe sem reparo o título do certame... — e a rádio vai-lhes dar uma colaboração mais ampla, consentanea. Partindo da feliz iniciativa, as agremiações regionalistas vão ter agora o seu programa semanal. A voz da terra portuguesa, a mais distante que esteja de Lisboa, trará assim á capital problemas e graças do seu turismo, de cultura e folclore. Através de vivas entrevistas, reportagens, teatro e canções, A Voz das Casas Regionais — é este o nome do novo programa — falará por esse Portugal pequenino e amorável que em estando triste ri e em estando alegre chora...

MEMÓRIA DA ILHA NOVA

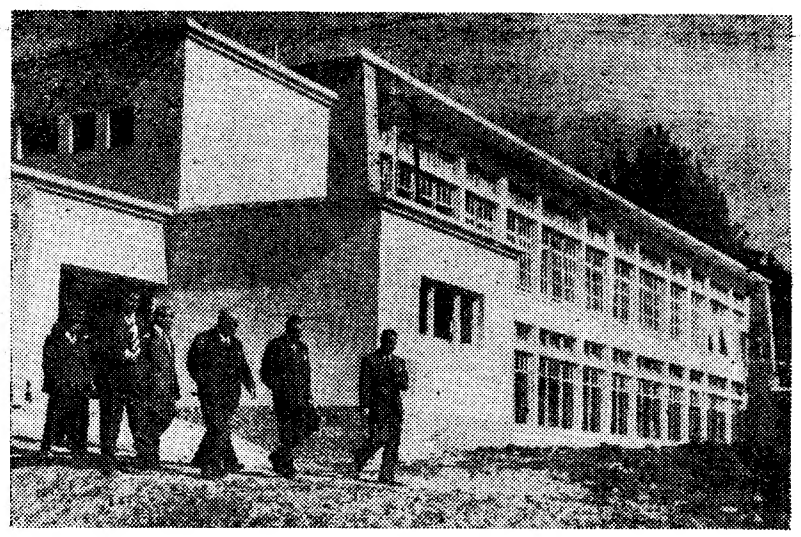
APÓS trinta dias de gestação e outros tantos de vida, a ilha nova dos Açores foi tragada pelo oceano que a tinha dado á luz. Como Urano, devorador dos filhos que fecundava e ele próprio deus dos oceanos, o mar levou-a, deixando apenas de si a efervescência das águas á superficie e a memória anedótica da sua vida episódica. Pacatamente, as populações da área atingida pelas explosões, cinzas e odores vulcanicos, regressaram aos lares. As terras, bem fecundadas, vão de novo verdejar e sobre os prados bucolicos, gados e pastores ficar-se-ão a olhar, na distancia oceanica, aquilo que para eles parece ter sido não miragem mas negro pesadelo.

LUGAR AOS JOVENS

FOMOS a Madrid tomar parte no Concurso Internacional dos Aprendizes de Espanha e não fizemos má figura. Já de outras vezes lá fomos e demos boa conta do engenho e arte dos nossos artífices. Agora, a par da Irlanda, Itália, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, França e Espanha, os nossos jovens, que buscam lugar condigno, conquistaram dois títulos para Portugal. São o Francisco Bráulio Freitas Cunha (soldador eléctrico) e o Francisco de Matos Dias (moldador). Dois modestos triunfadores que bem merecem aqui o nome. Se bem que não esteja previsto que a chegada sejam levados em ombros pelo seu triunfo.

JORNAL PEQUENO

O Presidente da Republica recebeu no Palácio Nacional de Belém o director do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército e Raul Ferreira. * Com o Presidente do Conselho trabalhou o ministro do Ultramar. * Regressou das provincias ultramarinas o eng.º Trigo de Morais, inspector superior do Fomento do Ultramar. * A lista das vitimas de acidentes de viação dá-nos oito feridos, quase todos de gravidade. São eles o empregado de hotel francês Yves Jean Marie Robert (Copreton, Landes, França) que de automóvel veio passar as férias a Portugal com sua mulher, cunhada e sogra e que em Alhandra chocou com uma camioneta; Luis Frois Rafael, condutor de camioneta, e o seu ajudante, José Martins Rodrigues (ambos de Rio Maior) que chocaram com outra camioneta perto de Alverca do Ribatejo; António Antunes Micael (Entroncamento), empregado da C. P., atropelado por uma camioneta, cujo motorista se pôs em fuga; e o pequeno António Pacheco, de 12 anos, que saía da escola, quando foi atropelado por outra camioneta, cujo condutor se pôs também em fuga. Coincidência, pois, a registar: foram quatro os desastres, motivados por motoristas de camionetas.



O bloco escolar do bairro do Restelo

Estão presos quatro dos cinco meliantes

que assaltaram a fábrica cujo guarda morreu de asfixia

Faz hoje seis dias que três meliantes assaltaram a fábrica Viuva Ferrão, Lda., no cais do Tojo e roubaram cerca de 16 contos que se encontravam na gaveta de uma secretária, para o que manietaram o guarda da fábrica João António de Carvalho, a quem agrediram e assassinaram, ao que se depreende do exame dos peritos do Instituto de Medicina Legal, por asfixia. Imediatamente principiaram as investigações que se impunham para a identificação dos criminosos, com bases nas indicações fornecidas pelo guarda-nocturno da área e pelo encarregado de uma casa de dormidas, que haviam visto sair da fábrica os assaltantes. As investigações foram dirigidas e orientadas pelo inspector sr, dr. Fernando Carvalho e Sousa, com a colaboração do chefe Graça e de trinta agentes. Fizeram rusgas pela cidade, percorreram-se alguns locais da Ribeira Nova, Cais do Tojo e Cais do Sodré, durante noite e dia, até que ontem surgiu uma pista. Soube-se que um dos assaltantes, Artur Mendes Branco, de 31 anos, natural de Lisboa, havia declarado a uma pessoa que os assaltantes não pretenderam matar o guarda da fábrica, embora o tivessem manietado e agredido.

O Branco era pessoa conhecida na Ribeira Nova, onde sua tia vende peixe e a quem algumas vezes roubara, e a quem ela acabou por perdoar. Assim, tornou-se logo notado que ele desaparecera do local onde era costume aparecer. Visto que usava «pullower» como um dos indivíduos que foram vistos sair da fábrica, na madrugada do crime, a polícia tratou de o identificar.

Entretanto, espalhou-se ontem por toda a cidade a notícia de que já estavam descobertos os assaltantes e que estes se encontravam presos. Ora o que havia a essa hora era ainda sòmente a presumível identificação de um dos assaltantes, que só foi capturado ás 22 horas e que, interrogado pela polícia, indicou os seus cumplices.

Disse o preso que a sua intenção e a dos cumplices não era matar o guarda da fábrica, nem contavam que ele desse pela presença deles.

Acrescentou que o antigo operário daquela fábrica, João Agostinho Serpa, de 25 anos, fora quem organizara todo o plano para o assalto, de combinação com os restantes cumplices. Preso esta madrugada, aquele indivíduo, foi igualmente detido, na unidade onde presta serviço o soldado Rui Fernandes da Silva, a pedido da Polícia Judiciária. O preso deve ser ouvido esta tarde por aquela polícia. Horas depois, a Polícia Internacional prendia em Vila Real de Santo António, outro dos criminosos, Valdemar Eduardo Videira Dias, quando pretendia ausentar-se para Tanger.

Dos cinco assaltantes falta apenas prender José Velez Dias da Costa, de 20 anos. A polícia enviou fotografias e sinais do fugitivo a todas as autoridades do País, visto presumir-se que ele se tenha ausentado para a província. No entanto, foram postados em vários pontos da cidade agentes da polícia para a captura deste ultimo, que falta prender.

Sabe-se que quando os assaltantes entraram na fábrica pela claraboia, caíu uma matriz sobre a peça de uma máquina que, por sua vez, caiu no chão e fez grande ruído, o que levou o guarda da fábrica a voltar atrás quando já ia a caminho do seu quarto para se deitar, que era no primeiro andar. Foi nessa altura que surpreendeu os meliantes na oficina de litografia, onde eles o enfrentaram.

Só depois de serem todos interrogados se poderá apurar o grau de responsabilidade que cabe a cada um dos cinco assaltantes, pois dois deles ficaram cá fora de vigia, mas, depois, parece que também entraram na fábrica. Este pormenor ainda não está bem esclarecido.

Como se efectuou a prisão de um dos criminosos

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 31 — *(Pelo telefone)* — Hoje, cerca das 9 horas, dirigiu-se ao posto da P. I. D. E., nesta vila, um indivíduo de nome Valdemar Eduardo Videira Dias, a perguntar se a documentação que tinha estava em ordem para atravessar o rio para Espanha. Disseram-lhe que sim, mas entretanto veio a ordem de captura e o agente Matos prendeu-o e comunicou imediatamente o caso para Lisboa. Sabe-se que o Valdemar passou a noite nesta vila, onde disse ter chegado ontem no comboio. Por outro lado, o José Velez Dias da Costa, unico dos cinco criminosos que falta prender, foi ontem visto em Tavira na companhia do Valdemar. O preso segue esta noite para Lisboa.

A vereação n uma s situadas em

O presidente e o vice-presidente da Camara Municipal, srs. tenente-coronel Salvação Barreto e Pastor de Macedo, acompanhados dos vereadores srs. Afra Nozes, Aníbal David e Sáphera da Costa, arquitecto António Lino e dr. Vicente Monteiro e ainda pelos srs. eng.º Ciro de Oliveira e Oliveira e Sousa, directores dos Serviços de Urbanização e de Obras, observaram esta manhã vários trabalhos em curso na capital.

Começou a visita pelo Bairro da Quinta do Jacinto, em Alcantara, onde se encontram em construção sete prédios, cada um dos quais importa em 390 contos, com quatro pisos e dois inquilinos por andar, com um total, portanto, de 56 habitações. A propósito foi recordado que a actividade da Camara na construção de casas começou há cerca de 22 anos com a edificação do Bairro do Dr. Oliveira Salazar, no Alvito, com verbas da Caixa do Pessoal da Camara e destinadas a esse pessoal. Alguns anos depois, estas casas foram vendidas ao Estado, iniciando-se em 1938 a construção dos bairros de casas desmontáveis, á qual se seguiu a de moradias unifamiliares, de carácter definitivo e, a partir de 1950, a de prédios de habitações colectivas. Os bairros de casas desmontáveis construídos são: o da Quinta da Calçada, com 498 habitações; o da Boa Vista, com 706, e o da Quinta das Furnas, com 280.

Em 1956, por necessidade de construção da Cidade Universitária, foram demolidas 74 moradias no Bairro da Quinta da Calçada. Para as substituir foram construídas 52 na Quinta das Furnas, pelo que o numero total de moradias deste tipo passou a ser de 1.462.

Com carácter definitivo, foram construídas as seguintes moradias unifamiliares: no Bairro do Caramão da Ajuda, 398 unidades; no do Grilo, com 29 prédios, 220 habitações, e o grupo experimental do Bairro da Quinta do Jacinto, com 24 habitações, 36 prédios de 292 habitações colectivas. Neste bairro encontram-se em construção sete prédios, com quatro pisos, e dois inquilinos por andar, com um total portanto, de 56 habitações. Uma destas habitações foi hoje visitada, verificando-se a sua boa construção e divisão. Cada um destes prédios custa cerca de 390 contos.

Inauguração no Estoril do magnifico Hotel Cibra

O desenvolvimento crescente da nossa industria hoteleira, justificado por necessidades de alojamentos que têm aumentado na medida em que tem subido também o numero dos que nos visitam e aqui procuram sossego para umas férias reparadoras, encontrou no Estoril o ambiente mais propicio. Estancia de fama internacional, destino seguro de tantos turistas que vêm de longe, atraídos pela amenidade do clima e pela beleza aliciante de uma praia oceanica, o Estoril é, de longa data, um dos centros hoteleiros mais reputados do País. Agora mesmo, uma nova iniciativa de grande projecção turística vem contribuir para firmar essa tradição, ao inaugurar-se ali mais um hotel, magnificamente situado e instalado com as mais largas preocupações de luxo e de conforto.

Pode, realmente, considerar-se um acontecimento digno de especial registo a inauguração do Hotel Cibra, á entrada do Estoril, perto da estação e erguido por iniciativa do activo industrial sr. Joaquim Matias, que, sendo natural de uma das mais laboriosas localidades da linha, muito se tem interessado pelo progresso da Costa do Sol. Hotel do tipo residencial, oferece aos hóspedes uma nova modalidade tão usual lá fora, mas não posta ainda em prática no Estoril, que consiste em proporcionar, além de um alojamento nas melhores condições de conforto, apenas o pequeno almoço, deixando aos hóspedes a liberdade de tomarem as refeições onde lhes aprouver.

Distribuídos por seis andares, o novo Hotel Cibra dispõe de cinquenta quartos, que se compõem de antecamara, casa de banho, quarto de dormir propriamente, e uma ampla varanda virada para o mar, com uma vista surpreendente sobre toda a baía de Cascais. Mobila-

(Continua na 9.ª página)

A assistência ao «cocktail» na «boite» do Hotel Cibra

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU!
UMA JOIA É SEMPRE UM VALOR.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
R. DA PRATA, 257

PASTA MEDICINAL
Couto
EVITA estomatites
TRATA doenças da boca

O milagre

Um filme extraordinário

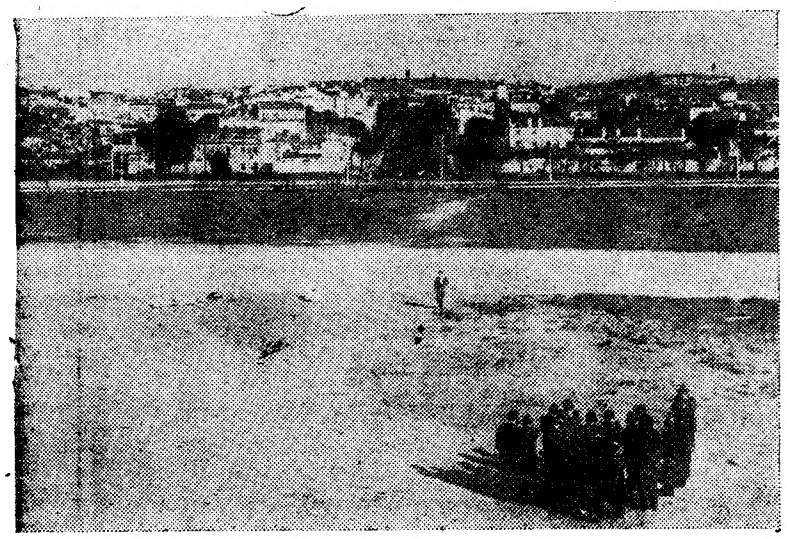
Agora que se anuncia a apresentação de «O mundo animal», entendemos dever dizer ao público o que é esse filme maravilhoso produzido em Technicolor. Irwin Allen é um cineasta especializado em assuntos sérios. E' dele o célebre filme «O mundo que nos cerca», que recebeu um «Oscar» da Academia. Depois dos seus êxitos passados quis dar ao público de todo o Mundo a história dos animais, desde o começo da Terra, há dois biliões e meio de anos, até nossos dias. Para isso, Irwin Allen teve de enviar a sua equipa de filmagem a 27 países e necessitou de três anos de preparação e produção. O filme foi realizado com a comparticipação de eminentes paleontólogos, naturalistas, zoólogos e várias organizações científicas. Para a já famosa sequência dos dinosáuros, que exigiu um trabalho de reconstituiução, visto tratar-se de animais cuja espécie se extinguiu há cerca de setenta milhões de anos, o produtor contratou Ray Harryhausen, brilhante técnico de animação a quem se devem as famosas criações de «King-Kong» e «O monstro do mar».

Na preparação do argumento, Irwin Allen procurou satisfazer todos os grupos religiosos sem ferir a susceptibilidade.

unicipal visitou hoje

érie de importantes obras

vários pontos da cidade



O vasto terreiro envolvente da Torre de Belém, que vai ser agora ajardinado

A caravana de automóveis seguiu epois para a Torre de Belém, para xaminar o projecto de arranjo en-olvente de que é autor o eng.º-grónomo e paisagista A. Faco Via-a Barreto, e cuja empreitada ge-al, com adicionais, importará em 067.534 escudos. A esta empreita-a haverá a acrescentar as de ijedo, que custará 476.256 escudos, da rede de águas, de 475.080 es-udos. Os trabalhos principiaram o dia 1 de Julho de 1956, e para sua conclusão falta a execução o que compete á Administração-eral do Porto de Lisboa.

Acompanhou esta visita o eng.º-grónomo Ribeiro Teles, que trata o ajardinamento e arborização da ona envolvente, esta especialmen-e com ulmeiros e choupos, estando revista uma plantação que cubra Forte do Bom Sucesso. Esta obra eve estar terminada em Abril de 958. Terá a zona dois acessos e mplo caminho até á histórica ca-ela do Restelo, também envolvida or zona arborizada, valorizando a elíquia que faz parte do triangulo anuelino que assenta no Mostei-o dos Jerónimos e na Torre de Be-ém. Cabe até a ideia de cavar no uteiro da Capela do Restelo a crip-a ou elevar um monumento a Vas-co da Gama, que não tem qualquer memória na capital.

Foi depois visitado o grupo escolar do Restelo, obra do arquitecto Carlos Rebelo de Andrade, que, com os seus auxiliares, deu explicações acerca do belo projecto, já em adiantada construção, e que consta de 16 aulas, oito para cada sexo, e cada uma para 40 alunos, 640 no total, e dispondo ainda de um refeitório.

Cita-se, a propósito, que o programa de construção de edifícios para escolas primárias de Lisboa principiou a executar-se em 1944 e continua em pleno desenvolvimento. Numa primeira fase, construiram-se as escolas do Alto de Santo Amaro, da Praça do Ultramar, da Rua Actor Vale, e duas no Bairro de Alvalade. A segunda fase compreende mais três grupos escolares do mesmo bairro, da Calçada da Cruz da Pedra, Bairro Social do Arco Cego, Areeiro, Picheleira, Vale Escuro, Bairro Santos, Campolide, Alto dos Moinhos, Calçada da Tapada e Rua da Bela Vista á Lapa. A estas duas fases seguir-se-á uma 3.ª, compreendendo vários outros grupos escolares, dos quais um, o da Praça de Goa, no Bairro do Restelo, se encontra já em via de conclusão. Nesta 3.ª fase serão construidos mais os seguintes grupos: Poço do Bispo, Olivais Norte, outro de Alvalade, Rua do Saco, Travessa de Santa Quitéria, Bairro das Furnas e Campo de Ourique. Encontram-se, portanto, construidos 19 novos grupos escolares, com um total de 280 aulas, com capacidade para 11.200 alunos. A verba total despendida pela Camara com a execução destes edifícios, desde 1944 até agora, foi de 41.320 contos.

Foi também hoje visitada a zona da Ribeira de Alcantara, onde numa 1.ª fase foi construido, de 1944 a 1949, o troço de Alcantara a Campolide na extensão de 3 quilómetros e que importou em cerca de 30.000 contos. A secção adoptada é parabólica com uma largura de 8 metros. Para uma segunda fase está projectada a canalização da ribeira para montante, desde Campolide até ás Portas de Benfica, estando adjudicando um troço desde Campolide á Travessa de S. Domingos de Benfica, e o troço de Sete Rios, em Campolide.

Foi ainda visitado o colector da Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, cuja execução se impunha com urgência por apresentar características de secção e perfil já insuficiente para drenar a vasta bacia, compreendendo a zona das Avenidas, o Campo Grande, o Lumiar, parte de Alvalade e da Cidade Universitária. A obra importará em 4.00.000 de escudos e estão já executados trabalhos na importancia de 1,150.00 escudos.

Finalmente, foi visitado o troço final do colector da Avenida 28 de Maio, cuja construção é de necessidade imediata pela execução da galeria do Metropolitano que atravessará aquela artéria, tendo em conta a hipótese de que para o referido colector viriam a ser drenadas as bacias do Campo Grande e Lumiar, pela Avenida 28 de Maio. O colector, de betão armado, tem uma extensão de 170 metros e está orçamentado em 2.600.000 escudos.

O presidente da Camara troca impressões com os vereadores em frente da Torre de Belém

O falso médico

começou esta tarde

a responder na Boa Hora

pelo conjunto de treze incriminações

A triste aventura do «falso médico», a que a Imprensa deu largo desenvolvimento, na altura do caso ter sido denunciado á Polícia, começou hoje, ás 11 horas, a ser apreciada sob o aspecto jurídico, no 8.º juizo correccional da Boa-Hora, sob a presidência do juiz, sr. dr. Alves Pinto, que tinha como delegado do Ministério Publico o sr. dr. Dias Coelho. Pouco interesse publico. Na sala, apenas família e um pequeno grupo de amigos. O pleito, durante a discussão, será escrito para a acta, para efeito de possível recurso, a pedido do patrono do réu, o sr. dr. Mário Reis. O homem que enganou os padecentes, cujas vidas lhe confiaram, mostra-se arrependido da sua mistificação, ao ser olhado com desdem, por aqueles que o consideravam médico. Chama-se ele Manuel José Rodrigues Machado, tem 23 anos de idade, é casado e marítimo de profissão. E' que este que ficou célebre através do noticiário dos jornais com o título de «falso médico», foi moço de bordo e fez várias viagens. As suas qualidades literárias são definidas no processo com a 3.ª classe de instrução primária. E, mais adiante, o Ministério Publico afirma—durante os anos de 1955 e de 1956, sem qualquer título bastante, e com aquela preparação, fez-se ouvinte nalgumas disciplinas da Faculdade de Medicina. Munido sempre de muitos livros científicos, chegou mesmo a estudar muito para se preparar para trilhar uma vida audaciosa que um dia teria o seu fim — como teve. Envergonhou a família que tem um nome honrado, embora tivesse sido um seu parente muito próximo, desgostoso com o que se passava, que o denunciou á Polícia. Ao fim e ao cabo, ainda foi a mesma pessoa quem o amparou, dando o dinheiro para a caução—25.000 escudos para aguardar em liberdade que a justiça lhe indicasse o seu caminho de *amanhã*— e ainda indemnisou determinados comerciantes de Lisboa para, com esse gesto, humanizar a situação do Rodrigues Machado.

Em dado momento, fazendo-se passar como verdadeiro aluno da Faculdade de Medicina—esclarece o Ministério Publico — conseguiu, como fazem os quartanistas e quintanistas, estagiar junto dos verdadeiros homens de ciência para o Banco do Hospital de S. José, praticando a pequena cirurgia. E ainda sem possuir o título de médico, exercer com fim de lucro a actividade de médico-cirurgião, fazendo observações e tratamentos, sem consequências prejudiciais para a saude dos padecentes. E fora daquele estabelecimento hospitalar, exerceu também as funções de médico nos postos de socorros dos Bombeiros Voluntários de Linda-a-Pastora e no Clube de Santana.

Entusiasmado com o êxito do seu diabólico plano—continua o mesmo documento—verificou que já tinha representação na sociedade, mas a escassez de recursos financeiros não era de molde a sustentar essa posição fitícia. Encontrou, então, a maneira de arranjar dinheiro, burlando comerciantes a quem comprava aparelhos de rádio.

O despacho de pronuncia, articulado pelo sr. dr. Dias Coelho, fundamentado nos documentos que a Polícia trouxe ao processo, refere-se a onze burlas daquela mercadoria. Apresentava-se como médico daqui ou dali, adquiria os aparelhos a prestações ou por meio de letras, indo depois empenhá-los e gastando o dinheiro em seu proveito. Entre outros, cita-se um caso ocorrido no dia 12 de Dezembro de 1955, em que o réu conseguiu dolosamente que o sr. Manuel Ramos lhe desse o seu aval numa letra de 10 mil escudos, persuadindo-o de que ia ser médico da Polícia da Segurança Publica e de que aquela quantia era para montar um consultório. Em 19 do mesmo mês, por meio de artifício fraudulento, apanhou discos numa firma do Chiado que ele dizia destinar a audições culturais a realizar no bairro onde exercia clínica.

Outro caso apontado como grave,

(Continua na 11.ª página)

Eng.º Arantes e Oliveira

O sr. eng.º Arantes e Oliveira, ministro das Obras Publicas, deixou esta tarde os quartos particulares do Hospital de S. José, para ir passar um período de convalescença nos arredores de Lisboa.

RESTAURANTE
RONDA
ESTRADA MARGINAL
Monte Estoril —— Tel. 060965
Jantares concerto e ceias á Americana com o pianista JORGE BRANDÃO e o seu conjunto, e o conhecido vocalista JIMY.
Aos domingos e feriados chás-dançantes
Não há consumo obrigatório
Selecção rigorosa

Caixa de Reformas dos Jornalistas

O ministro das Corporações e Previdência Social determinou, por despacho, o alargamento do ambito da Caixa de Reformas dos Jornalistas aos directores dos jornais que exerçam as suas funções mediante remuneração e estejam subordinados á administração das respectivas empresas. Aquele despacho ministerial foi exarado ao abrigo do disposto do art.º 6.º do decreto-lei n.º 32.674, de 2 de Fevereiro de 1943, ouvidos o Sindicato Nacional dos Jornalistas e a referida Caixa de Reformas.

PRATEX
Limpa, compensa e eterniza os prateados e pratas

EM 3 LINHAS

São novos juizes substitutos do Tribunal Central de Menores de Lisboa os drs. Joaquim Múrias de Freitas, Carlos Ferreira Cardoso e António Barreiros Cardoso.

///

Foi condecorado com a medalha de prata da Royal Victorian o chefe do pessoal menor do Palácio de Queluz, Raul da Costa Bica, que serviu sob as ordens da comitiva da rainha Isabel.

///

Tomar vai ter o seu campo de jogos. Importará em 1.080 contos, 180 dos quais cedidos pelo Desemprego.

///

Estão em curso as obras de conclusão do restauro do paço dos duques de Bragança, em Guimarães, que importarão, nesta fase, em 1.548 contos.

///

O concelho de Oeiras, no sector Paço de Arcos-Caxias, vai ser abastecido de água, custando as obras 2.680.400$00; no sector de Alcabideche-Estoris (concelho de Cascais) custarão 1.168.108$00; e na vila de Bombarral, 4.800 contos.

///

A' volta do castelo de Beja vão ser feitos trabalhos de ajardinamento que embelezem o recinto e valorizem aquele monumento.

///

Está aberto concurso para provimento do lugar de professor catedrático da cadeira de Medicina Legal e Toxicologia Forense.

///

Toma posse amanhã da paróquia de Santa Isabel o rev.º padre Henrique Wiborg Pietra Torres.

KITTY

E OS «QUATRO GRANDES»

o primeiro filme de ROMY SCHNEIDER

passado na actualidade

Romy Schneider, a quem os cinéfilos chamam a vedeta da simpatia pela frescura e graciosidade que dela irradiam, é uma das artistas que o publico português, especialmente o feminino, tem distinguido, esgotando as lotações nos cinemas onde os seus filmes são exibidos.

Desta vez, Romy Schneider surge-nos como uma figura do nosso tempo, uma encantadora e modesta «manicure» que vive em Genebra. A azougada «Kitty» é uma rapariga de 18 anos, cheia de vida e de ambições. De política sabe apenas que a Genebra, sua terra natal, vêm muitos diplomatas de aspecto carrancudo para falarem de assuntos complicados que quase ninguém entende.

O destino, porém, faz com que ela se veja enredada nas malhas da alta política internacional, servindo de conselheira a um austero ministro inglês, de idade madura, que se deslocou áquela cidade para uma Reunião dos «4 Grandes». Mas nem só ao ministro agrada a companhia da insinuante «manicure»; um sobrinho do diplomata, jovem simpático, também a persegue e (os homens são iguais em todas as latitudes!) um sisudo diplomata russo por sua causa ia esquecendo a sua fidelidade ao Partido.

E assim, sem dar por isso, «Kitty» orienta a contento de todos as altas decisões da Reunião. Os «4 Grandes» cederam incondicionalmente ao encanto da gentil pequena.

Em resumo uma comédia graciosissima que nos recorda por vezes o célebre filme «Ninotchka» com a imortal Greta Garbo.

la vida

io de IRWIN ALLEN

los meios cientificos. Ao apresentar o «Homo Sapiens» como m animal, Irwin Allen fez inca-pé no facto de que o homem representa a mais alta orma de vida na Terra e é o inico com Alma. Desta forma, vitou possiveis criticas e protestos. Acerca da verdade cientifica, Allen filmou cenas no Museu de História Natural dos Estados Unidos, em Nova Iorque e obteve a colaboração do Dr. Charles L. Camp, professor de paleontologia da Universidade da Califórnia, que deu esclarecimentos sobre as lutas entre os ceratosáurios e os estegosáurios e os tricerátopos e os tiranossauros. Estes monstros ante-diluvianos foram reconstituidos a partir dos estudos e quadros de Charles Knight. A sequência da luta entre esses monstros levou 73 dias a filmar.

Esta grandiosa produção, que é falada em português tem a marca da Warner Bross e é apresentada, pela SIF, amanhã, no Condes.

Entre as individualidades que contribuiram para a execução de «O mundo animal» contam-se o falecido Almirante Byrd, famoso explorador do Antárctico e o príncipe Ranier de Mónaco, marido da ex-actriz Grace Kelly.

DOIS ÊXITOS!

O ÚLTIMO COUPLET

TEM A VOZ MARAVILHOSA DE

SARA MONTIEL

com

ARMANDO CALVO
e HENRIQUE VERA

em

EASTMANCOLOR

Exclusivo DOPERFILME
Maiores de 17 anos

O ÚLTIMO COUPLET

É UM ROMANCE DE AMOR
QUE INTERESSA E COMOVE

O ÚLTIMO COUPLET

EM

6.ª SEMANA

NO **AVIS**

Com o programa recebem os srs. Espectadores a letra das canções

---

3.ª Semana

ROMA

Exclusivos TALMA FILMES
Maiores de 17 anos

PAIS E FILHOS DE PORTUGAL:
— E' ESTE O VOSSO FILME!

PAIS E FILHOS

UMA SUCESSÃO DE EPISÓDIOS QUE A TODOS ACONTECEM, NUMA DAS MAIS FELIZES COMÉDIAS.

com VITTORIO DE SICA

ANTONELLA LUALDI — **MARCELLO MASTROIANNI** — **FRANCO INTERLENGHI**

LORELLA DE LUCA e o pequeno ALVARUCCIO

que enviaram autógrafos ao público português, que todas as noites se distribuem no cinema

Reuniões científicas

Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria

Na sua sede (Hospital Miguel Bombarda) há hoje, ás 21 e 45, uma sessão ordinária da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria, em que o sr. prof. Barahona Fernandes lerá o seu relatório que apresentou ao Congresso Internacional de Psiquiatria, na qualidade de delegado da Sociedade. Seguiar-se-á um colóquio entre todos os membros que assistiram ao referido congresso.

Jornadas de pediatria

Como fecho das III Jornadas Internacionais de Pediatria, que tem decorrido na Faculdade de Medicina, e cujos trabalhos terminaram ontem, realizou-se hoje um passeio ao Ribatejo. Os congressistas partiram ás 10 e 30 da Praça Marquês de Pombal e, em Salvaterra de Magos, efectuou-se um almoço regional seguido de uma festa folclórica oferecida pelo S. N. I.

Serviços aduaneiros

PONTA DELGADA, 31— O sr. dr. Antero Ramos Taborda, que exercia há pouco mais de quatro anos o cargo de director da Alfandega desta cidade, foi nomeado para o mesmo cargo no Funchal. Um grupo de comerciantes e industriais prestou-lhe uma homenagem de despedida, tendo feito entrega de uma lembrança áquele alto funcionário.

VIDA RELIGIOSA

Missa em S. Luís dos Franceses

Depois de amanhã, ás 10 e 30, será celebrada, na igreja de São Luís dos Franceses, missa solene, em presença das representações diplomática e consular francesas.

Escuteiros católicos

No passado dia 13 de Outubro, por ocasião do 40.º aniversário da ultima aparição da Virgem Maria, em Fátima, e neste Ano Jubilar do Escutismo, um grupo de escuteiros, constituído em patrulha e como «Caminheiros da Luz», foi, a pé, buscar ao Santuário da Cova da Iria a «Luz de Maria», para ser comunicada em comunhão de ideal a todas as regiões e a todos os grupos escuteiros.

Depois da cerimónia do acender das candeias de todas as regiões, realizada em Fátima, chegou agora o momento de se realizar, na região de Lisboa, a cerimónia consequente da comunicação da «Luz de Maria», aos seus grupos. A cerimónia realiza-se na igreja de Nossa Senhora de Fátima, amanhã, ás 21 e 30, constando de uma Velada Escutista, da cerimónia do acender das candeias das unidades e, finalmente, de uma procissão das velas no interior da igreja.

Marinha de Guerra

O capitão de fragata Joaquim de Oliveira Junior assumiu hoje as funções de comandante da flotilha de draga-minas.

O novo Hotel Cibra

(Continuação da página central)

dos e decorados com bom gosto, os quartos são ainda dotados, além das instalações de águas quentes e frias, e aquecimento, de telefone, rádio e televisão, bem como de dispositivos eléctricos para chamadas de pessoal, com fiscalização centralizada, de modo a assegurar aos hóspedes um serviço rápido e perfeito.

Possuindo no rés-do-chão — onde ficam os serviços de recepção — salões luxuosamente decorados, sala de pequenos almoços, barbearia, e um moderno «snak-bar», o Hotel Cibra tem, no terraço que coroa o edifício, uma encantadora «boite», com outro «bar» anexo, assim instalados num ponto donde se admira o mais surpreendente panorama da encantadora região.

Com acessos rápidos, entre os seus vários pisos, por meio de ascensores e monta-cargas, o novo hotel oferece ainda aos hóspedes a comodidade de possuir na cave uma ampla garagem, com uma modelar estação de serviço, donde se pode passar a qualquer dos andares do hotel, directamente, por uma entrada privativa do respectivo ascensor.

O edifício do Hotel Cibra, construído por um projecto felicíssimo do conhecido arquitecto Filipe de Figueiredo, faz parte de um interessante conjunto a que está ligado um bloco comercial, com seis modernos estabelecimentos que fazem do local um novo ponto de atracção do Estoril.

A obra, além do gosto moderno que a caracteriza, revela um raro cuidado nos mais pequenos pormenores de acabamentos, em que houve a preocupação, não só da beleza dos materiais empregados, como também da sua qualidade, de modo a criar no hotel um ambiente digno do nosso tempo e digno do Estoril. Os trabalhos de construção estiveram a cargo do empreiteiro sr. Julio Cismeiro, sob a fiscalização técnica do sr. eng.º Raymundo Quintanilha Pinto.

A cerimónia inaugural

A inauguração ficou assinalada por uma visita de numerosas individualidades, que, a convite do sr. Joaquim Matias, percorreram, visívelmente encantadas, todas as dependências do novo hotel, desde os seus excelentes quartos, mobilados com muito gosto e equipados com o melhor sentido das exigências da vida moderna, ás salas lindamente decoradas e á «boite» do terraço, onde foi servido um esplêndido «cocktail». Naquele agradável ambiente, encantados com a vista admirável que se lhes deparava, reuniram-se algumas centenas de convidados, entre os quais se destacavam algumas das figuras mais representativas da vida nacional, como os srs. dr. Rebelo de Sousa, subsecretário da Educação Nacional; dr. José Gomes Branco, director-geral do Ensino Primário; engenheiros Ferreira Dias, Carlos Alves, Daniel Barbosa e Nazaré de Oliveira; drs. Castro Fernandes, Paulo Cancela de Abreu, Alves Martins, Luís Leite Pinto, inspector superior das Alfandegas do Ultramar, dr. Manuel Monteiro, e muitas outras individualidades, que testemunharam ao sr. Joaquim Matias a sua admiração pela magnífica obra que levou a efeito no Estoril.

Começa amanhã

em Lisboa

o 3.º encontro dos cine-clubes

Principia amanhã, em Lisboa, o 3.º Encontro dos Cine-Clubes Portugueses que durará três dias.

Nos dois primeiros dias, no salão de festas da Casa do Alentejo, decorrerão as sessões de trabalho, de manhã, á tarde e á noite, subordinadas aos seguintes temas:

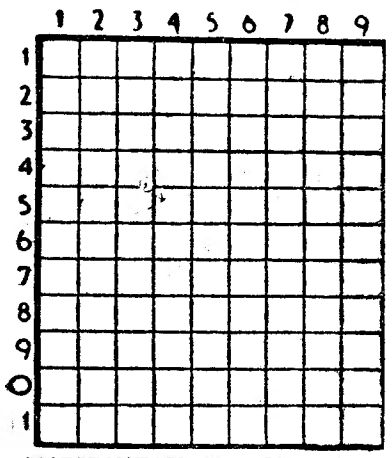
Síntese da actividade realizada pelos Cine-clubes. Seus problemas actuais; e problemas gerais de cine-clubismo português. Estão previstas várias comunicações sobre estes temas, ás quais se seguirão as respectivas discussões e votação de conclusões, entregues depois pela mesa da presidência do Encontro ás entidades oficiais competentes.

Integrados no programa deste 3.º Encontro, estão previstas outras manifestações, entre as quais um almoço de confraternização e um almoço de encerramento. Realizar-se-ão, ainda, uma visita á Cinemateca Nacional, onde haverá uma sessão retrospectiva de cinema português, com os filmes «Maria do Mar», «Nazaré, praia de pescadores» e «Os crimes de Diogo Alves»; uma sessão de tipo cine-clubista, com os filmes «Extase», de Gustav Machaty, «Vizinhos» e «Rytmetic», de Mac Laren; e uma sessão especial, exclusivamente destinada a cineclubistas, com a amável colaboração do Cinema Império e da Sonoro Filme, ás 11 horas do próximo domingo, com o filme «Noites de Glória», de Fellini, com Giulietta Massina.

Palavras cruzadas

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 2060



HORIZONTAIS: 1 — Preposição. O flanco de um exército. 2 — Demorada. 3 — Antigo nome da nota musical dó. Tenho conhecimento. Vi. 4 — Deusa. Chefe abissínio. 5 — Povoação e concelho do Congo. 6 — Arquipélago da Malásia. Estime. 7 — Dê adesão. 8 — Preposição. Época geológica. A ti. 9 — Braço de mar. Observar. 10 — Lago da Africa intertropical a S. O. do lago Vitória. 11 — Lavrar. Clima.

VERTICAIS: 1 — Mudança. Nome de um célebre canhão usado pelos alemães na primeira Grande Guerra. 2 — Assunto. Dar mios. 3 — Artigo definido (ant.). Baia. Nome de mulher. 4 — Porém. Grosseiro. Grama (àbrev.). 5 — Redimi. Mana. 6 — Procedi. Nome de mulher celebrada numa das belas poesias de Antero de Quental. Em a. 7 — Nota musical. Move os remos. Chegar. 8 — Ladra. Urde. 9 — Ponha o visto em. Verdadeiras.

Solução do problema n.º 2059

HORIZONTAIS: 1 — Rembrandt. 2 — Olé. Aio. 3 — Aia. Eta. 4 — Arada. 5 — Ti. El. 6 — Arte. Teca. 7 — Cá. Ar. 8 — Arara. 9 — Ada. Arc. 10 — Ele. Ais. 11 — Mangualde.

VERTICAIS: 1 — Ró. Atacar. Em. 2 — Ela. Ira. Ala. 3 — Meia. Aden. 4 — Arreara. 5 — Rã. Tu. 6 — Editara. 7 — Nata. Aral. 8 — Dia. Eça. Cid. 9 — Tó. Clara. Se.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 16 horas: *máxima*, 22°,8; *mínima*, 13°,4. No mesmo dia do ano passado: *máxima*, 16°,9; *mínima*, 10°,5.

—Temperaturas registadas ás 9 horas, na Costa do Sol: na atmosfera, 16°,7; na água do mar, 15°,1.

Publicações

«Ronda da História»

Mais um numero — o quarto — de «Ronda da História», de que é director o escritor e jornalista Américo Faria, e que tanto êxito tem alcançado, foi agora distribuido. Tem melhorado de numero para numero e apresenta uma nova e sugestiva capa a duas cores e nas suas quarenta e oito páginas, de atraente aspecto gráfico, os assuntos rigorosamente seleccionados oferecem grande interesse de leitura e de colecção, pelo seu dramatismo, singularidade e ineditismo. Do sumário deste numero salientam-se entre outros artigos: «E se mais mundos houvera...», «Bobos e Truões», «Sarmento de Gamboa, navegador e aventureiro espanhol», «Augusto — Fundador do Império Romano», «Amores de Ana Bolena», «De um atentado contra Luís XV», além de anedotas, episódios e ditos de personagens célebres.

FOGÕES
A. MARTIN
GAZCIDLA ou GÁS da cidade

OFICIALMENTE APROVADOS E ESTAMPILHADOS

NA CIDADE, NO CAMPO, NA PRAIA, ONDE QUER QUE ESTEJA, PODE USAR ECONOMICAMENTE O FAMOSO A. MARTIN, UM FOGÃO GRANDE E DE LUXO PELO PREÇO DUM PEQUENO FOGÃO VULGAR

A. MARTIN REPRESENTA 100 ANOS DE EXISTÊNCIA AO SERVIÇO DAS DONAS DE CASA DE TODO O MUNDO

APRESENTAÇÃO LINDÍSSIMA EM PURO ESMALTE BRANCO ALTAMENTE RESISTENTE

UM FOGÃO DE CATEGORIA AO ALCANCE DE TODOS

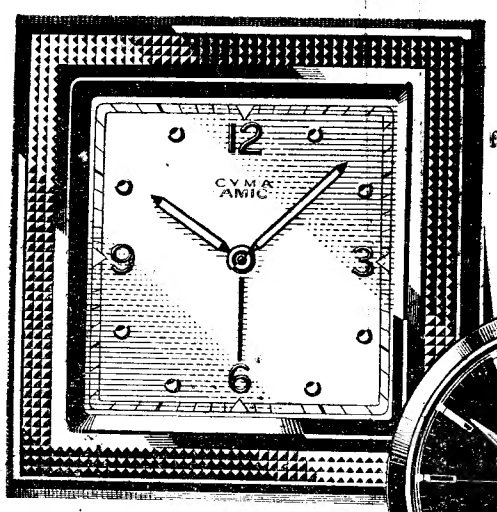
CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PAGAMENTO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL:

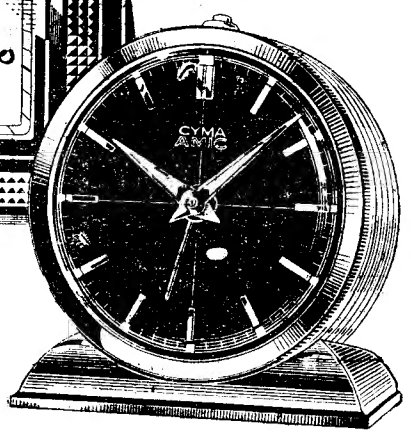
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
Avenida Fontes Pereira de Melo, 45 - Telef. 59181-2-3 - LISBOA
AGENTES REGIONAIS:
Norte: M. SIMÕES JR., LDA
Rua de Santo António, 208 — Telef. 25582 — PORTO
Sul: AGÊNCIA COMERCIAL DE FARO
Rua de Santo António, 57 - FARO

Tem Prisão de Ventre?
BEBA ÁGUA DO MOUCHÃO DA PÓVOA
Regularizador das funções intestinais / Laxativa
Dep. Geral: Conde Barão, 48
Telefone 664378

Nova linha... Precisão nova!



Linha apurada, acabamento perfeito, eis os novos AMIC, com sua famosa máquina de precisão CYMA, de 10 rubis. Uma só chave dá corda ao mesmo tempo, á máquina e ao despertador.



Ref. 10223. Encantadora pendula ornada por uma moldura guilochada de belo efeito decorativo.

Ref. 11102. Pequena maravilha da arte relojoeira Suiça. Despertador sobre sua mesa de cabeceira, ou pendula sobre sua mesa de trabalho.

Seus amigos sonham tambem com um CYMA AMIC

As confidências de Kruchtchev

(Continuação da 1.ª página)

irónico do que gabarola, mas as suas palavras deixavam transparecer uma satisfação intima pelo caminho que as coisas tomavam para o seu país. No fundo do seu pensamento pairava, talvez, a certeza de que, dentro de algumas semanas, a Russia lançaria no espaço o seu famoso satélite «Olhe, por exemplo, para o Médio Oriente, prosseguiu. Recorde o malogro das intervenções americanas na Jordania, os erros praticados no Egipto e agora (Kruchtchev olhava sobre as aguas do Mar Negro na direcção da Turquia) os erros ainda maiores na Síria».

«Talvez eu, prosseguiu, possa esclarecer este mistério. A resposta é simples. Os governos do Ocidente, especialmene o americano, identificaram-se no Médio Oriente com a causa do imperialismo de tipo colonial e nós com as aspirações das massas árabes. O vosso caso é ainda diferente do nosso num ponto muito importante. Os ocidentais, para viver, precisam do petróleo do Médio Oriente e nós não».

Interrompi-o para lhe lembrar:

—E' precisamente essa dependência do Ocidente europeu, sobretudo da Grã-Bretanha, do petróleo árabe que os Russos devem ter sempre presente quando articularem a sua politica no Médio Oriente. Para vós trata-se de uma aventura diplomática, para nós da razão da nossa existência. E' certo que a exploração do petróleo se faz em moldes que são um legado da época do imperialismo colonial, mas isso não obscurece a realidade da nossa dependência. Sem o petróleo não sobreviveremos e quando nos ameaçam com a possibilidade de o cortar alarmamo-nos e inquietamo-nos justificadamente.

«Nós, Russos, tivemos sempre em conta esse facto, respondeu Kruchtchev. Não desejamos, por muitas razões, que a Europa Ocidental seja privada do petróleo do Médio Oriente, mas pensamos que este deve ser adquirido nos países de origem em bases comerciais que implica o respeito pela independência desses países e o direito que lhes assiste de escolherem os governos que quiserem».

Nesta altura do nosso diálogo senti-me tentado a falar da Hungria e da Polónia, mas eu não fora recebido por Kruchtchev para alimentar com ele polémicas. O meu objectivo era desvendar o fundo do seu pensamento e perscrutar as suas intenções. Deixei-o, por isso, prosseguir, desenvolvendo um tema que mais tarde havia também de explanar na presença do correspondente do «New York Times», James Reston.

«Vejamos o caso da Síria, prosseguiu ele. Abrimos créditos a esse país e fornecemos-lhe armas para se defender, porque as pediu. Estes actos foram classificados pelos Americanos como actos de agressão e provocação. Verifica-se, assim, que quando a Grã-Bretanha e os Estados Unidos fornecem armas aos membros do pacto de Bagdad, á Arábia Saudita e á Holanda tudo se faz com perfeita correcção».

Julguei preferível não responder. Kruchtchev insistiu: «Há tempo propusemos que se pusesse termo ao envio de armas para o Médio Oriente. Os Americanos fariam o mesmo que nós para esse efeito. Mas o Ocidente estava comprometido e continuou a fornecê-las aos membros do pacto de Bagdad, o qual, escusado será dizer, é dirigido contra nós. Que esperavam que fizessemos?»

ANEURIN BEVAN

Começou hoje o peditório contra o cancro

Principiou hoje em Lisboa o peditório para a obra da Liga Portuguesa contra o Cancro, nas ruas e nas imediações das igrejas, ao passo que, de tarde e á noite, as senhoras percorrem as casas de espectáculos.

Foram distribuidos 1.500 cofres e o peditório continua amanhã pelas artérias e, em especial, junto aos cemitérios.

Movimento no porto de Ponta Delgada

PONTA DELGADA, 31—No primeiro semestre do ano corrente, entraram no porto de Ponta Delgada 435 navios, 271 dos quais eram portugueses e 40 pertenciam a diversas Marinhas de Guerra. Totalizaram mais de um milhão de toneladas de arqueação bruta. Estes navios descarregaram 68.080 toneladas de mercadorias e desembarcaram 8.092 passageiros. Foram carregadas 31.400 toneladas de carga diversa e embarcaram 9.060 passageiros estando 5.677 em transito.

A navegação nacional e estrangeira foram fornecidas 16.889 toneladas de óleo combustível, no valor de 15 mil contos.

MATERIAL DE LUBRIFICAÇÃO

★

EQUIPAMENTOS COMPLETOS PARA UMA MODERNA ESTAÇÃO DE SERVIÇO

★

OS MOTORES PNEUMÁTICOS DAS BOMBAS DE LUBRIFICAÇÃO SÃO GARANTIDOS POR VINTE SETE MESES

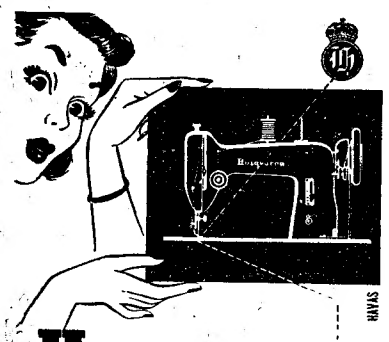
★

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:

AUTO-LUSITANIA

AVENIDA DA LIBERDADE, 73-79

LISBOA



Husqvarna

A máquina de costura

FABRICADA NA SUÉCIA COM OS SEUS AFAMADOS

AÇOS

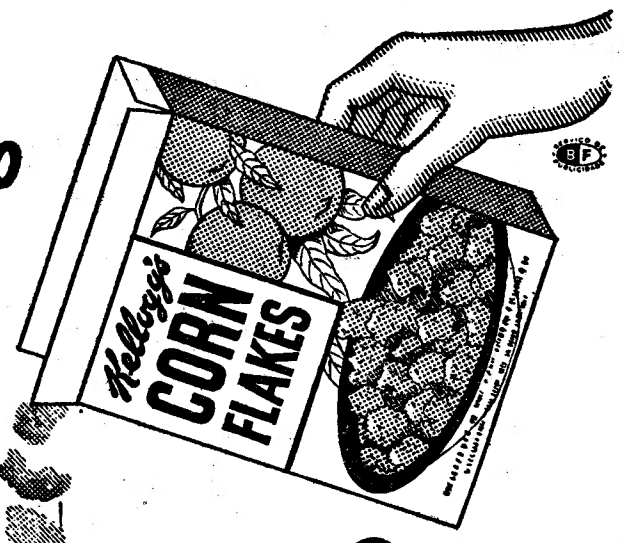
Vendida em Portugal com facilidades ao alcance de todos. Cursos de Bordados e Corte e Assistência técnica gratuitos.

REPRESENTANTES GERAIS:

SOCIEDADE LUSO SUECA, L.da com sede em Lisboa, na Rua Alexandre Herculano, 9-A e Filiais em todo o País

Modelos 1958 em exposição no 1.º Salão de Artes Domésticas.

O pequeno almoço para toda a família



CORN FLAKES

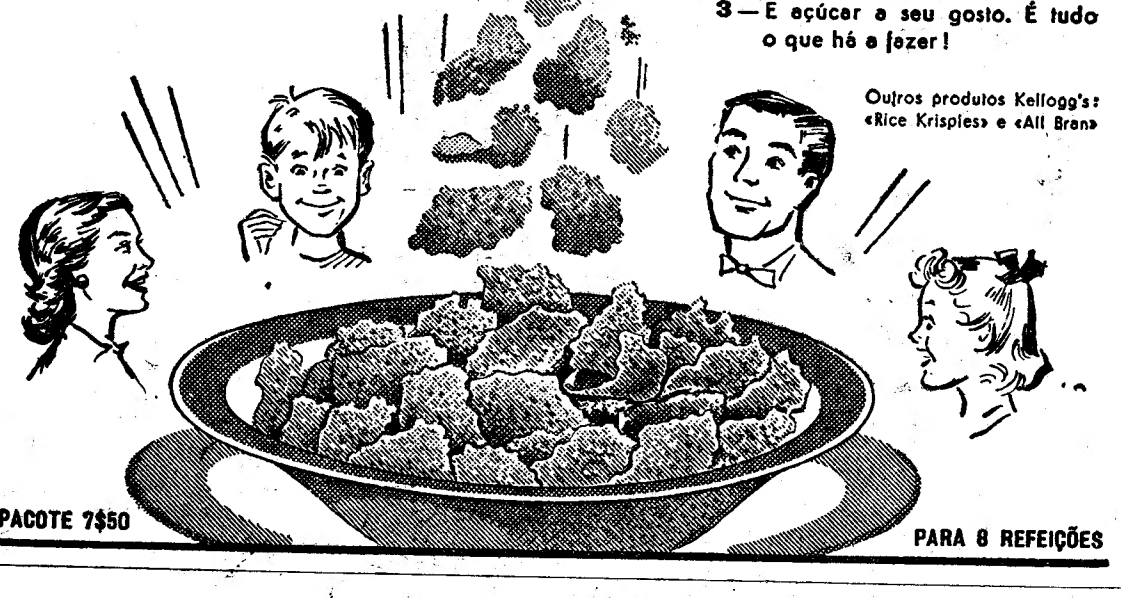
Kellogg's

1 — Deite os Corn Flakes no prato

2 — Junte um pouco de leite frio ou quente sem mexer.

3 — E açúcar a seu gosto. É tudo o que há a fazer!

Outros produtos Kellogg's: «Rice Krispies» e «All Bran»



PACOTE 7$50

PARA 8 REFEIÇÕES

EMPREGADO

para Companhia de Navegação

Precisa-se

Com prática no ramo, competente, bons conhecimentos de inglês-francês.

Resposta a este jornal ao n.º 317.

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS

RAPIDEZ E SIGILO

A FINANCIADORA

EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3

NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

4 CARTEIRAS POR 10$00

Sendo uma esplêndida carteira para homem imitação de diversas peles, outra transparente para 4 passes ou bilhete de identidade (colada dentro da primeira carteira), outra para duas fotografias ou cartões de clubes e, ainda, um bloco notas com calendário para 1958. Devolve-se a importancia se não ficar satisfeito. A importancia pode ser enviada em selos do correio. Não se envia á cobrança

Pedidos a A. J. NASCIMENTO

RUA FIRMEZA, 415 — PORTO

O «Diário de Lisboa» vende-se em ESTREMOZ, na casa Reinaldo Luna & Irmão, Ld.ª

BRUNSVIGA MÁQUINAS DE CALCULAR MÁQUINAS DE SOMAR

CÉREBRO DE AÇO BRUNSVIGA

A marca famosa ha mais de 60 anos

Representante:

M. SIMÕES JR. R. DA PRATA, 68, LISBOA R. Sto ANTÓNIO, 208 - PORTO

DE LUTO

D. Vicência da Costa Barros

Com 77 anos, faleceu na Calçada da Tapada, n.º 97, a sr.ª D. Vicência da Costa Barros, viuva, mãe dos srs. dr. Joaquim Augusto da Costa Barros, António Carlos Augusto de Barros e Carlos Augustó de Barros.

O funeral, a cargo da Agência Magno, está marcado para amanhã, ás 10 horas, para o cemitério da Ajuda.

D. Carolina McCulloch

Faleceu a sr.ª D. Carolina McCulloch, de 76 anos, viuva, natural de Bragança, mãe da sr.ª D. Carolina Maria Bettencuort Lopes e dos srs. William e John McCulloch.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, ás 10 horas, na Capela do cemitério Inglês.

D. Raquel Vieira de Matos

Faleceu ontem e ficou hoje sepultada no cemitério do Lumiar, a sr.ª D. Raquel Vieira de Matos, de 79 anos, viuva do sr. capitão de fragata Fernando Vieira de Matos e mãe do sr.ª D. Ondine Vieira de Matos.

D. Idalina de Oliveira Santos

Na sua residência, Rua António Pedro, 74, r/c., faleceu a sr.ª D. Idalina de Oliveira Santos, viuva do sr. Artur de Oliveira Santos, antigo presidente da Camara Municipal de Vila Nova de Ourém, mãe do sr. Franklim, de D. Democracia, dos srs. Vítor Hugo, Henrique Jaurés Afonso, Viriato e de D. Lusa de Oliveira Santos. O funeral realiza-se amanhã, pelas 11 horas, para o cemitério do Alto de S. João.

Tenente Norberto Quintas

Da capela privativa do Hospital Militar da Estrela para o cemitério do Paço, em Torres Vedras, realizou-se hoje o funeral do tenente-aviador Norberto da Silva Quintas, vítima de um desastre de aviação numa base das Forças Aéreas Canadianas.

Pelas 8 horas, depois da celebração da missa de corpo presente, a urna coberta com a bandeira nacional, foi retirada da camara ardente e conduzida para um autofunebre que a transportou ao referido cemitério. No préstito incorporaram-se pessoas de família e camaradas do extinto.

José do Nascimento Pereira

Na sua residência, Avenida Santos Matos, 17, na Amadora, faleceu o sr. José do Nascimento Pereira, de 88 anos, proprietário, natural do Peral, Cadaval. O extinto era casado com a sr.ª D. Avelina Augusta Meneses Tavares Cardoso Pereira, pai da sr.ª D. Maria Guilhermina Cardoso Pereira Brito, e dos srs. José Manuel Cardoso Pereira, Eugénio Augusto Cardoso Pereira, Eduardo Cardoso Pereira e Vítor Cláudio Cardoso Pereira, e sogro do sr. Ernesto da Silva Brito.

O corpo será hoje depositado na igreja de Benfica, de onde amanhã, pelas 12 horas, se realizará o funeral para jazigo de família no cemitério de Benfica.

Os serviços funebres estão a cargo da Agência Barata.

D. Adélia Calisto Marques da Silva

SEIA, 31—*(Pelo telefone)*—Faleceu ontem, no seu palacete desta vila, com 93 anos, a sr.ª D. Adélia Calisto Marques da Silva, viuva do grande industrial Marques da Silva, um dos fundadores e principal impulsionador da empresa Hidro-Eléctrica da Serra da Estrela.

Senhora de nobilissimas virtudes, cujo nome fica ligado a todas as grandes obras de assistência local, a sua morte foi muito sentida, pelo que o funeral, que hoje se efectuou, constituiu uma impressionante manifestação de pesar.

A extinta era mãe da sr.ª D. Maria da Glória Calisto Marques da Silva Simões Pereira, e avó das sr.as D. Adélia Simões Pereira Bastos Mendes e D. Maria das Dores Marques da Silva Pessoa Pereira, casadas respectivamente com os srs. drs. Manuel Bastos Mendes e José Guilherme Pessoa Pereira.

AGENCIA MAGNO
Fundada em 1874
TELEFONES 43189 — 43180
55301 — 66 27 72 — 08 00 22

O falso médico
está a ser julgado

(Continuação da página central)

ocorreu em Março de 1956, também fraudulentamente, apanhou outro aparelho de T. S. F. no valor de 2.000 escudos, intitulando-se, falsamente, ao comerciante, médico do Hospital da Ordem Terceira, dando o nome do sr. prof. dr. Mendes Belo, como se fosse o próprio. As restantes burlas no mesmo género.

Está pronunciado por 13 crimes: 1, de falsa qualidade; 1 de ter exercido Medicina ilegal; e os restantes de burla.

Criminalmente, esta é a posição do «falso médico».

Figuram 10 declarantes que são queixosos; 8 testemunhas de acusação—doentes que ele tratava; e 3 de defesa, os padres Teófilo Gonçalves e Victor Guanelli e o cónego Sullivam, os dois primeiros do Colégio dos Inglesinhos, e o terceiro, do Colégio dos Salesianos, do Estoril.

A audiência abriu pouco depois das 10 horas. O interrogatório do arguido demorou cerca de duas horas e meia. Foram confessados todos os factos que lhe eram atribuídos, com excepção, do caso duma letra, ainda não vencida no acto da prisão do réu, que declarou ter o propósito de fazer o seu pagamento na altura do vencimento. O juiz, sr. dr. Alves Pinto disse que, então, ficaria apenas de pé a justificação, que ele deu, de que o dinheiro se destinava a montar um consultório. A uma instancia do magistrado, quanto á falsa qualidade e exercícia de Medicina ilegal, o réu disse que tinha apenas 16 anos quando, por vocação, decidiu ser médico. Passou então a frequentar as aulas de Medicina, estudando afincadamente e gastando muito dinheiro em livros de Medicina. Acrescentou que aos 19 anos entrou como estagiário no Hospital de S. José, onde se conservou durante quatro anos.

Em relação aos aparelhos de T. S. F. que levantava dos estabelecimentos e que depois empenhava, o dinheiro era destinado a manter a situação que criara, mas a sua intenção era sempre pagar na medida das suas possibilidades. Pretendeu demonstrar ao tribunal com ar bastante contristado o seu sincero arrependimento pelos actos que praticou, considerando-os uma leviandade, resultante da sua pouca idade. Prometeu perante o juiz, regenerar-se e tornar-se um homem honrado e bom chefe de família, como os demais, mas não pode deixar a ideia de ser médico. Por isso disse, apesar de se encontrar na vida militar, está a estudar para tirar o curso dos liceus, e frequentar depois a Faculdade de Medicina.

O juiz, no final do interrogatório, mandou que as declarações do réu fossem reduzidas a escrito, a pedido do seu patrono sr. dr. Mário Reis.

Ao princípio da tarde a audiência foi interrompida para prosseguir ás 15 horas. Os trabalhos devem voltar a ser interrompidos á noite. Será então ouvido como declarante o sr. Urbano das Neves, sogro do «falso médico», que indemnizou todos os queixosos.

O PORTO pelo telefone

Desastre mortal

PORTO, 31. — Na ocasião em que se dirigia para esta cidade, conduzindo uma «scooter», ao passar no lugar de Lavorim, despistou-se e embateu num prédio, o sr. Manuel Luís Tomás, de 46 anos, casado, proprietário da Confeitaria Atlantida, da Rua de Santa Catarina, 615. Conduzido ao Hospital de Santo António, faleceu poucos horas depois de ali ter entrado.

Exposição Textil Internacional

Com vista á projectada Exposição Textil Internacional, que se realizará no próximo ano, no Palácio de Cristal, efectua-se esta tarde, na Associação Industrial, uma reunião durante a qual serão apresentados os objectivos da iniciativa e referidos pormenores.

Cartaz do Porto
para amanhã, dia 1

COLISEU — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Paulo e Carolina».
S. JOÃO — A's 21 e 30 — «A Feiticeira da Floresta».
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O segredo e a chave».
OLIMPIA — A's 21 e 30 — «O Grande Bluff».
BATALHA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Dois dias no paraiso».
TRINDADE — A's 21 e 30 — «Parada Imperial».
NUN'ALVARES — A's 21 e 30 — «Sissi, a jovem imperatriz».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «A Leviana».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «E tudo o vento levou».

O satélite
talvez continue a sua translação até Janeiro

CAMBRIDGE (Massachusetts), 31.—E' provável que o satélite artificial russo caia á Terra em meados de Janeiro, de acordo com os cálculos do dr. Fred Whipple, chefe do Laboratório Astrofísico Smithsoniano. A desintegração do «Sputnik» será precedida da do foguetão, em meados de Dezembro próximo.

O dr. Whipple afirma que o foguetão talvez seja visível a olho nu, se cair durante o dia, e de certeza se se despenhar depois do pôr do Sol. O «mergulho para a morte» — acrescenta — começará quando a sua órbita descer até 20 milhas acima da Terra — cerca de 32 quilómetros. Nesta ocasião, o «Sputnik» descreve a sua trajectória num plano situado entre 140 e 450 milhas de altitude.—(A. N. I.).

Um octogenário
paralítico voltou a andar

VALLADOLID (Espanha), 31.—Na povoação de La Mudarra, o octogenário Miguel Sanchez, que estava paralítico de ambas as pernas há vários anos, voltou de novo a andar, de uma maneira surpreendente, á passagem da imagem de Nossa Senhora de Fátima, durante uma procissão celebrada naquela localidade.

O paralítico sentiu — segundo afirma — uma corrente eléctrica em ambas as pernas e verificou, assombrado, que podia articular os membros. Atirou fora com as muletas e começou a andar perfeitamente, perante a surpresa dos que o rodeavam.—(A. N. I.).

Luís Carlos Prestes
não se rendeu

RIO DE JANEIRO, 31 — Correu o boato de que o chefe do Partido Comunista brasileiro, Luís Carlos Prestes, há muitos anos procurado pela Polícia, tinha a intenção de se render. Em consequência desse rumor, a Polícia fez muitas buscas no Rio de Janeiro. Mas em parte alguma se encontrou Luís Carlos Prestes, que ainda não se rendeu. —(F. P.).

UM RAPAZ MORTO
à beira do ribeiro

OLHÃO, 31 — (Pelo telefone) — O trabalhador Manuel Capristano, morador em Marim, deste concelho, encontrou esta manhã, perto de uma ribeira que ali passa um garoto morto e despojado de vestes. As autoridades procederam a investigações, averiguando mais tarde que se tratava de Joaquim Candido Emídio, de 10 anos, filho do trabalhador Celestino Mendonça Emídio e de Maria Celeste, moradores na freguesia de Quelfes, deste concelho.

Parece não haver crime, atribuindo-se a morte a congestão, pois, o garoto estivera minutos antes a tomar banho com outros companheiros.

Pequenas notícias

PELA POLICIA

FUGIU COM O DINHEIRO... — Há dias, o trabalhador António Inês da Conceição, casado, de 55 anos, morador na Rua de S. Pedro, 49, r/c., foi aos escritórios da Companhia das Águas para liquidar uma conta que não era sua, pois ia mandado e, como é natural, meteu-se na *bicha*, já grande nessa altura. Não se achando, porém, bem disposto, teve necessidade de se retirar por instantes, mas como não lhe convinha perder a vez, pediu a um indivíduo que também ali estava, para lhe ficar com 400$00 e pagar a suo conta, quando chegasse a sua altura. Quando regressou não viu, todavia, o tal indivíduo, que havia desaparecido com aquela importancia. Fez averiguações e veio a saber da identidade do homem e seguidamente foi queixar-se á Polícia.

PELOS HOSPITAIS

ACIDENTE DE VIAÇÃO — O empregado de escritório sr. José Viriato, de 31 anos, residente em Faro, caiu de uma motocicleta que conduzia e sofreu fractura exposta de uma perna.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Na Academia Recreativa Francisco Gomes Lopes, á Rua Gomes Freire, haverá esta noite uma festa dançante dedicada aos associados e suas famílias, abrilhantada por duas orquestras.

INFRACÇÕES AO TRANSITO

A P. S. P. procedeu ontem ás seguintes autuações em consequência das infracções ás regras do transito adiante mencionadas: veículos: por estacionamento irregular, 66; excesso de velocidade, 1; ultrapassagens irregulares, 1; desrespeito á prioridade de passagem, 1; circulação na metade esquerda da faixa de rodagem, 5; desobediência á sinalização (placas e sinais luminosos), 32; fumos e escape livre, 5; impedimento de circulação de outros veículos, 3. Peões: por atravessamento irregular, 53; estacionamento irregular nos passeios, 27; menores dependurados nos veículos, 6.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um porta-moedas de senhora; com dinheiro; várias peças de ferramentas de bicicleta; uma carteira de plástico com fotografias; um bibe branco de menina; uma placa com dentes; diversas argolas com chaves e chaves desirmanadas; um relógio de pulso de homem; um boné de criança; um envelope com 4 fotografias de menino; um cesto com uvas; uma luva de senhora; um tampão de depósito de gasolina; uma agenda, pertencente a Eduardo Monteiro dos Santos; uma mala de viagem, com roupa de homem e outros artigos; um porta-moedas de plástico, para criança; dois porta-moedas com dinheiro; um estojo com óculos graduados; dois castiçais de metal, e, uma nota do Banco de Portugal.

Novo arrastão

Na próxima semana, com a presença do ministro da Marinha, é lançado á água um arrastão construído nos estaleiros do Mondego.

ESCREVA NUMA famy!

A MÁQUINA PORTÁTIL ROBUSTA E ELEGANTE
RUA D. JOÃO V, 7-B
TELEF. 66 51 84 — LISBOA

BARDAHL PORTUGUESA
Comunica à Ex.ma Clientela e Amigos que, a partir de 1 de Novembro de 1957, as suas instalações passam a funcionar na
AVENIDA DA LIBERDADE, 13, 3.º-ESQ.
Telefones: 366904 e 366905

Começou hoje um periodo de manobras

das forças da Turquia e da N. A. T. O.

ao longo da fronteira turco-síria

ISTAMBUL, 31 — As forças aéreas, marítimas e terrestres da N. A. T. O., juntamente com as da Turquia, iniciam manobras hoje ao longo das fronteir meridional e ocidental turcas.

Informadores fidedignos declaram que as forças da Europa Meridional da N. A. T. O. vão efectuar a operação «Epoca Vermelha», na costa do Sudoeste turco, com inclusão de exercícios de táctica atómica. A operação termina no próximo domingo. Simultaneamente, as forças da Turquia realizam uma operação paralela perto da fronteira com a Síria, abrangendo também uma porção da fronteira do Sudoeste.

Os observadores políticos, em Istambul, consideram os exercícios como uma réplica á movimentação de tropas russas no Cáucaso, no Norte do país, e aos preparativos febris da Síria na zona fronteiriça.

O cruzador «Camberra», armado de projécteis teleguiados e apoiado pelo porta-aviões «Franklin D. Roosevelt» e pelos cruzadores «Albany» e «Salem», participa nas manobras, assim como os submersíveis do Comando da N. A. T. O., em Malta. Aviões da N. A. F., juntamente com aparelhos da Sexta Esquadra do Mediterraneo, colaboram também.

Na fronteira do Sueste, unidades de infantaria, blindadas e aéreas das Forças Armadas da Turquia entregar-se-ão, por seu turno, a exercícios de defesa e de ataque.

Estas operações precedem as que estão previstas para o fim do mês, no Indico, dentro do ambito do Pacto de Bagdad. — (A. N. I.).

O exame da queixa síria na O. N. U.

NOVA YORK, 31 — A sessão da assembleia-geral da O. N. U. consagrada ao exame da queixa síria, que fora fixada para esta manhã, foi anulada ontem. Continuará amanhã, devendo entretanto permitir que prossigam as negociações em curso.

A assembleia deve abordar a discussão sobre duas moções que foram depostas: a primeira, de origem síria, pede a criação duma comissão de inquérito, composta de sete membros, que inspeccionaria os dois lados da fronteira turco-síria e que faria um relatório ao Conselho de Segurança e á assembleia. A moção ocidental propõe os bons ofícios do Secretário-Geral que, se necessário for, irá ao local do litígio.

Em qualquer dos casos, a aprovação pela assembleia de qualquer destes projectos, exige uma maioria de dois-terços de votos. — (F. P.).

Eleições gerais

na Argentina

em Fevereiro

BUENOS AIRES, 31 — O Governo argentino promulgará, no próximo dia 15, um decreto, que fixará em 23 de Fevereiro de 1958, a data das eleições gerais.

Esta comunicação foi feita ontem, durante uma conferência de Imprensa, pelo ministro do Interior, Carlos Alconda Aramburu, que acrescentou que o «estado de sítio», imposto na cidade e provincia de Buenos Aires, em 5 de Outubro, será levantado no próximo domingo á meia-noite (hora local).

O ministro disse ainda que os 40 grevistas, presos em 22 e 23 de Outubro, foram já postos em liberdade e que o mesmo sucederá com outros. — (F. P.).

Revelações americanas

sobre as desinteligências na Rússia

entre o Partido e o Exército

WASHINGTON, 31.—O Exército americano acaba de autorizar a publicação de um documento sobre o Exército soviético—documento que se manteve secreto durante muito tempo — no qual o antagonismo entre militares e dirigentes políticos na U. R. S. S., é objecto de uma exposição pormenorizada.

Quatro dias após o afastamento do marechal Zukov a publicação deste relatório do Pentágono reveste um interesse especial, pois declara que, depois de terminada a guerra, os chefes da defesa russos se irritam ao mais alto grau devido á ingerência dos políticos nas questões militares.

«Durante a segunda guerra mundial — diz o relatório — o futuro do regime dependia dos êxitos militares. O Partido mantinha com o Exército as mais cordiais relações. Mas, depois da vitória, o comunismo passou por ser a força moral que tinha feito ganhar a guerra e os grandes generais foram tratados de forma brusca e reduzidos á obscuridade».

O documento acrescenta que «por isso, os militares soviéticos tomaram aversão á prisão espiritual onde os mantinha um regime cioso e desconfiado».

O Pentágono retirou também da lista das publicações secretas do Exército uma obra referente ao potencial militar da União Soviética. Esta, vinda a publico recentemente, dá a entender que a superioridade do Exército americano não é coisa segura.

Afirma por exemplo, que «o Exército soviético é a unica grande força do Mundo que dispõe dum arsenal completamente novo, permitindo a condução duma guerra nuclear ou não, de grande ou pequena envergadura, em qualquer terreno ou clima».

No ar, segundo a mesma fonte, «os Sovietes podem ter a superioridade, por assim dizer, sobre todos os teatros de operações possíveis» e, no mar, «dispõem da mais formidável força submarina do Mundo».

Este segundo documento sublinha que para se assegurar da superioridade nos campos de batalha de amanhã, o Exército americano terá de realizar grandes progressos.—(F. P.).

Kruchtchev não teria ainda ganho a partida

WASHINGTON, 31.—Segundo se crê nos meios geralmente bem informados, a partida não parece ter sido ainda definitivamente ganha por Kruchtchev na prova de força contra o marechal Zukov.

Se o presidente Eisenhower deu provas de grande reserva quanto ao caso Zukov, na Secretaria de Estado, apesar do silêncio oficial, está-se de posse de numerosos relatórios chegados da embaixada dos Estados Unidos em Moscovo.

Em certos meios americanos tem-se a impressão de que ao atacar o marechal Zukov, Kruchtchev não se deu talvez conta de que provocaria uma crise interna, que ele próprio dificilmente poderia dominar.

As declarações do 1.º secretário do partido durante a recepção na embaixada da Turquia, fazem pensar que contrariamente a certas informações de Imprensa chegadas de Moscovo através das malhas da censura soviética, o comité central do Partido não estava em sessão. Segundo certas informações obtidas de boa fonte, este organismo só agora se encontra efectivamente reunido. Segundo hipóteses formuladas em certos meios americanos á luz de documentos chegados de várias fontes Zukov não aceitava, de boa mente, a ascendência crescente do Partido sobre o Exército e, apesar de ser um comunista convicto, pedu que lhe fosse dado conservar o seu poder sobre aquele. Kruchtchev estava disposto, a fim de evitar possíveis reacções da parte do Exército, do Partido ou do próprio povo, a oferecer ao marechal um posto elevado mas destituído de qualquer mando—talvez mesmo o de primeiro-ministro. O marechal consciente da sua popularidade, declinou qualquer proposta nesse sentido. O 1.º secretário do Partido convocou então o comité central, esforçando-se por dissimular o facto de Zukov lhe ter lançado uma espécie de desafio.

Nos meios americanos crê-se que, se o caso se tivesse tornado logo publico, Kruchtchev ficaria numa situação bastante embaraçosa e ver-se-ia obrigado a tomar medidas severas contra o antigo ministro da Defesa. Nos mesmos meios supõe-se que Kruchtchev deve procurar febrilmente sair airosamente da situação em que se encontra.

Finalmente, não parece ser aceite em Washington a tese segundo a qual o conflito Zukov-Kruchtchev teria sido provocado por desinteligências sobre a questão do Médio Oriente. De facto, parece confirmar-se sobretudo depois das declarações feitas na terça-feira pelo 1.º secretário do Partido Comunista, que ninguém na U. R. S. S. crê no perigo de uma guerra naquela região.—(F. P.).

Ultimas notícias

• Condenações em Praga

LONDRES, 31. — A emissora de Praga anunciou que os «desordeiros» presos no princípio do mês foram condenados a penas entre duas semanas e três anos.

Os tumultos registados na Praça de Venceslau, em Praga, são um sintoma do crescente desassossego que se nota na Checoslováquia, mas quando a Imprensa ocidental relatou os acontecimentos, as autoridades comunistas do país sentiram-se na necessidade de salientar que «os desmandos de alguns desordeiros nada tinham que ver com a política».—(A. N. I.).

• Senador francês alvejado a tiro

PARIS, 31 — Henri Bordeaud, senador radical pela Argélia, escapou hoje de manhã a um atentado numa rua desta cidade. O automóvel em que seguia foi alvejado com uma rajada de pistola-metralhadora disparada por dois desconhecidos que se cruzaram com ele, noutro veículo. — (F. P.).

• Grandes inundações na Grécia

ATENAS, 31—Chuvas torrenciais provocaram inundações na Grécia, sendo os maiores prejuizos na planície da Tessália, onde as plantações de algodão ficaram completamente destruídas.

As águas alastram já por milhares de hectares de terreno cultivado e várias aldeias enocntram-se isoladas, tendo sido três delas evacuadas á pressa com o auxílio do corpo de engenharia do Exército.

As comunicações por estrada e caminho de ferro entre Salónica e Atenas estão cortadas.—(A. N. I.).

• Quatro pessoas fulminadas

SANTA CRUZ DE TENERIFE (Canárias), 31 — Desabou sobre esta cidade um grande temporal, acompanhado por chuvas torrenciais e uma tremenda trovoada.

Cairam dezenas de raios em vários pontos da cidade. Morreram fulminadas quatro pessoas e várias outras sofreram graves queimaduras. — (A. N. I.).

• Casas destruídas por um incêndio

MANCHESTER (Massachusetts), 31 — Um grande incêndio declarado numa floresta dos suburbios desta cidade e atiçado pelo vento destruiu numerosas casas deixando na miséria os seus moradores.

Os homens válidos da cidade tomaram parte no combate ao incêndio. Muitas pessoas sofreram queimaduras de gravidade e ficaram internadas no hospital.

Os estragos materiais causados pelo fogo são muito elevados. — (A. N. I.).

• Caíu ao poço e morreu afogado

EVORA, 31 (Pelo telefone) — Na herdade de Vale d'El Rei de Baixo, da vizinha freguesia de Graça do Tivor, caiu a um poço e morreu afogado, o menor José António Ventaneira, de 8 anos, residente naquela localidade.

• 72 prédios consumidos pelo fogo

TÓQUIO, 31 — Um grande incêndio destruiu totalmente 72 casas e danificou muitas outras, na cidade de Xisbara, a Norte de Tóquio. Entre os edifícios destruidos figuram dois grandes hoteis.

Desapareceram sete pessoas e dez ficaram feridas.

Os estragos materiais elevam-se a 300 milhões de yens.—(A. N. I.).

• Seis mortos num helicóptero

SÃO JOÃO DA TERRA NOVA, 31 — Um helicóptero chocou contra um cabo de alta tensão, incendiando-se. Morreram carbonizados os cinco passageiros e o piloto. O aparelho ficou reduzido a um montão de ferros calcinados. — (A. N. I.).

• Às 16 e 30

Entregou-se

à prisão

o último dos assaltantes da fábrica do Cais do Tojo

Apresentou-se, voluntàriamente, no Torel, esta tarde, o assaltante da fábrica do Cais do Tojo que ainda andava em liberdade. Trata-se de José Valdês Dias da Costa, a quem foi apreendido parte do dinheiro furtado pela quadrilha.

Prisões po íticas

na Bolívia

LA PAZ, 31 — Em consequência da proclamação do estado de sítio, as autoridades mandaram prender diversas pessoas que exerciam actividades políticas, ao que informa o «Ultima Hora».

Acrescenta o jornal que diversos indivíduos pediram ás missões diplomáticas acreditadas em La Paz que os deixassem beneficar do direito de asilo. A Embaixada do Brasil anunciou que uma das diligências foi atendida.

Enfim, uma comissão parlamentar parte hoje para Santa Cruz para fazer indagações acerca da «actividade regionalista», a que certas entidades atribuem carácter separatista.—(F. P.).

...SÓ QUERO...
...VINHOS
MESSIAS
POR SEREM BONS

MAXIME DOMINGO DAS 17.30 ÁS 20 HORAS
INAUGURACÃO DOS
Chás Dançantes
COM ATRACÇÕES DE MUSIC-HALL
CONSUMO MINIMO: 20 ESC. (MAIORES 17 ANOS)

RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS — TELEF. 14
DIA 1 — FERIADO NACIONAL
Almoço e chá-dançante
4 — RANCHOS FOLCLÓRICOS — 4
Informações e reserva de mesas em Lisboa-telefone 770320

Ensopado de enguias
FAMOSO PRATO REGIONAL
do RIBATEJANO de Salvaterra

HOTEL EMBAIXADOR
Apresenta HOJE e todas as noites
no «TERRAÇO DAS ESTRELAS»
a famosa Orquestra
RAY MARTINO
um dos melhores Conjuntos da Europa
JUVENTUDE, ALEGRIA, ANIMAÇÃO
E UM RITMO MARAVILHOSO!
(17 anos)
DOMINGO: Das 17-15 ás 19-15 «Matinée» Dançante, com RAY MARTINO Preço Esc 25$00 por pessoa incluindo chá completo

Restaurante ALVALADE
TELEFONE 779151 —— ABERTO ATÉ ÀS 3,30
Nova brigada de cozinha, chefiada por PIETRO
Conjunto musical POTIER, viola Alfredo Costa
Ritmo moderno
1 de Novembro — grande chá dançante
Gerência de Júlio Alsieri

vida literária

Prémio Nobel 1957

Albert Camus (44 anos), autor de três romances, entre os quais, «A Peste», cinco peças de teatro e numerosos ensaios, acaba de ser galardoado com o Prémio Nobel (720 contos na nossa moeda). Na nossa gravura, Camus aparece ao lado de sua filha Catarina. O romancista nasceu na Argélia, e foi jogador de futebol, empregado de perfeitura, caixeiro viajante, etc. Ao anunciarem-lhe o Prémio Nobel declarou, nobremente: «Se estivesse no lugar do juri teria dado o prémio a Malraux».

OS NOSSOS CONTOS

LANCE DE TEATRO

por AUGUSTO RICARDO

COLOCOU sobre a mesa o livro que trazia debaixo do braço, chamou o criado e pediu um «garoto» bem quente. Alcindo costumava frequentar aquele «café». Tinha dele uma saudosa recordação que vinha dos seus tempos de estudante. Fora ali que encontrara a Eugénia uma rapariga dada á pintura, á literatura e a outras manifestações de arte mais ou menos existencialista.

Ele e ela viveram cerca de três anos num alheamento idílico de namorados a julgarem-se felizes naquele curto período já distante, ao cabo do qual ele envelheceu solteiro e ela casou com um comerciante gordo e rico. Em síntese a história poderia ficar por aqui se não fossem necessários mais alguns episódios para completar a descrição e torná-la mais compreensiva.

Assim, o leitor vai, decerto, tomar conhecimento de factos que determinaram os antigos namorados a seguir caminhos diferentes.

Eugénia gostava de comodidades, ambição, aliás, natural em todas as raparigas, mesmo que não usem cabelos despenteados como esta que pretendia impor a sua personalidade mais pelos cabelos desgrenhados do que pelas ideias que apregoava.

Meditando um dia sobre o seu futuro Eugénia reconheceu intimamente que já não era nova. Ia fazer 25 anos, e todas as suas amigas tinham casado antes dos vinte. Tremia de pavor só em pensar no aparecimento do primeiro cabelo branco. Tal facto constituia para ela constante martírio.

Decorreram alguns anos e á Eugénia não se lhe deparava noivo que satisfizesse as suas aspirações. O certo é que dificilmente encontraria um rapaz que juntasse o util ao agradável. Isto é, que tivesse mais dinheiro do que ideias. Mas onde encontrar um que reunisse aqueles dois atributos?

Eugénia pensou em Alcindo: quem sabe se ele estaria rico? Mas não. Continuaria, certamente, idealista que é tudo quanto há de mais nocivo para definir sólidas posições na sociedade. Ela, agora, já se limitava a desejar um homem que tivesse dinheiro. Os idealismos passam com a mocidade. Eugénia não se julgava velha, mas havia perdido a mania de se prender a irrealidades e a desvairamentos imaginativos que empobrecem quem neles acredita. Por isso deliberou dar novo rumo aos seus ideais. Pensou de novo em Alcindo mas rápidamente o pensamento se desvaneceu. Embora mais velho continuaria, possívelmente, abandonado áquela vida inutil e nefasta de impenitente e irreconciliável inimigo do mundo burguês.

Eugénia encontrava-se, portanto, entre estes dois dilemas: continuar a ser existencialista e morrer pobre, ou casar aceitando uma oportunidade que surgisse. Foi então que numa «soirée» de arte encontrou o Barata e o conheceu através de uma rápida apresentação de uma amiga casada antes de concluir o curso.

Barata tinha ideias grosseiramente positivas a respeito do amor

(Continua na 19.ª página)

Dona Isabel Cobos de Porcel, famoso quadro de Goya

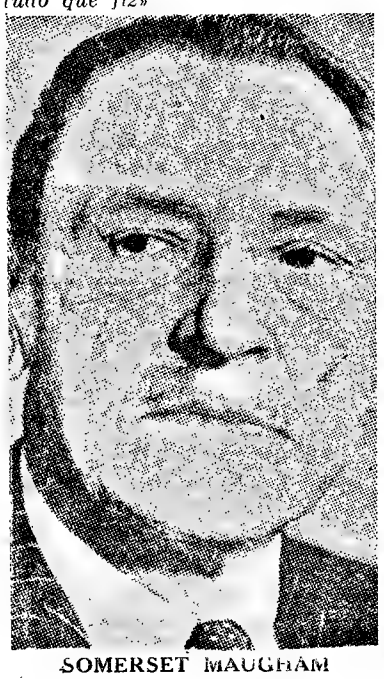
Confissões de Maugham

O segredo da arte de escrever

Somerset Maugham, famoso novelista inglês, conta hoje 83 anos. Apesar de ter anunciado que se retirava da actividade literária, com algumas dezenas de magníficos romances, entre outros «Servidão Humana», que lhe foi inspirado, quando estudava num hospital de Londres, há quem suspeite que ele não disse ainda a sua ultima palavra. É um verdadeiro técnico da novela, e por isso estas suas «confissões» da arte de escrever são curiosíssimos. De certo podiamo-las resumir nesta frase: a função faz o orgão. Eis o que Somerset Maugham diz:

«Não deve esperar pela inspiração. Se a gente espera até se sentir disposto, escreverá muito pouco. Deve-se contrair o hábito de escrever todos os dias. Muitas pessoas têm dificuldade em começar o trabalho do dia, e eu também sou desses. Tenho dois métodos para contornar esse obstáculo. Enquanto estou no banho, penso nas duas ou três primeiras frases que desejo escrever. Ás vezes não consigo nada e ponho-me a olhar a página em branco abstracto, confuso, sem encontrar a ideia de como principiar. Em tal caso o unico meio, de acordo com a minha experiência, é começar a escrever qualquer parvoice que me ocorra. Deste modo, posso encher meia página de coisas que terão de ser riscadas, mas por fim o subconsciente põe-se em actividade e o verdadeiro trabalho começa.

Como muitos outros escritores, já passei pela experiência de reler o que escrevi e perguntar a mim próprio: «Como diabo vim a escrever isto?». Sustento que o melhor do trabalho literário é feito pelo subconsciente. Para encorajar isso, continuo a escrever uma história sem interrupção até ao fim. Não sou dos que revêem meia duzia de vezes o terceiro capítulo antes de passarem ao quarto capítulo. Enquanto a produção original está em andamento, procuro manter o fluxo do subconsciente. Terminada a história, volto ao princípio. A minha inteligência assume, então, o comando, e refaço e torno a refazer tudo que fiz»



SOMERSET MAUGHAM

Oro mio

A Manuel Machado

Vamos entrando en oro. Un oro puro
nos pasa, nos inunda, nos inciende,
nos eterniza.

¡ Que contenta va el alma
porque torna a quemarse,
a hacerse essencia única,
a trasmutarse en cielo alto!

...Sobre el mar, más azul, el sol, más de oro,
nos libra el alma, nos dilata
el corazón tranquilo
hasta la plenitud de lo increado.

¡ Oro, oro, oro, oro, oro,
sólo oro y todo oro, no más que oro
de musica, de luz y de alegria!

¡ Ay, que torno a la llama,
que soy otra vez ya la lengua viva!

JUAN RAMÓN JIMÉNEZ

Um filme sobre Maurois

Michel Droit está a realizar um filme sobre André Maurois.

A primeira cena do filme mostra o romancista de «Climats», a entrar no liceu de Ruão, a fim de assistir á aula de Alain, seu grande mestre.

COLECÇÃO MINIATURA

apresenta:

A CASA DO CANAL

é um dos mais célebres e perfeitos romances de quem é considerado um dos maiores nomes das letras mundiais:

Georges Simenon

EDIÇÃO "LIVROS DO BRASIL"

Obras fundamentais

O erudito inglês Edward H. Blakeley, especializado em textos clássicos, apresentou, uma lista de doze obras que considera de importancia fundamental na cultura do Ocidente. São os livros que, segundo ele, assinalaram o princípio de novas eras e cuja influência mudou o curso dos acontecimentos humanos:

1—«A Republica», de Platão.
2—«A Política», de Aristóteles.
3—«Eneida», de Virgilio.
4—«A Cidade de Deus», de Santo Agostinho.
5—«Suma», de Santo Tomás de Aquino.
6—De Revolutionibus Orbium Coelestium», de Copérnico.
7—«A Instituição Cristã», de Calvino.
8—«Ensaio sobre o entendimento humano», de Locke.
9—«Crítica da Razão Pura», de Kant.
10—«Contrato social», de Rousseau.
11—«O Capital», de Marx.
12—«A Origem das Espécies», de Darwin.

«O Preto no Branco» do dr. Ramada Curto

Por se encontrar doente o nosso ilustre colaborador sr. dr. Ramada Curto, não podemos ainda hoje publicar a sua brilhantíssima secção «O Preto no Branco», o que esperamos fazer já no próximo numero.

LIVROS E AUTORES

COMENTARIOS DE ARTUR PORTELA

AUGUSTO GIL

POESIA

«SOMBRA DE FUMO»

(Terceira edição)

de Augusto Gil

Augusto Gil é uma das presenças líricas mais belas da nossa terra. Como que herdou de João de Deus o talento da simplicidade, o romantismo do amor, convertendo as rimas em volitação de asas e os versos em estos de imaculada paixão. Teve um extraordinário poder de síntese. Todos os seus poemas são como diamantes, duros e luminosos, admiràvelmente talhados nas arestas vivas da língua e do sentimento. Há nele uma perpétua adoração pela mulher e mesmo quando a estreita, a beija, a empolga, idealiza sempre na castidade de um sonho que sobe da realidade até ao firmamento angelical da graça, tal um Eros de alabastro, que se debruçasse sobre o corpo palpitante de uma Psique ansiosa e receosa de entregar a inocência do seu segredo.

Numa reedição feliz das obras de Augusto Gil, saiu agora «Sombra de Fumo», um dos livros que melhor canta a mulher, tão vivo e ardente de inspiração, que é fácil supor tratar-se de um retrato. Como Gil soube amar a bem amada!

Transcrevemos «Cotovia».

Fosse esta noite o infinito instante
Em que ficassem para sempre unidos
O futuro distante
E os tempos idos!
(Debruça-te um pouco e olha
Os meus olhos, meu amor...
Fosse ele a rosa que se não desfolha)
Botão perpétuo, entreaberta flor!...

Fosse ele a asa leve e palpitante
— Que não descesse mais, nem mais subisse —
Dum rouxinol de voz maravilhante
Que nunca, nunca, nunca se extinguisse!...

(Dá-me outro beijo como esse.
E sorri. Sorri assim...)
Ai se o tempo se esquecesse
De ti, meu bem, e de mim!...

Não rias alto, Maria.
— Retiraste o braço! Doi-te?... —
Não rias que a cotovia
Não canta nunca de noite.)

Fosse o silêncio musical que sinto
Eterno abraço, carinhoso cinto,
Aprisionando o amor entre ambos nós!...

(Não não, Maria,
Que a luz dessa voz
Atrai a do ceu...)

Eu bem to dizia!

Bem to dizia eu,
Inquieta cotovia,
Cabecinha vã...
A tua voz fez acordar o dia.
Olha: Já é manhã!

(Portugália).

O «Diário íntimo»...

de Manuel Laranjeira

Manuel Laranjeira foi um descrente. Nasceu sob um tétrico signo negro. Não podia sentir, não podia pensar, sem encontrar logo, quase instintivamente, o reverso duro, negativo, corrosivo das coisas.

No seu «Diário Intimo» há pouco aparecido, comentando um encontro com Unamuno — Laranjeira escreve, sem se aperceber, apesar da sua hiper-sensibilidade analítica, de que ele próprio se retratava: «Como a chama agonizante de uma lampada, a fé de Unamuno oscila, esvoaça. Querer crer e não poder crer, desejar ter fé e não poder sufocar a duvida... — eis a tragédia». De ambos! «La imortalidad... pues nada!» — dirá o de Salamanca. O epitáfio de Laranjeira, que não era como o outro, um especulador, tanto mais que sentia devorar-lhe a carne os estigmas do sofrimento, e viera ao Mundo sob um luaceiro negro e fatídico.

O mais curioso em *Diário Intimo* é a genese do pensamento suicida de Manuel Laranjeira, aquelas «asas molhadas», dos nevoeiros, das brumas, dos temporais da Natureza (Espinho invernal, e ele solitário, nas dunas, vendo o céu e a terra cinzentos de lama) e da sua própria alma, como um Caim expulso do Mundo, por uma fatalidade, duplamente, animica e biológica. E outro aspecto ainda de dolorosa psicologia in vivo, sem literatura desvendando, revelando o mecanismo espiritual e fisiológico do amor. Então, Laranjeira como que grita — tudo é mentira. Não acredita nas lágrimas de fogo, nos beijos famintos, nos estos da posse da pobre Augusta. A duvida sempre, o veneno letal, o riso sarcástico, interior, diabólico de Caliban. Horrível e terrível! Até a paixão enegrece com ele, sem rutilancias de jubilo, sem abandonos, crispada, torturada, escalpelizada. Uma consciência assim era monstruosa. No seu desespero como transumana, ou melhor, anti-humana.

Respigamos do *Diário Intimo* algumas frases:

A pobre rapariga tinha razão ontem: há horas em que ele me não pode acompanhar: Sou só, só.

Que torturante e trágico!

A terra, as nuvens parecem uma grande esponja cor de cinza, embebida em lama, em luz viscosa, em tristeza e, sobretudo, em aborrecimento. Escusado será dizer que são estes os dias mais felizes para mim... — os meus dias de melhor tédio.

Como vêem só a aparência da morte o inebria!

Tudo parece estagnado como um lamaçal sem fim. A Augusta pergunta-me:—Não penso.— Tens uns olhos de quem está a ver coisas tristes. Que vês tu? — Vejo-me — Não admira: está um dia de morte... de morte!

E' lancinante como esta Cassandra rustica o *vê* tão além e como relaciona a expressão do dia com a fisionomia do amante, se é que a não sobrepõe na máscara da natureza. A morte está nele! O mors-amor.

Que patéticos amantes! E Laranjeira escreve no *Diário Intimo:*

Não tenho pena dos que vão, tenho pena dos que ficam. Os mortos não me comovem: comovem-me os vivos. Tenho a impressão (morte de uma sobrinha) que não é um cadáver que se encontra, mas sim algum pedaço da alma de um vivo. E parece-me que tenho razão.

Uma frase de Augusta, que tem uma beleza shakespeareana. Não será do próprio M. Laranjeira?

Sinto-me tão sòzinha, tão sòzinha, e a minha alma arrefece, arrefece, arrefece-me o corpo e tenho a impressão de que estou morta e deitada já na minha sepultura.

Alberto de Serpa, que apresenta o livro, documenta-o no final com notas explicativas. *(Portugália).*

«Os guarda-chuvas», quadro de Renoir — (1814-1919)

Um novo livro de ERICO VERÍSSIMO

México

HISTÓRIA DE UMA VIAGEM

Encontra-se à VENDA

DESENHOS ORIGINAIS DO AUTOR

50$

edição "LIVROS DO BRASIL" Lisboa

ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES DA PORTUGÁLIA EDITORA

Obras de Augusto Gil: **Sombra de Fumo,** 3.ª ed., capa e litografias a cores de Cipriano Dourado; **Gente de Palmo e Meio,** 3.ª ed., capa e desenhos de Gardy de Arriaga. Cada vol., em papel «offset», 25$00.

História de Jesus para as Criancinhas Lerem, poesias, de Gomes Leal, 7.ª ed., com desenhos de Julio Gil. 1 vol., tiragem comum, 15$00; em papel «offset», 25$00.

Diário Intimo, de Manuel Laranjeira. Introdução e notas de Alberto de Serpa. 1 vol., com gravuras, 30$00.

Mar de Cristo, poema, de Mário Beirão. 1 vol., 25$00.

Filhos e Amantes, romance, de D. H. Lawrence. Tradução de Cabral do Nascimento. 1 vol. de 450 págs., 3.ª ed. (colecção «os Romances Universais»), 50$00.

A Anunciadora, romance, de Romain Roland. IV vol., de «Alma Encantada». Tradução revista por Jaime Brasil. 1 vol., 25$00.

O Livro de Marco Polo. Tradução de Ferreira Alves, capa e desenhos de Nuno. 1 vol., 25$00.

Mestres do Conto Eslavo. Versão portuguesa de Cabral do Nascimento. 1 vol. (col. «Antologias Universais»), 25$00.

Contos Hungaros. Traduzidos por Diogo Caminha; selecção e prefácio de José Augusto. 1 vol. (col. «Antologias Universais»), 15$00.

Pensamentos Idos e Vividos, por Cardoso de Miranda. 1 vol. de 424 págs., em papel «offset», 50$00.

Mais Uns Versos de Castela, de Alberto de Serpa. 1 vol. 12$50.

Aventuras de Robin dos Bosques. Tradução de Ferreira Alves, desenhos de Alvaro Duarte de Almeida. 1 vol. («Biblioteca dos Rapazes»), 15$00.

A Bailarina de Nice, por Maysie Greig. Tradução de J. da Natividade Gaspar, 1 vo. («Biblioteca das Raparigas»), 20$00.

A VENDA NAS LIVRARIAS

Pedidos á: **PORTUGÁLIA EDITORA**

Avenida da Liberdade, 13, 3.º — Lisboa

ACABA DE SAIR

Um romance que confirma de maneira iniludível os êxitos literários alcançados pela autora com «Rebeca» e «A Prima Raquel».

OS PARASITAS

— de —

DAPHNE DU MAURIER

Esc. 40$00

LIVRARIA BERTRAND

Uma recente reunião internacional, na qual estiveram delegados portugueses, teve por objectivo mostrar a capacidade, para algumas práticas desportivas, de homens diminuidos na sua acção por acidentes físicos e pequenas mutilações

Juventude, desporto, vontade e acção

figuram entre os atributos que ornamentam o indigitado novo chefe do Governo francês

Tem 38 anos, mede um metro e oitenta e cinco, parece que joga o ténis com desenvoltura e tem fama de avarento.

—Ninguém se lembra de que ele lhe tenha pago nem um copo de água no bufete da Camara dos Deputados... — diz dele um companheiro de lutas políticas.

Defeito ou qualidade? Na pessoa de um ministro das Finanças o atributo deve ter-se, pelo menos, como sinal de boa recomendação.

É o começo do que se sabe de Felix Gaillard, ministro pela primeira vez no gabinete francês actualmente demissionário. As suas concepções de rigidez, de austeridade, de teimosia assinalaram-se como um traço vivo. Fez frente a tudo e a todos. Era preciso limitar despesas, cortar no orçamento? Corta aqui, corta acolá — «ou querem ou vou-me embora». Foi uma guerra em conselho de ministros. Ninguém quase condescendeu em reduções pelos assuntos da sua pasta. Duas, três, quatro vezes, ele repôs a ameaça: ou aceitavam os cortes ou ele se demitiria. Todos aceitaram.

Este homem, que chega assim á primeira fila da actualidade internacional, já é daquela geração da qual se pode dizer que não chegou a usar chapeu... É formado em Ciências Políticas, fez a sua «tarimba» política nos quadros da Resistência e, após a Libertação, durante o consulado do general De Gaulle, fez parte da equipa de jovens-peritos que Jean Monnet levou aos Estados Unidos para alcançar condições de financiamento para o seu plano de reconstrução das áreas devastadas.

Há uma fórmula de Antoine Pinay que Felix Gaillard admira. «É preciso saber dizer não. O segredo dos triunfos de um ministro das Finanças não está na sua imaginação, como julgava Caillaux, mas na sua ponderação».

E Felix Gaillard é ponderado e firme. Em Jonzac, no decorrer da ultima campanha eleitoral, perguntou:

—Poderei representar-vos, quando sei as responsabilidades que me esperam, responsabilidades tão grandes que os que as assumem e não sabem mostrar-se dignos delas deviam ser julgados num tribunal?

É extremamente miope. Um dia, tendo partido dois pares de óculos, foi obrigado a abandonar a presidência de um encontro de economistas, porque não podia sequer fazer a sua assinatura.

Homem moderno e realista, Felix Gaillard fala menos para dizer o que pensa do que para dizer o que quer. Quando era subsecretário de Estado para a Energia Atómica, conseguiu de Pinay cinquenta milhares de francos, que permitiram a construção do centro de Marcoule. No entanto, quando assumiu aquelas funções ele só conhecia o átomo através de um pequeno livro da colecção «Que sais-je?».

A sua rápida carreira provocou algumas invejas. E os seus próprios amigos políticos dizem-no um pouco impertinente. Num conselho de ministros, André Morice disse-lhe:

—Os seus pontos de vista são claros, mas fala um pouco depressa Tem a maturidade técnica de um velho homem de governo, mas tem também os humores de um jovem...

O avô de Felix Gaillard foi um hábil negociante de «cognac». Felix nasceu com uma colher de oiro na boca. Seu pai, Maurice, engenheiro de minas, e sua mãe, Alice, professora da escola de Sèves, instalaram-se num dos muitos prédios que o avô Gaillard tinha em Paris. Felix passava as férias em Barbezieux, onde os seus camaradas de infancia se lembram dele como um rapaz turbulento e precoce. Com doze anos, publicou um jornal, «O Francês», de que era o unico redactor.

Os seus adversários dizem que ele é um homem de sorte. Felix fala mesmo na sua «estrela». Em 1945, nos Estados Unidos, ele quase duvidou da sua sorte. Jean Monnet, que foi seu mestre, impôs-lhe um posto de pequeno funcionário, quando dc antes. Felix já tinha desempenhado cargos importantes, como o de inspector das Finanças.

Felix Gaillard teve depois de entrar nas lutas eleitorais. De inicio, foi um martirio. Jovem burguês técnico, não sabia falar senão a especialistas. Quando das ultimas eleições teve de bater-se com um adversário temível: Poujade.

No seu jornal eleitoral, Felix Gaillard esclareceu a opinião publica sobre o problema posto por Poujade — a reforma do sistema fiscal. Gaillard provou que, quando era secretário de Estado na Presidência do Conselho e no Ministério das Finanças, tinha elaborado um projecto de lei sobre a reforma fiscal que preconizava quase todas as medidas que só depois Poujade reclamou.

Quase no fim da campanha eleitoral, em Ruffec, um comicio radical foi assaltado pelos «comandos» poujadistas. Felix Gaillard era um dos oradores da sessão. Depois dessa luta, ele resolveu pura e simplesmente anular todas as reuniões políticas até ao dia do escrutinio. No entanto, foi reeleito por uma margem de 5.000 votos.

Foi durante essa ultima campanha que Felix Gaillard se deixou apaixonar por uma jovem de 35 anos, Dolorcs, viuva de Raymond Patenôtre, que foi também um jovem ministro radical, igualmente desportista, dinamico e surpreendentemente jovem, que viajava num jate e aportou uma vez em Lisboa.

Ninguém acreditava que Felix se fosse casar. Era um homem que se instalava confortávelmente no celibato. Tinha uma das mais ricas discotecas de Paris e coleccionava caixas de fósforos. Felix casou-se e dentro em breve era pai de um garoto amável e vivo.

Entretanto, secretário de Estado ou ministro, quando ele vai á Chambre, círculo pelo qual é deputado, quer que o tratem como a um igual. O seu quartel-general é a loja da senhora Yvonne Cauderc, comerciante de guarda-chuvas.

É ali que se encontra com os seus amigos, o farmaceutico, o livreiro e outros. Discutem até ás três horas da manhã.

Quando da sua ultima visita a Barbezieux, o «maire», sr. Mécanteau preparou uma recepção monumental ao novo ministro das Finanças.

O carro oficial parou. Mas Felix Gaillard não desceu. E disse ás pessoas importantes que se aproximavam, perplexas:

—Não sou ainda presidente do Conselho! E mesmo que o fosse, eu queria descer na minha boa terra como um simples cidadão. Peço-vos, senhores, mandai retirar a musica!

Felix Gaillard, no inicio da sua breve carreira de ministro das Finanças, quis um dia receber todos os queixosos. Ouviu todos os pedidos e reclamações e anotou quanto eles custariam ao orçamento. A meia noite interrompeu o trabalho e somou todas as verbas: 50 biliões de francos! Decidiu passar á acção e combater a catástrofe.

—Não quero passar á História como o ministro da bancarrota! — disse.

Quando, há dois dias, o presidente Coty o mandou chamar, teve de esperar uma hora. Ninguém sabia a morada de Gaillard. Mas Felix Gaillard, após o encontro com o presidente da Republica, actuou rápidamente, com segurança. Alguns pensam que ele pode ser o «sangue novo» de que o Governo francês necessita.

DESPORTOS

Os dois técnicos alemães

que orientam Manuel Faria

estão à disposição dos atletas portugueses

para os próximos Campeonatos da Europa

Depois dos Jogos Olímpicos, a mais importante competição mundial, no Velho Continente, é, sem duvida, o campeonato da Europa, que é disputado, no próximo ano, na cidade de Estocolmo, de 19 a 24 de Agosto.

Portugal, aliás como tem sido até aqui, lá estará representado ainda que em numero muito reduzido, pois as suas possibilidades em confronto com o atletismo europeu são, na verdade, muito diminutos.

Digamos, porém, que a presença de Portugal, nos Campeonatos Europeus é por si só um factor a realçar, mas não acalentemos a esperança de classificações excepcionais para não se iludir a verdade, nem tão-pouco desfazer o trabalho já realizado em prol do atletismo nacional.

Somos — apesar do progresso evidenciado de ano para ano — uma potência pobre na matéria, com condições de vida deficientes, impróprias para podermos ombrear com os colossos.

E' verdade que a capacidade dos nossos representantes aumentou extraordinàriamente com alguns meios (bem poucos) postos á sua disposição, mas também não é menos verdade, que o progresso evidenciado noutros países teve um acréscimo digno de nota.

Temos, porém, o dever de reconhecer que as nossas possibilidades de participação são justas, mas limitam-se a cinco ou seis especialidades: triplo-salto, 100, 200, 5.000, 10.000 e maratona — episódicamente os 400 e 1.500 metros e o lançamento do martelo.

E' pensamento assente, se participarmos, que Portugal não vai á Suécia medir forças com este ou aquele país, mas, antes, procurar ensinamentos, observar pormenores e dar, na verdade, maior expressão ao que já sabemos fazer. A este respeito não há veleidades e parece-nos que estamos todos de acordo.

Todavia, e, apesar das limitadas dimensões do nosso poder, temos necessidade de comparecer não só pelo estímulo que se dá aos jovens e actuais praticantes, mas também pela importancia e categoria dos campeonatos e o que depois deles virá.

Desta forma, é, agora, o preciso momento de se aceitar, com ambas as mãos, uma oferta valiosíssima, feita há tempos, á Federação Portuguesa de Atletismo dos dois famosos técnicos ademães, criadores de campeões mundiais — Waldemar Gerschler e dr. Rendall — oferta que está de pé e que não implica grandes despesas financeiras, pois os seus serviços pessoais, devido á amizade que os liga a Manuel Faria e Luís Aguiar, são gratuitos, havendo, apenas, que pagar a estada e deslocação dos portugueses ao «laboratório» de Freiburg.

Como se sabe, Waldemar Gerschler (apelidado de o treinador alemão fantasma) é uma autoridade **na** matéria, pois das suas mãos sairam homens como Josy Barthel, Gordon Pirie, Roger Moens e outros campeões mundiais em várias especialidades. Acrescente-se a isto os resultados já obtidos num atleta português — Manuel Faria — e teremos, na verade, um ponto de partida seguro para melhores cometimentos por parte dos nossos representantes.

Por outro lado, há ainda o factor dos atletas portugueses, a deslocar á Suécia, não pertencerem todos ao mesmo clube e daí orientações técnicas diferentes sujeita ás necessidades de cada equipa clubista, como se vê, contrárias ao espírito de uma representação nacional eficiente.

Há, portanto, que conjugar, a partir deste momento, todos os esforços, já que existe a ideia de levar a Estocolmo, pelo menos, Manuel Faria, do Sporting, José Araujo e António Faria, do Benfica e, remotamente, Fernando Castro, Hélio Duarte, Eduardo Albuquerque (todos do Benfica) e Rui Ramos, do Belenenses.

Ponham-se, portanto, de parte fantasias e trabalhe-se á luz das realidades, fazendo com que todos se interessem pela presença de Portugal nos Campeonatos da Europa, com honestidade e dignidade. Os exemplos vêm de cima, que sejam estes os primeiros a dar o passo!

JOSÉ BATALHA

AUTOMOBILISMO

Comemoração do 7.º aniversário do clube «Arte e Sport»

A secção de Automobilismo do clube «Arte e Sport» realiza no próximo dia 4 de Novembro uma sessão dedicada aos automobilistas desportivos denominada «Dia do Automobilismo» e integrada nas comemorações do VII aniversário do clube. Na reunião serão exibidos filmes desportivos, uma palestra sobre a «vida» dos automóveis, entrega de medalhas comemorativas e homenagem ao automobilista José Manuel Simões, vencedor das taças «Cidade de Lisboa» e «Cidade de Luanda».

CICLISMO

«A Primeira Pedalada» organizada pelo Sporting

Na intenção de divulgar o ciclismo e aliciar para a sua prática o maior numero de jovens, o Sporting Clube de Portugal realiza, no próximo dia 17 de Novembro, a corrida, para a categoria de «populares», «Primeira Pedalada». A inscrição para esta prova está aberta na sede do clube leonino até ao dia 15 de Novembro.

O ARTE E SPORT

vai organizar um campeonato de damas

Esta noite, ás 21 horas, reúnem-se os sócios do Clube Arte e Sport, da secção de damas, numa sessão dedicada a este desporto. Trocar-se-ão impressões quanto ao primeiro campeonato de jogo de damas do clube, a realizar brevemente e o campeão de Portugal, dr. Orlando Augusto Lopes fará uma simultanea com alguns jogadores.

O «Diário de Lisboa» vende-se em MONTEMOR-O-NOVO, na casa Joaquim R. Amaro.

SPORTING
EM SETUBAL
DOMINGO, 3 DE NOVEMBRO
1.º ITINERARIO
Partida da Garagem Navarro, Rua da Palma, 256, ás 9 horas, por Cacilhas, Sesimbra (paragem de 30 minutos), Portinho da Arrábida (paragem de 1 hora), passagem pela Serra da Arrábida com algumas paragens para se apreciar uma das mais belas paisagens da Europa, seguindo para Setubal. Partida de Setubal ás 18 horas. Chegada a Lisboa pelas 20 horas.
PREÇO ESC. 50$00
—oOo—
2.º ITINERARIO
Partida da Garagem Navarro, Rua da Palma, 256, ás 9 horas, por Vila Franca de Xira, Lezírias do Ribatejo, Montijo e Setubal. Partida de Setubal, ás 18 horas, regressando por Cacilhas.
PREÇO ESC. 45$00
Nos luxuosos auto-pullmans de
ISIDORO DUARTE
A EMPRESA QUE TODOS OS DESPORTISTAS PREFEREM
RUA DA PALMA, N.º 256
(Garagem Navarro)
Telef. 861034—CABINAS 2 e 3
LISBOA

Associação Portuguesa para a Educação pela Arte

Foram aprovados os estatutos da Associação Portuguesa para a Educação pela Arte, instituição cultural cuja fundação se fica a dever a um numeroso grupo de artistas e professores ligado ao movimento da arte infantil portuguesa.

Esta associação organizará exposições de obras originais, de reproduções e de material de divulgação artística, inventários artísticos; promoverá a fundação e orientação de museus, bibliotecas e colecções; a criação de um instituto para o estudo e sistematização das teorias científicas sobre a educação pela arte e seu desenvolvimento; e colaborará em problemas de educação pela arte com todas as instituições, entidades e pessoas que se dediquem ao estudo, divulgação e ensino das actividades artísticas e artesanais.

Á A. P. E. A. podem pertencer todas as pessoas e organismos que mantenham actividades ligadas á formação da criança e todos aqueles que se dediquem, ou simplesmente apoiem, o desenvolvimento da educação pela arte. As adesões dos interessados devem ser enviadas á comissão organizadora da A. P. E. A., Rua Pinheiro Chagas, 62, 1.º, direito, Lisboa.

O momento político e o acto

A resposta da U. N.

às afirmações produzidas pelo eng.º Cunha Leal

nos seus artigos no «Diário de Lisboa»

(Continuação da 1.ª página)

lar-se de vulcanismo ou de tempestades. Raiou o Sol, num céu sem nuvens.

Bem humorado, o replicante substituiu tudo aquilo por meia duzia de gracejos de gosto discutível. Mas não pode ser-se exigente. Do melodrama ao aticismo «it is a long way»...

De resto, em questões de graça, cada gracioso tem as suas predilecções e com o publico passa-se o mesmo. Para o sr. eng. Cunha Leal, que não sendo professor foi reitor da Universidade de Coimbra, por exemplo, umas insignias doutorais são a coisa mais risível deste mundo, da mesma maneira que considera irresistível de comicidade apresentar-se como «um pobre homem» de «cérebro obtuso», mas provido de «uma inata avidez cultural», muito embora viva na «selva da ignorancia».

Mas não podemos entender que isto fosse escrito a sério, até porque quebraria a unidade do artigo em que não há, de facto, outra coisa séria, como vai tentar demonstrar-se.

II — Intervenção e abstenção

A réplica do sr. eng. Cunha Leal não é positivamente um modelo de equilíbrio. Os problemas mais importantes são tratados pela rama ou quase não são aflorados. As suas faculdades polémicas exercem-se sobre o episódico e nomeadamente sobre o que lhe parece mais fácil. Ao principal aplica as artes de prestidigitação.

Assim é que lhe merece particular interesse a observação feita acerca das singularidades da Oposição, que é intervencionista e abstencionista, activa e inactiva, com a agravante de haverem optado pela abstenção os que têm mais entusiasmo pelo sufrágio e preferido a intervenção os que pura e simplesmente o desprezam.

Esqueceu-se, no interregno, o sr. eng. Cunha Leal da explicação que nos deu da primeira vez. Os oposicionistas não votavam porque estavam tristes, imersos em melancolia negra, tão negra que nem sequer escutavam as vozes que se erguiam a falar-lhes dos grandes princípios. E a tristeza explicava-se pela penuria em que viviam.

Aparece, agora outra explicação. Se, no campo oposicionista, cada um pensa o contrário do que pensa o vizinho do lado, é porque «não chegaram ainda a descortinar o denominador comum das suas posições ideológicas e a acertar uma táctica de acção política».

«Não chegaram ainda...». Para o replicante, a questão é só de tempo. Está convencido de que, com mais uns meses, uns anos ou umas décadas, liberais e comunistas encontrarão o «denominador comum das suas ideologias». Aceita-se a confissão util, que se não esperava tão espontanea. No entanto, pondera-se: o que é que pode haver de comum, no denominador ou numerador, entre o democrata que exalta os direitos do indivíduo e o marxista que dels faz tábua rasa? Entre os que se dizem defensores da ordem e os que querem a subversão social? Entre os partidários das reformas pacíficas e os que endeusam a violência?

Quanto á táctica já o problema se põe noutros termos. Os comunistas, nas instruções dadas ás suas hostes para o período eleitoral, impuseram uma atitude de discreção, deram férias ao ideário e recomendaram aos adeptos que se servissem dos seus aliados liberais, reservando-se para depois lhes ajustarem as contas. Portanto, neste aspecto, não há dificuldade irremovível.

Entretanto, atribui-se á Situação a responsabilidade de não ser mais perfeita e mais completa a submissão dos democratas aos comunistas, no quadro de uma autêntica «frente popular». A Situação é que não deixa procurar a linha geral de pensamento e de acção, cuja resultante não seria outra senão essa — di-lo a experiência alheia, que não temos vontade de ver repetida na nossa casa. E se porventura se tem construído uma tão aliciante perspectiva, não há motivo para disso fazer um caso de consciência.

Mais ou menos por toda a parte se reconhece a necessidade de um tratamento especial para com o comunismo. Em países liberalíssimos, os partidos comunistas são colocados fora da lei. Como é que há-de operar-se entre nós, se a nossa Oposição persiste no equívoco e se os seus elementos liberais se consagram á descoberta do «denominador comum» que lhes permita colaborarem harmoniosamente com os comunistas, na frente unica dos adversários do Regime?

Não se diga que se tolhe a afirmação das ideias democráticas e a sua elaboração doutrinal. O que se reprime é o abuso atentatório da paz social e o que possa desnortear a opinião publica. E quanto á acção preventiva, poderá perguntar-se se estará certo, numa sociedade civilizada, deixar que certos abusos, qualificados como espécies delituais, só porque sejam cometidos por determinados meios, se eximam ao policiamento e se deixem consumar, para depois se punirem.

Para o sr. eng. Cunha Leal, a Democracia é o regime dos partidos e pelos partidos se define. Portanto: ou se constituem partidos, em permanente insurreição contra a unidade moral do País, ou os democratas não podem atingir as suas «ideias médias».

Mas isto não é tão claro como parece a primeira vista. A Democracia é tanto mais perfeita quanto mais consciente e conscienciosa e a intervenção dos cidadãos na vida política do País. Ao seu correcto funcionamento interessa que, em cada oportunidade e em cada assunto, possam decidir-se livremente, analisando e ponderando as suas responsabilidades. E isto não é rigorosamente possível quando se enquadram em partidos, aos quais hipotecam a sua liberdade, sujeitando-se á disciplina de acção que lhes impõe critérios de directórios e de assembleia. Deixam, então, os indivíduos de actuar como cidadãos, por serem apanhados pela engrenagem do clubismo partidário.

Se a continuidade no tumulto conduzir a um resultado que desentranhe a Democracia do seu conteúdo de civismo, terá de concluir-se que essa continuidade se não reconhece desejável e que a perturbação que semelhante tumulto introduz na nossa vida publica não é conciliável com o ritmo do trabalho sério e da boa administração.

E' preferível a um mal maior que os intervencionistas não saibam ao certo porque intervêm e que os abstencionistas ignorem as razões da própria abstenção.

III — Portugal, país de antropófagos

Chegado ao capítulo quarto da réplica, o sr. engenheiro Cunha Leal, muito agastado porque o acusaram de pessimismo e, para o contestar, escreve: «Sim, sou, de facto, pessimista, por isso que vivo em contacto com o povo e conheço, etc., etc....». Não valia a pena tanta indignação, para depois homologar o juizo. E também não valia a pena qualificar de sofismas os argumentos que lhe foram apresentados e que se julgou dispensado de refutar.

Onde é que o seu espírito arguto descobriu os sofismas?

Na demonstração de que a nossa concepção de Estado é frontalmente oposta ao «autoritarismo estatal?»

Na distinção que se formulou para explicar que o autoritarismo estatal não está em causa e nada tem que ver com o ordenamento interno dos órgãos de soberania?

Na análise que se fez do instituto da representação?

Tratou-se com clareza e sem artifícios de alguns problemas de Direito Publico e não se percebe que o nosso contraditor se dê por ofendido, só porque se sugeriram certas dificuldades com que tropeça o estilo exclamativo.

Ou será porque se afirmou: «Não se estabeleça a confusão, ao menos na Geografia, Portugal está situado para cá da Cortina de Ferro. Vive em paz, mas uma paz que é realmente paz e não aquele simulacro em voga do lado de lá. Desconhecemos a brutalidade das repressões sangrentas. Ignoramos as deportações e os campos de concentração. A defesa da ordem exerce-se com verdadeira paternalidade e o numero de presos políticos, quase todos comunistas, é mínimo e dentro de algum tempo podemos esperar que se conte pelos dedos.

«Onde e porquê «a sugestão do medo»? Medo de quê? Acabaram as revoluções endémicas. Acabaram os atentados pessoais. Os cidadãos têm garantida a segurança da vida e dos haveres. Podem exprimir as suas opiniões, desde que não sejam subversivas da ordem que lhes garante essa liberdade. Medo de quê? Os Portugueses não são timoratos e não inventam sombras pelo gosto de tremerem perante elas».

O sr. engenheiro Cunha Leal não opôs argumento a argumento e não tratou com seriedade assuntos que só sériamente podem ser discutidos.

Só a falta absoluta de «contrôle» da inteligência pode absolver que dissesse: «Sinto que o distanciamento entre Portugal e os países civilizados se vai amplificando — no plano material, etc.».

Qual será o raciocínio, mesmo sofístico em que se apoia a afirmação, assim textualmente expressa, de que não somos um País civilizado?

Em nome de que critério é que o sr. engenheiro Cunha Leal agracia os seus compatriotas com o epíteto de bárbaros ou selvagens?

Em que medida é que o sentimento nacional se concilia com estes excessos verbais?

Se é este o uso que se faz da liberdade de expressão, quem não se sentirá apreensivo quando se reclama ainda mais liberdade, para que, a folhas tantas, possa imprimir-se que somos um país de antropófagos? E para tanto bastaria que se envenenasse um pouco mais a pugna eleitoral.

Mas, não insistamos.

Nas vagas considerações que borda á margem, o sr. engenheiro Cunha Leal explica-nos que há um abismo entre a concepção democrática e a concepção autoritária do Estado. Era inutil porque ninguém o contestou. Mas, estabelecida a diferença, onde é que se consegue ver no Estado português, limitado no seu arbítrio pelo Direito e pela oMral, a «entidade metafísica» do totalitarismo?

Quem é que afirmou que a intervenção do homem na política como cidadão é incompatível com o respeito dos interesses de categoria? Não fomos nós, com certeza, nós que aderimos a uma ordem constitucional em que coexistem as duas formas de representação. Não seriam antes os mestres do sr. engenheiro Cunha Leal, que ensinaram os princípios de um sistema que desintegrava o homem de todos os seus quadros naturais e fazia dele um átomo, perdido entre os átomos?

Mas é muito dificil discutir com o sr. engenheiro Cunha Leal. Provoca as vertigens. Eliminadas as palavras sem sentido, o que fica de sólido e substancial como argumento a opor á concepção de Estado é, no fundo, a alegação de que, ainda no período de estabilização do Regime e de agitação revolucionária, foi uma vez deportado para os Açores — que são formosíssimas terras portuguesas — e de outra «exportado» para Espanha — um país tão pitoresco...

Não pode deixar de se lamentar o incómodo causado pelas circunstancias, mas é evidente que pouco tem que ver com as subtilezas do Direito Constitucional.

Acrescente-se que não falta no artigo em causa a já catalogada referência ao Tarrafal, classificado de campo de concentração mas que nunca passou de um estabelecimento prisional como tantos outros e por onde, no decurso de 20 anos de funcionamento até á sua extinção, transitaram 340 presos, em sua maioria delinquentes perigosos. Os que ali permaneceram mais tempo haviam sido condenados por actos de terrorismo ou por crime de alta traição — tentativa de entrega de um navio português a uma potência estrangeira.

Valeria a pena confrontar aquele numero de presos com o dos indivíduos que foram deportados para Timor e outras províncias do ultramar, no período anterior a 28 de Maio de 1926, sob a égide dos governos democráticos. Daí talvez se extraísse uma conclusão aproveitável a respeito do paternalismo dos regimes de ontem e de hoje, assunto que tanto aflige o sr. engenheiro Cunha Leal.

IV—Os mistérios da Economia

A leviandade com que o sr. engenheiro Cunha Leal acusa e a maneira como emprega expressões que só com escrupulo se devem usar são verdadeiramente assombrosas.

Transcrevemos:

«Quando alguém utiliza os numeros com pouca probidade mental, eles podem servir para tudo, até mesmo para mascararem a verdade. Sirva de exemplo a argumentação da União Nacional na sua réplica ao meu depoimento sobre os problemas nacionais. Transcrevo dela o seguinte bocadinho de oiro: «*Os resultados gerais e o progresso conseguido têm de certo modo a sua expressão no aumento do valor do produto nacional, que abrange em globo a produção de bens e de serviços.*

«*De 1938 para 1955, passou de 30 para 45 milhões de contos e a capitação individual acusou uma subida de 27 por cento*».

«A primeira vista, pode parecer confortante para o País esta conclusão da União Nacional. O pior é que se põem aqui em paralelo, contos de 1938 com contos de 1955. Ora isto equivale a comparar alhos com bugalhos, porquanto o valor do escudo, neste intervalo de 17 anos, sofreu uma depreciação tão considerável que este grito de triunfo unionesco provoca vontade de chorar. Dada aquela desvalorização, verifica-se que, traduzido em contos de 1938, o valor do «produto nacional que abrange em globo a produção de bens e de serviços», teve uma quebra não inferior a 40 por cento».

Não houve falta de probidade no tratamento dos numeros. Os numeros são da mesma espécie, rigorosamente da mesma espécie e perfeitamente comparáveis. O produto nacional, tanto em 2938 como em 1955, está calculado a partir de valores estáveis e comuns, *porque os bens e os serviços foram estimados, num e noutro caso, aos preços de 1953.*

Não se acredita que o sr. engenheiro Cunha Leal, que trata de problemas económicos com tanto desembaraço e tão grande ar de autoridade, ignore como é que se efectua a determinação estatística do produto nacional. Por isso mesmo se falou de contos sem mais explicações, no pressuposto de que se não dialogava com um leigo.

Mas também não se acredita que, de má fé, o sr. engenheiro Cunha Leal pretendesse alterar a verdade dos factos.

Enfim, pasma-se e não se sabe o que se há-de pensar.

Assim, ficaram prejudicadas as considerações que se seguem áquela objecção lamentável e que são, aliás, meras repetições, em que se fala de dieta e fartura, dos estomagos portugueses e dos «mercados alfacinhas», de uma quantidade de coisas imensamente folclóricas. A subida das capitações alimentares que reflecte a melhoria do nível de vida é normal e natural. Explica-se por si e não por estarmos num «país de milagres», como sugere cristãmente o nosso opositor.

Se não é fácil discutir Direito Publico com o sr. engenheiro Cunha Leal, não é também viável debater com ele assuntos de Economia.

Não só as questões são postas num plano de demagogia como se esquecem elucidativas comparações.

Esquece-se, por exemplo, que o citado caso do falecido administrador de uma importante empresa — e que foi o de todos os outros — resultou do regime contratual de uma concessão dada em 1921 pelo sr. general Norton de Matos — regime que só á actual situação foi possível modificar através de revisão do referido contrato. Esquece-se ainda que a tributação em imposto complementar mencionado, acrescido do imposto profissional, deve ter atingido aproximadamente 50% do total recebido quando, no regime tributário anterior ao 28 de Maio este apenas estava sujeito á contribuição industrial da taxa de 15% sem qualquer agravamento.

Parece assim fora de duvida que também em matéria de tributação de grandes rendimentos se terá feito algum progresso de 1928 para cá...

Outro exemplo: volta o autor da malfadada «Tréplica» a exibir-se como vítima, desta vez não de um sofisma ou de uma improbidade, mas de a União Nacional haver só para o colocar mal, estabelecido uma confusão propositada e quezilenta, enumerando toda a abundante documentação relativa ao problema do mercado comum, exactamente como se ele tivesse negado a sua existência.

Diz-nos agora que, quando se queixou de que o Governo fizera segredo do assunto, aludia não ao caso do Mercado Comum Europeu, mas sim ao problema de um Mercado Peninsular.

Não vale a pena argumentar. E' melhor transcrever:

Uma carta

do eng.º Ferreira do Amaral

Do sr. eng. Ferreira do Amaral, membro do Centro de Estudos Económicos, recebemos a seguinte carta em referência a um documento que publicámos no nosso numero de ontem:

«*Sr. director do «Diário de Lisboa»:* — No jornal que desde sempre leio e V. sábiamente dirige, «os serviços de propaganda dos candidatos da lista independente do Porto» publicaram um comunicado que abre com uma referência á tese apresentada ao Congresso dos Economistas, á qual tive a honra de prestar modesta colaboração. Depois de transcrever alguns períodos desse trabalho, o comunicado reflecte:

«Em face deste quadro, que só por si é suficientemente esclarecedor, pasma-se como a União Nacional afirma que — é falso que o nível de vida tenha descido em Portugal...».

Esta reflexão, enunciada como dedução do que se escreveu para o Congresso, leva-me a pedir licença aos meus ilustres colegas naquele trabalho de colaboração, para, pela parte que me toca, sinceramente protestar, fundamentado em elementos sérios, que o «tal» quadro não significa, nem de longe, que «o nível de vida tenha descido em Portugal». Pelo contrário, a evolução progressiva é francamente favorável nos ultimos vinte e cinco anos. Por mim nada me «pasma» a afirmação da União Nacional porque teria afirmado e provarei exactíssimamente o mesmo.

Com a devida vénia do Doutor Alves Martins, a quem se deve a douta análise dos índices relativos a nossa posição perante os *países evoluídos do Ocidente da Europa*, acrescentarei ao seu resumo um novo índice que nos deixa de rastos...

O nível de objectividade e competência desta oposição sem rumo, nestes curtos períodos (que infelizmente ainda sofremos) de democracia partidária, arrasta-nos para índice dos mais baixos, em relação a países *subdesenvolvidos do Mundo*. Mais baixo que no interior da Peninsula Industanica...

Peço a V. e, também, aos autores do comunicado, que me desculpem este desabafo.

É que os Portugueses, que são pobres e bons, não merecem que se especule com politiquices detestáveis a propósito da debilidade da sua economia. Merecem que se trabalhe afincadamente para melhorar a estrutura económica do seu país. É o que se tem feito e se fará no futuro com o desejado entusiasmo.

Apresento a V. os meus melhores cumprimentos, subscrevendo-me, com a maior consideração, *Ferreira do Amaral*, membro do Centro de Estudos Económicos».

eleitoral do próximo domingo

Um grupo de monárquicos expõe o seu pensamento perante as suas próprias razões e as razões do momento presente

«Claro está que em teoria a grei portuguesa teria o direito de exigir amplos esclarecimentos sobre problemas desta natureza de que está pendente o seu futuro. Foi, porém, decretada a perpetuidade da sua menoridade política. Pensam por ela os seus tutores, que, aliás, delegam o direito e o dever de pensar num só, promovendo-o, no decurso desta propaganda eleitoral, á categoria de «chefe vitalício», com menosprezo das prerrogativas do Chefe do Estado.

«Em todo o caso, dir-se-á, que sobre a posição portuguesa no tocante aos projectos de associação económica da Europa algo nos disse já o sr. ministro da Presidência. Fê-lo, porém, em termos vagos, que, de resto, não andam muito arredados da tese velha de mais de trinta anos, por mim sustentada nas sessões da Conferência Económica Internacional de 1927».

Sucedem estes reparos ás considerações que o sr. engenheiro Cunha Leal formulou a respeito dos problemas emergentes de economia do Mercado Comum Europeu e nem sequer se seguem ás reflexões relativas á ideia de um mercado peninsular, mas sim á crítica da hipótese de um mercado abrangendo a Península e a América Latina, que é a ultima examinada. E a menção das declarações do sr. ministro da Presidência, introduzida pelas palavras «em todo o caso», dissipa todas as duvidas, assim como a generalidade com que é feita a referência a «problemas desta natureza»

Não se formulam, de resto, observações acrimoniosas. Até se admite que há pessoas que não gostam de ler—e pode ser esse o caso do sr. engenheiro Cunha Leal.

V—O merecimento dos autos

Num rápido apontamento, a réplica refere-se a dois pontos concretos, mas sem nada adiantar.

Ao que se objectou a respeito da sua crítica acerba ás manifestações cívicas, ás paradas militares, ás recepções aos chefes de Estado estrangeiros e a nossa participação em reuniões internacionais, o sr. engenheiro Cunha Leal limita-se a dizer que oferece o merecimento dos autos. Também nós.

Sobre política ultramarina:

Não colhe a informação de que, na resposta ao primeiro artigo, se tomou a liberdade de «distilar insinuações» acerca do patriotismo do sr. engenheiro Cunha Leal.

Isto não corresponde á verdade. Textualmente se escreveu:

«Ao patriotismo dos homens publicos não basta ser espontaneo e sincero. Há-de, também, ser lucido e esclarecido».

Não se contestou o patriotismo do sr. engenheiro Cunha Leal. Deplorou-se que não fosse, em todas as emergências, lucido e esclarecido. São coisas muito diferentes.

Aos argumentos deduzidos responde o sr. engenheiro Cunha Leal nada ter a acrescentar ao que escreveu, nem que retirar.

É, de resto, o que se conclui de outro passo do seu artigo, á margem da resposta á União Nacional, em que insiste:

«Esta discussão não é estéril, embora só o futuro possa vir a provar iniludivelmente, de que lado está a razão. Simplesmente, no caso de erro da política ultramarina situacionista, essa prova consistirá num desastre nacional».

Não parece, porém, que a firmeza na manutenção de um conceito de unidade nacional e de nacionalidade das províncias ultramarinas imporie risco comparável ao que adviria de entrarmos de liquidar o nosso património histórico, decretando a independência a prazo daquelas províncias, muito embora tendo de admitir que, uma vez desagregadas, pudessem ser, pelo menos em parte, atraídas para a órbita de outras potências ou, até, anexadas contra a vontade inoperante das suas populações, reduzidas aos próprios recursos e privadas de amizades e alianças.

Em que pese ao nosso contradidor, em matéria como esta, ninguém se atribui á infalível certeza de uma faculdade divinatória. E ninguém está disposto a tentar a experiência.

Não respondeu o sr. engenheiro Cunha Leal neste ponto. Mas com os outros aconteceu o mesmo e, por isso, não poderá ser acusado de inconsequência.

I — Razão deste manifesto

Os signatários do presente documento sentem a necessidade de vir a publico definir uma posição que julgam ser a de grande parte dos monárquicos portugueses no momento presente animados pelo ideal de servir com a sua doutrina a ansiedade política nacional.

E para que se esclareça qualquer espécie de equívoco, desejam começar por expressar a sua inteira independência, independência cimentada em atitude vital incontroversa e indefectível coerência íntima e exterior, de cada acto e de cada acção políticas em que a sua presença ou a sua colaboração se haja manifestado no passado ou no presente da vida publica nacional.

Independentes, quer dizer senhores de si próprios: senhores do seu destino político, das suas ideias, da doutrina nacional que defendem, do procedimento pessoal que o seu dever político lhes ditar em cada hora, em nome da fidelidade que mantêm e do ideal de Restauração que em cada momento prosseguem. E em nada se pode perturbar essa independência com a admiração ou o reconhecimento que, singular ou colectivamente, possam sentir por esta ou aquela figura da cena nacional, por este ou aquele acerto da nossa administração, porquanto, alçados por natureza a um plano supra-partidário e super-pessoal, tudo o que serve e ama e valoriza e embeleza Portugal se enquadra sem esforço no plano da unidade monárquica — a unica verdadeira, por não exigir a abdicação ideológica nem a exaltação dos homens ou das ideias-forças.

*

Duas ordens de considerações nos obrigam a vir a publico no momento presente: a necessidade positiva e evidente de dar presença e cor ao unico pensamento que pode representar o abraço universal da Grei, o pensamento que contém em si o dom da diversidade e da unidade simultaneas, a síntese de secular e ocidental dialéctica da Autoridade e da Liberdade, e de singelamente negar ou esclarecer o que sobre nós alguns Portugueses disseram, por informação deficiente ou desconhecimento da verdade.

E desde já se julga util esclarecer que a nossa ausência do tablado em que se processa a política portuguesa, não representa anuência a qualquer das posições em luta, e é um puro abuso intelectual a conclusão que de tal facto se deduza ou se pretenda deduzir.

II — O que é a Monarquia

Singular ou colectivamente o dom de ser monárquico ou ser monarquia é uma conquista da inteligência individual ou da sabedoria dos povos. Representa uma vitória do pensamento sobre a paixão, da ordenação clara das ideias sobre o romantismo generoso ou delirante dos sentimentos humanos, o enquadramento numa síntese de equilibrio e tempo, de razão e experiência, de todos os impulsos sociais que a evolução e a vida, o progresso e o desejo humano de melhor e mais belo vão imprimindo ao fluir das sociedades políticas.

Acto de inteligência, a monarquia terá que ser assim o principio que condense e resuma os valores que a razão humana e a experiência dos povos revelaram um a um como possíveis na construção política do Estado. E terá também que conter em si a resposta a cada legítima inquietação da humanidade de sempre e da humanidade de hoje. Doutrina de equilíbrio e de síntese, só na Monarquia é possível a realização simultanea de todos os valores que a inteligência e a meditação dos homens tornaram objecto da ciência política: — se o homem de hoje busca ansiosamente a trincheira que o defenda contra a prepotência e a imensidade do Estado moderno — eis que a Monarquia surge como barreira natural contra todas as violências e contra todos os totalitarismos da direita ou da esquerda, porque o Rei é o limite da ambição, a histórica consciência do relativo para o homem-político, a simples oposição do «sempre» ao desvario momentaneo de embriaguez do mando que cega os homens e desnorteia as multidões.

Se o homem de hoje, porém busca a estabilidade e a confiança na continuidade do poder, a defesa instante de uma constitucionalidade consentida — eis que a Monarquia lhe cumula o sonho por caminhos naturais: o Rei é a continuidade mesma, a constitucionalidade nacional garantida para além do tempo e das gerações sem a força nem as espadas, unicamente pela identificação, o amor e o consentimento populares.

Mas se a inquietação política busca um princípio de unidade e de autoridade, que sobre a livre expressão dos pensamentos e a turgida concorrência dos homens e das ambições, guarde e simbolize o que é de todos e não se pode dividir nem discutir, e seja em cada hora a defesa da legalidade e da justiça e o arbítrio das crises colectivas e das angustias nacionais — só a Monarquia responde e satisfaz a essa inquietação, porque só o Rei tem a Majestade do Juiz e o dom da suprema e natural independência.

Mas o homem-político de hoje tem fome e sede de legitimidade e liberdade políticas; tem o natural e fecundo desejo de intervir e contar na vida nacional; tem o instinto já secular do direito publico — a legitimidade do mando. Também a monarquia popular e tradicional da gente portuguesa, assente na defesa do povo e no seu consentimento é a resposta plena a uma construção legítima do Estado e á democrática ansia da intervenção popular. Porquanto ninguém como o Rei pode trilhar no poder os caminhos da liberdade publica e da espontanea floração nacional e ninguém como ele tem a independência e o dom de «não ter medo». E finalmente, nenhum princípio nem sistema liberta tão naturalmente a autoridade política e a majestade do poder, da ganga dos interesses privados, da secreta influência plutocrática que mina a «gens» política de todas as republicas — a tribo governante nas republicas totalitárias e os directórios partidários nas republicas democráticas.

E o Rei é ainda para nós e para todos os reinos a fonte magnífica de que brota um sentido nacional e poético de tradição, de amor ao passado, de respeito por tudo o que é de sempre em cada pátria e faz a grandeza, a estabilidade e a profundidade das nações; nele se simbolizam o estilo, o cavalheirismo e a «nobreza» da vida nacional; princípio de qualidade e de escolha, nele se espiritualiza o poder e por ele se torna possível o sentido ático da vida publica e da aristocracia do serviço nacional.

III — O momento presente

Se da compreensão clara destas ideias e da nítida consciência que delas nos acompanha, nos debruçarmos sobre a vida publica portuguesa e em particular sobre o momento presente, eis que nos colhe um sentimento de tristeza e de mágoa intelectual.

Essa tristeza começa por não podermos compreender um Poder legitimo totalmente pelo voto em teoria, mas se recusa na prática a aceitar as condições da sua legitimação e pela voz autorizada de muitos dos seus partidários condena mesmo o exercício do voto e o principio eleitoral. Cremos que este paradoxo — esta contradição doentia do regime — envenena fatalmente toda a vida publica portuguesa. Insensivelmente, a fatal necessidade de uma legitimação do poder, criou em Portugal a noção do direito de governar pela obra realizada — princípio inaceitável em filosofia política antiético e antijurídico e perigosamente desvirtuador do próprio sentido e bondade da administração publica.

Não pretendemos discutir a obra. Há nela evidentemente aspectos notáveis e motivos de gratidão nacional. Mas cremos firmemente que o dogma da intangibilidade governativa e da excelência administrativa e o triunfo definitivo do principio da auto-legitimação do partido unico exercem sobre a obra o efeito corrosivo que a doutrina exige, e que sempre na História Universal se verificou em condições políticas similares. E mais perigosamente essa corrosão se verifica á medida que a intervenção do Estado gerou uma economia mista, de tendência á formação de monopólio e ao aparecimento de uma classe super-capitalista, cuja melhor parte do lucro não se forma numa economia de mercado, mas, sim pela regulamentação, sempre discutível, da actividade económica. Fatalmente se acentuam com o tempo a concentração exagerada de capitais e a formação da advocacia de interesses, isto é, do desvio da luta económica para o campo da influência política e a consequente gestação de uma plutocracia indiscutível.

Cremos inatacável a crítica ao processo de legitimação do Poder Político. Já mais acima revelámos que ninguém, neste ponto, poderá defender o «statuto quo» numa base cultural. E' evidente a inconstitucionalidade do sistema e, portanto, a continuação já anormal do estado de Ditadura no País. Justificar-se-ia ele, sem duvida, no plano político, se correspondesse sériamente a uma preparação cívica e colectiva para uma normalidade política, a um esforço cultural e educacional no sentido de se atingir uma maioridade de povo do Ocidente, e á busca ordenada e á discussão progressiva e fatalmente livre de uma constitucionalidade portuguesa de amanhã.

Mas ter-se-á prosseguido essa finalidade? Deixamos á responsabilidade e alta consciência cívica que atribuimos ás personalidades dominantes do Regime a resposta a esta pergunta. E acentuamos o nosso sincero desejo de ainda empreendermos todos — monárquicos e republicanos, mas integramente portugueses, o esforço colectivo, de, num plano de tolerancia, de desejo de verdade e de ausência de preconceitos secundários, buscarmos o caminho autêntico e comum de uma verdadeira constitucionalidade em Portugal.

IV — O caminho para uma constitucionalidade

Mas o encontro dessa constitucionalidade num plano intelectual, a livre aceitação das regras políticas e o uso moderado e tolerante dos direitos publicos pela comunidade nacional, requerem um profundo esforço educativo e cultural, uma reforma de mentalidade e de hábitos que se torna urgente empreender, para termos jus ao papel que por direito histórico nos cabe de nação civilizada e civilizadora.

Em dois planos fundamentais se tem que exercer a preparação duma solução política nacional, dois planos que constituem, aliás louvávelmente, duas permanentes reivindicações da Oposição republicana: a necessidade de melhorar urgentemente o nível de vida e a necessidade de salvar a cultura portuguesa e a vida do espírito da profunda decadência em que se encontra mergulhada.

Não cabe nos limites do presente documento a análise do nível de vida português; mas cremos necessário apontar á consciência publica o que sobejamente é conhecido e provado por todos os economistas nacionais ou estrangeiros que, ultrapassando o muro da propaganda exaustiva se encontram com a realidade nacional; ás condições económicas de nação subdesenvolvida, que infelizmente, somos, tem que acrescentar-se a decadência progressiva e triste da lavoura, a proletarização angustiosa da terra, a média geral do salário português insusceptível de garantir um mínimo de dignidade á vida do trabalhador.

Reconhecemos o esforço do fomento e de formação duma subestrutura, que tem sido empreendido. Mas não compreendemos a hesitação ou a incapacidade de encetar um ciclo de economia de expansão, primeira e fundamental base duma revolução da vida, da mentalidade e do clima político do agregado nacional. Cremos que há que encarar a sério as condições de vida angustiosa em que se debate a terra portuguesa e a «imerecida miséria dos rurais» na dolorosa expressão que alguém com tanta autoridade usou; sabemos que só uma profunda e total revolução que terá que abranger todos os planos em que se processa a exploração, a transmissão e o aproveitamento da terra poderá conduzir a resultados positivos.

No quadro jurídico é imperioso regressar a formas de indivisibilidade relativa da propriedade rural, pela adaptação moderna e universal da ideia do vínculo á ideia da unidade de exploração agrária; modificar o sistema do arrendamento, libertando a economia da terra da sujeição a uma renda talvez imoral e certamente destruidora da produtividade agrícola. No plano económico é necessário criar as condições dum são comércio dos produtos da terra, sujeito hoje a um parasitismo desenfreado de omnipotentes intermediários que dominam inclusivamente os instrumentos organicos da intervenção económica.

Apenas exemplificamos; apenas pretendemos que as palavras não escondam a realidade dos factos. Que todo o louvável esforço que se empreendeu não se perca estérilmente pela falta dum rumo e duma angustia governativa — aquela insatisfação e aquela duvida que todo o homem deve sentir perante a sua obra e nunca é compativel com o oco e enganador rumor do elogio generalizado ou da apoteose inconsciente. Pensamos por isso que a solução do problema social e das condições económicas do País requer, em primeiro lugar, para que seja possivel uma revisão crítica e profunda da administração e dos seus métodos, uma ideia sistemática da política a seguir, um estudo metódico das soluções e finalmente uma profunda, revolucionária e consciente audácia.

Não compreendemos, perante o indiscutível apelo da opinião publica, consciente e nacional; perante a gravidade do problema em causa; perante a ameaça internacional duma revolução nos mercados exteriores; perante, finalmente, o agravamento de certo circunstancialismo económico, que se mantenha um olimpismo governamental a todo o custo!

Não compreendemos que se negue o concurso de todos ou se pretenda condicionar o concurso dos homens á abdicação dos ideais políticos: o erro profundo do regime denuncia-se aqui: a unidade nacional deve inserir-se num plano constitucional, na aceitação universal ou quase dum sistema político e nunca num plano administrativo em que essa unidade é impossível e não é desejável. De nada serve invocar uma obra, porque esta há-de ser sempre discutível. E' mesmo necessário que seja criticada e discutida, mas o que é preciso é que a discussão dos métodos ou das soluções não envolva sempre e em cada momento a discussão de toda a arquitectura política. Só uma representação nacional de carácter genuino assente numa opinião esclarecida e livre pode corresponder á clara e simples verdade de que *todos* somos Portugal e a todos nós interessa a resolução dos seus problemas.

E por isso nos entristece e magoa que a representação nacional se continue a processar por escolha do Governo. Não compreendemos que homens honestos e bem intencionados continuem, com atropelo do direito e da moralidade publicos, desvirtuando a representação da Nação em Cortes, acentuando erros inconstitucionais do passado e prejudicando o encontro pacifico dum caminho de futuro.

Será que este «Não» político á inteligência é um resultado da crise da cultura em Portugal?

V — A situação da cultura em Portugal

Porque a hora é extremamente grave na cultura portuguesa. Atra-

(Continua na 19.ª página)

ORION

A máquina de tricotar que deve ver antes de se decidir

★

Assistida em todo o País pela organização HUSQVARNA

REPRESENTANTES GERAIS

SOCIEDADE LUSO-SUECA, Lda

COM SEDE EM LISBOA NA R. ALEX. HERCULANO, 9-A E FILIAIS EM TODO O PAÍS

No 1.º Salão de Artes Domésticas com a presença de professora enviada pela Fábrica

NEWTON PRODUCT

O MELHOR AMORTECEDOR

Não deixe que lhe vendam quaisquer amortecedor Exija NEWTON

DESMONTAVEIS
REGULAVEIS
DE FACIL AFINAÇÃO
PEÇAS SUBSTITUIVEIS

Representante: AUTO-TRUENO — Rua de Santa Marta, 56

"ITALIA"
SOCIETÀ DI NAVIGAZIONE

PARA

AMÉRICA DO SUL

S. S. CONTE GRANDE | 8 de Novembro | Dakar, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, Buenos Aires

PARA:

MEDITERRANEO

CONTE BIAMCAMANO | 11 de Novembro | Barcelona, Cannes, Génova, Nápoles

OS AGENTES:

Em Lisboa: AGENCIA MARITIMA TRANSATLANTICA, LDA. Rua do Alecrim, 20-A, 1.º Telefone 27264

No Porto: KENDALL, PINTO BASTO & C.ª LDA. Rua Nova da Alfandega, 12 Telefone 26146

A CASPA

Dá-lhe um aspecto anti-higiénico... e representa um sério aviso... depois vem a queda do cabelo e temos a calvície...

Não espere... pode ser tarde; tem hoje ao s/ dispor «CALVORMON», uma loção vitamino-opoterápica que **resultou eficaz em 83 % dos casos** em que foi aplicada. **A caspa foi eliminada, a queda do cabelo detida na 1.ª semana.**

Com a persistência do seu uso, muitos viram a sua ténue penugem transformar-se em cabelo forte e são. Se ainda há sinais de vida capilar no s/ couro cabeludo, tente a s/ «chance», tem a s/ favor muitas probabilidades.

Loção oleosa e não oleosa, frasco $0$00. Dist. Geral: Santos Jor. & Filhos, Lda., R. dos Correeiros, 101, 3.º.

Brinde para Senhoras por 10$00

Envie esta importancia em selos de correio e receberá em sua casa sem mais despesas, 1 lindo porta-moedas em esponja de nylon com fecho eclair (novidade) e uma boa escova em plástico e nylon, todos estes objectos próprios para bolsas de senhora. Devolvemos a importancia se não ficar satisfeito

Não se envia á cobrança

Pedidos a A. J. NASCIMENTO RUA FIRMEZA, 415 — PORTO

+

Vicencia da Costa Barros

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

Joaquim Augusto de Barros, sua mulher, filhas e genros, António Carlos Augusto de Barros e sua mulher, Carlos Augusto de Barros Junior, sua mulher e filhos, Virgínia Costa, António Costa e filhas e mais familia, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar À Sua Divina Presença a sua muito querida mãe, sogra, avó, irmã, tia e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 1, pelas 10 horas, saindo da sua residência, Calçada da Tapada n.º 97, para o cemitério da Ajuda.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO

AGENCIA BARATA

+

Carolina McCulloch

FALECEU

William McCulloch e esposa; John McCulloch, esposa e filhos, Carolina Maria Bettencourt Lopes e filha e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua querida mãe, sogra, avó e parente e que o funeral se realiza amanhã ás 10 horas na Capela do cemitério Inglês.

O BRINDE IDEAL

PHILLIPS PATINS

À venda nas boas casas da especialidade

Agentes Exclusivos: MARTIN LESLIE & C.A LDA.

Campo das Cebolas, 43, 3.º — Lisboa — Telef. 3 52 34

Centro de Medicina Dentária

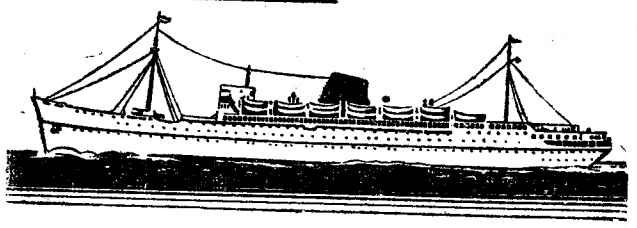
Assistência exclusivamente médica

PREÇOS DE POLICLINICA

Consultas permanentes das 9 às 21 horas

C. Bento da Rocha Cabral, 1 (Ao Rato) — Tel. 68 41 91

COMPAGNIE DI NAVIGAZIONE



FRATELLI GRIMALDI SICULA OCEANICA S. A.

SERVIÇO COMBINADO

O PAQUETE RAPIDO «IRPINIA»

EM 18 DE NOVEMBRO, PARA:

FUNCHAL, LA GUAIRA, CURAÇAO, KINGSTON E CIUDAD TRUJILLO

Reserva de lugares em 1.ª classe e turística, a preços muito económicos

AGENTES GERAIS

SOCIEDADE MARITIMA ARGONAUTA, LDA.

122, Avenida D. Carlos I — Telefs. 665054 - 672319

AGENTES NO NORTE

AG. MAR. JOHN MORTENSEN, LDA — PORTO

108, Rua Nova Alfandega — Telef. 22981

Companhia Nacional de Navegação

PAQUETE «QUANZA»

A sair em 11 de Novembro

Escalando prèviamente Leixões, para: Las Palmas, Ponta Negra, Luanda, Lobito e Moçamedes

RECEBE PASSAGEIROS, CARGA GERAL E DE FRIGORÍFICO

Recebe carga por terra no Cais da Fundição até ao dia 5.

PAQUETE «ANGOLA»

A sair em 30 de Novembro

para: Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cabo, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala (se necessário)

RECEBE PASSAGEIROS, CARGA GERAL E DE FRIGORÍFICO

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagem

A bagagem de porão dos Senhores Passageiros embarca obrigatòriamente no Cais da Fundição. Na Estação Marítima não serão recebidos quaisquer volumes de porão

LISBOA: Rua do Comércio, 79 a 85 — Telefs. 23021 a 23026

PORTO: Rua Infante D. Henrique, 73 — Telefs. 22438 e 22439

OS POSSOS contos

(Continuação da 13.ª página)

e de outros sentimentos delicados. Costumava dizer: falem-me em negócios. O resto não passa de maçadoria. Para ele os versos eram brincadeiras de criança que não deixavam lucro fosse a quem fosse; pois não há ninguém que fale em verso, a não ser os malucos. Também detestava a musica, em especial a ópera, visto as pessoas de bom senso não conversarem a cantar. Quanto a poetas eram incapazes de escrever em verso uma carta comercial.

Certa vez Barata confessou á Eugénia que estava disposto a casar com ela desde que abandonasse aquelas manias disparatadas e prometesse ajudá-lo na sua vida de comércio.

Eugénia achou a proposta inaceitável e vexatória para o seu espírito. Mas pensou um instante no futuro e aceitou, constrangida, a proposta.

O casamento realizou-se pouco depois com simplicidade, sem pompa, pois o Barata declarou antes que não se prestava a espectáculos apalhaçados. Anos passaram sem que entre eles houvesse o mais pequeno entendimento espiritual. Eugénia emagreceu e até o desejo de comprar casacos de peles e outras «toilettes» custosas se malogrou. Barata era avaro e dizia, estupidamente, que não andava a trabalhar para o boneco... A vida em comum tornara-se-lhes num verdadeiro inferno. Barata azedava de dia para dia sem qualquer motivo, por parte dela, que justificasse aquela má disposição. Certa vez Barata apareceu em casa furioso e descarregou toda a bilis sobre a pobre rapariga. Que ela fora a causadora da sua situação, da sua desgraça; que se ela o tivesse ajudado na sua vida comercial talvez a sua situação fosse diferente.

Eugénia olhou-o espantada e perguntou-lhe a medo.

— Mas, que foi? Eu nada fiz para te fazer infeliz; sempre tentei ser compreensiva e envolver a nossa vida de um halo de ventura.

— Qual ventura, nem qual carapuça! Tu que fazes essas tolices a que chamas versos, nunca soubeste preencher uma factura.

— Tu já sabias das minhas aspirações intelectuais.

— As tuas aspirações só visavam a um fim — o meu dinheiro.

Eugénia, timidamente, respondeu-lhe:

— O dinheiro não é incompatível com o bom gosto. Há homens ricos aos quais a arte fascina.

— Hão-de ir longe — acrescentou mal-humorado o Barata. — Hão-de chegar onde eu, desgraçadamente, já cheguei.

— Mas, Barata, que pretendes dizer com essa frase indecifrável. Ao que chegaste tu?...

— A' miséria. Perdi tudo que tanto me havia custado a ganhar. Agora estás livre, não te preocupes comigo. Não te quero para minha escrava. Podes procurar outro mais a teu gosto.

Depois em tom filosófico acrescentou:

— Não te levo a mal. Nem tudo sai á nossa vontade. A vida é assim parecida a um negócio. O que se deu connosco também foi um negócio mal sucedido para ambos.

Eugénia comoveu-se sentidamente. Pensou mais uma vez em Alcindo. Entretanto reflectiu: ele deve ter envelhecido muito. Depois, aquela mania de ser diferente dos outros... Deve estar um farrapo, continuará um inadaptado ás coisas mesquinhas da existência das quais se ria e desdenhava. Mas Alcindo não lhe saia do pensamento.

Na primeira oportunidade saiu de casa. Uma saudade dele e também daquele «café» esquecido num bairro excêntrico da cidade, pungia-a dolorosamente. Lá, pensou, havia de ter noticias dele.

Entrou no «café» e procurou com a vista o velho criado que tantas vezes os servira quando, todas as tardes, ali se reuniam a fantasiar projectos de futura glória literária. O criado ao vê-la pediu-lhe desculpa e informou-se se tinha estado doente. Há tanto tempo que não vinha cá...

— Não, tenho estado fora...

Depois, interrogou o criado:

— Lembra-se daquele rapaz que costumava acompanhar-me? O sr. Alcindo. Ainda cá vem?

— Nunca mais o vi; já vai para dois anos. As ultimas vezes — a senhora desculpe-me — aparecia num estado lastimoso. O fato sujo, os sapatos rotos. Fiei-lhe muitos cafezinhos. Era uma joia de pessoa, não desfazendo. E inteligente! era um encanto ouvi-lo falar. Eu mal sei escrever o meu nome; mas gosto de pessoas assim como o sr. Alcindo. Até me parecia inteligente de mais. E eu tenho cá esta ideia de que as pessoas quanto mais inteligência têm mais infelizes são. Pode ser que eu me engane, mas tenho cá esta ferrada...

Eugénia pagou o café, despediu-se do criado com um «muito obrigada» e regressou a casa.

Ao chegar encontrou o Barata de semblante carrancudo. Cumprimentou-o. Ele correspondeu mas sem proferir uma palavra acerca da saída dela. Eugénia aproximou-se dele e em jeito melodramático exclamou:

— Não, Barata, nunca te abandonarei. Serei até ao fim da minha vida tua mulher. E para te ser agradável abandonarei a mania de escrever versos e de praticar outros disparates próprios da minha mocidade. Lutarei a teu lado, serei eu quem há-de ajudar-te, e estou certa de que ao fim de uns anos a tua vida estará refeita. Nessa altura não te serei pesada, nem te farei pedidos majestáticos de casacos de peles. E quem sabe se tu me pedirás, então, para exaltar o nosso triunfo, uns versos alusivos.

Barata, homem duro e insensivel, pegou-lhe carinhosamente nas mãos e não pode reprimir uma lágrima — talvez a sua primeira manifestação de ternura durante toda a sua vida.

O Natal do Fadista

O jornal «A Voz de Portugal» vai promover, pela primeira vez, o Natal do Fadista, para o que conta desde já, co ma colaboração de várias firmas comerciais e amigos do Continente e do Ultramar. Qualquer oferta destinada a esta benemérita iniciativa poderá ser indicada pelo telefone 685239, ou entregue na redacção do jornal organizador — Praça das Águas Livres, n.º 7, 3.º- frente (ás Amoreiras).

TAUROMAQUIA

Tertulia «Festa Brava»

Os associados da Tertulia «Festa Brava» reunem-se, no próximo sábado, num almoço organizado pelo sr. J. Mega, de homenagem ao seu confrade sr. coronel Mendes Dias, recentemente promovido a este posto. A lotação da sala não poderá exceder o numero de cem pessoas.

OIÇA

A CONTINUAÇÃO DOS

DIÁLOGOS DE DOMINGO

DE

OLAVO D'EÇA LEAL

EM

RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS

PAREDE
Domingos e Terças-feiras às 21,30
MIRAMAR
Domingos às 13,45 21,30

Apresentados em exclusivo por

SABÃO
ACTIVADO
Sonasol

Produção de

IGREJAS CAEIRO

O programa de maior interesse na Rádio Portuguesa

DE NOVO os problemas íntimos do Octávio Mendes e da Maria José

Um grupo de monárquicos

expõe o seu pensamento

(Continuação da 17.ª página)

vessamos um período essencialmente anticultural, dominado intelectualmente pelo prestígio de falsos valores em que a vida colectiva se estrutura numa meia duzia de frases feitas e vazias de sentido.

A falta de liberdade na criação literária e artística, o materialismo da vida portuguesa, o domínio da sociedade por uma casta de gente riquíssima sem inquietação nem maturidade são, a nosso ver, algumas das causas principais da quase asfixia da vida espiritual portuguesa.

O comportamento dessa sociedade assim estruturada — que dispõe dos bens e do domínio nacionais — perante o fenómeno cultural, está na base da crise: o Teatro acabou definitivamente, o cinema não existe, o livro não se compra, a pintura, digna desse nome, não é compreendida nem sequer conhecida, e a arquitectura — a arquitectura oficial e a das vivendas dos milionários — reflecte o provincianismo, a incultura e os preconceitos do meio e da falsa élite nacional.

A inversão de valores e o receio á verdadeira inteligência criadora são os traços dominantes da vida cultural portuguesa no momento presente. Chegou-se ao ponto de existirem uma literatura e uma arte oficiais separadas da literatura e da arte verdadeiras. Os nomes de uma não têm entrada na outra e verifica-se por vezes na grande Imprensa o paradoxo de se consagrar a falsa arte na primeira página e de se dedicar á outra, á «arte perseguida», a página literária semanal.

O pecado contra o espírito que representa esta inversão de valores, tornou-se tão habitual na vida nacional que já não tem sequer o condão de provocar a revolta da inteligência e da verdade ofendidas. Todos nos habituamos insensivelmente a ouvir o elogio do medíocre, do falso ou do sensato. Todos nos resignamos á perda dos nossos melhores valores, á asfixia do grande artista, ao desespero do grande escritor, ao desprezo pelo homem que pensa com originalidade e com independência.

O culto sistemático da mediocridade tornou-se um traço dominante da vida portuguesa. O mediocre aceita tudo, não pensa nada e não levanta problemas. O homem inteligente e criador, pelo contrário, é com certeza, nas circunstancias de hoje, uma fonte de conflitos na razão directa da sua força de carácter, da sua liberdade ideológica e da sua recusa a aceitar o lugar comum ou a expressão de propaganda.

Desconhecidos pela classe detentora do Poder pulítico, vivendo á margem do Estado, das honras e da consagração publica, suportando a dureza da vida, a injustiça, a angustia do sonho nunca realizado, os artistas e intelectuais de Portugal sofrem na sua obra inacabada e na sua vida o reflexo da condição agónica ou crítica da nossa cultura.

Condição agónica que se processa desde a Universidade — transformada em organismo positivista de habilitação profissional — á inexistência de uma investigação ou ciência pura sériamente orientadas e valorizadas e á já citada e definitiva separação entre a Arte, a Literatura e a Sociedade.

A crise cultural funciona em relação á vida publica e á política nacional como binómio recíproco de causa e efeito. Eliminando toda a crítica independente e toda a representação genuina, o Estado fecha o acesso da inteligência á vida publica e nega a possibilidade de formação duma verdadeira opinião dirigida por valores intelectuais. E a decadência progressiva da cultura, o ostracismo tácito do homem que pensa por si e pela sua consciência, deixa o domínio da praça publica á invasão dos mediocres ou daqueles que colocam a ambição acima da sua integridade mental.

Restaurar o prestígio da inteligência, do pensamento criador e da audácia inovadora; libertar a vida intelectual duma censura demolidora e aceitar a crítica livre no plano político e administrativo parece-nos ser o caminho inicial para um ressurgimento da cultura portuguesa — na medida em que pensamos que cultura é não um somatório de obras ou de esforços individuais, mas sim um clima, uma profunda vivência, uma generalizada capacidade de apreensão e uma influência penetrante do espírito na vida e na actividade nacionais.

Restauração da cultura — moralização da vida publica. O respeito pela cultura é o respeito pela verdade, isto é, o abandono do clima de propaganda, de cega valorização, de não reconhecimento do erro E é também o reconhecimento do valor da ideia, da dignidade da criação, e finalmente da plena consciência de que só numa base de respeito intelectual recíproco, será possível reconstituir uma unidade verdadeira dos Portugueses em torno dum sistema de governo.

VI — Conclusão

Nação imperial, em pedaços repartida pelo Mundo, Portugal pôde encontrar, em certo momento, para vencer a crise que o surto jacobino determinara a figura dum homem forte e calmo que restituiu então aos Portugueses, por imediato contraste com a licença e o desregramento vigentes, um sentido de grandeza e uma confiança no seu futuro e no «possível nacional», em grande parte perdidos.

Nenhuma crítica alheia ou nossa invalida essa constatação simples. Mas nenhum raciocínio invalida também a serenidade do nosso exame político: nunca um homem é por si um sistema e nunca um sistema se pode estruturar num homem ou na sua obra. Antes e para além do Homem, a Nação era e a Nação fica. O erro é, ou foi, pretender transformar em definitivo o que por sua natureza é essencialmente efémero: uma Revolução ou um espírito revolucionário. — Nem os homens nem as nações suportam a revolução contínua; a mística corrompe-se, o ideal abastarda-se, os homens poluem-se. E dum momento belo e fecundo, dum acto de geração e de resgate, o tempo corroi a forma, a essência e a beleza, até deixar apenas um monte de cinzas e um conjunto de frases repetidas e vazias de sentido.

«Viver habitualmente» disse um dia o dr. Oliveira Salazar. Eis simplesmente o que nós queremos — o regresso a uma habitualidade da vida nacional, o regresso a uma normalidade constitucional verdadeira e autêntica.

Mas não podemos aceitar o simplismo da solução republicana, reduzindo a Nação a uma máquina de votar a prestações, repartindo os votos por mais ou menos partidos. Quando falamos de normalidade constitucional, encaramos a árdua tarefa de reconstituir uma nação viva, em que o direito de associação e a livre actividade dos homens reconstituam a multiplicidade dos quadros sociais que caracterizam as nações verdadeiramente livres e limitam a força geométrica do Estado. Queremos reconstituir a síntese possível da Autoridade e da Liberdade, e queremos, finalmente, encarar a realidade imperial garantindo por um supremo principio de unidade indiscutida o polimorfismo e o sentido de desagregação que num futuro próximo se pode revelar numa nação espalhada aos cinco mares.

Porque o Rei não se discute, nem se dissocia. E dele não nasce a tirania nem o imobilismo, mas antes, á sombra real, é possível o germinar dessa flor que também amamos — a Liberdade — sem que dela nasçam a desordem, a desagregação e a morte.

Lisboa, Outubro de 1957.

aa) — *Francisco de Sousa Tavares, Henrique Barrilaro Ruas; Domingos Manuel Megre, José Rebelo Raposo, Francisco de Vasconcellos e Souza, José Rebelo Vaz Pinto, Gonçalo Ribeiro Telles, Eduardo d'Orey, José Henriques Barbosa, Fernão Pacheco de Castro, Jorge Portugal da Silveira, Jorge d'Almeida Couto, Eduardo Pizarro Monteiro, João Camossa, José Paulo de Almeida Monteiro.*

Em referência a este documento, recebemos posteriormente, assinado por um dos signatários, sr. Henrique Barrilaro Ruas, um documento em que nos é pedida a publicação do seguinte esclarecimento:

«Os signatários do manifesto, aliás, todos eles presentemente sem responsabilidades de direcção na política oficial monárquica, declaram, para evitar quaisquer interpretações abusivas, que não está nas intenções daquele documento assumir uma atitude contrária á disciplina que devem á Causa Monárquica, cujas determinações de carácter político se inserem em plano claramente distinto do presente manifesto».

DIARIO DE LISBOA

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—Ás 18, Noticiário e danças; 18 e 30, Musica ligeira sinfónica; 18 e 45, Cançonetas hispano-americanas; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A»—Ás 19, Programa da Mocidade Portuguesa; 19 e 30, Cançonetas; 19 e 45, Ares da nossa terra; 20, Jornal Sonoro; 20 e 15, Orquestras típicas; 20 e 30, Operetas; 20 e 47, Trechos em piano; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Orquestras ligeiras; 21 e 30, 14.º episódio da adaptação da obra de Teixeira de Vasconcelos «O Prato de Arroz Doce»; 21 e 50, Grupos corais; 22 e 10, As Grandes Reportagens da História do Mundo; 22 e 30, Fados, por Maria do Rosário Bettencourt e Fernando Farinha; 22 e 50, Poesia, musica e sonho; 23 e 15, Danças e cançonetas, da Tágide.

Programa «B»—Ás 19, «Canticos da Prisão», de Dallapiaccola, pelo coro e Orquestra da Academia de Santa Cecília, de Roma, sob a direcção de Markewitch; 19 e 25, «Quarteto n.º 6», de Dvorak, pelo Quarteto Hollywood; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Que quer ouvir?; «Eine Kleine Nachmusik», de Mozart, pela Orquestra Sinfónica de Viena, dirigida por Moralt; «Concerto n.º 5», de Beethoven, para piano e orquestra, por Edwin Fischer e a Orquestra Filarmónica, dirigida por Furtwangler; 21, Junção dos emissores; 21 e 20, Crónica semanal; 21 e 30, Árias de óperas de Puccini, pelo soprano Meneghini Callas e o tenor Franco Corelli; 21 e 50, 3.º programa da série: «A Musica Portuguesa de Piano», por Luís Filipe Pires; 22 e 15, «Divertimento n.º 2», de Mozart, pela Sociedade de Musica de Camara da Orquestra Sinfónica de Viena, dirigida por Paumgartner; 22 e 40, Ciclo Beethoven: «Quarteto n.º 16»; 23 e 5, Cantares célebres: Soprano Modlle, tenor Windgassen: Dueto do 2.º acto da ópera «Tristão e Isolda», com a Orquestra do Estado de Berlim, sob a direcção de Rother.

RÁDIO CLUBE—Ás 17, Zarzuela; 17 e 30 Ritmos de baile; 17 e 45, Cultura espanhola; 18, Vozes de Portugal; 19 e 30, Jornal da A. P. A.; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, The Four Lads; 20 e 30, Magazine; ás 21, Concerto; 21 e 30, Sessão da campanha eleitoral para deputados á Assembleia Nacional, a realizar no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa: 23 e 45, Suplemento Brasil; 0, Talismã apresenta: «Boa-noite e bons sonhos—Estrelas da meia-noite»; 0 e 30, Noticiário; 0 e 40 Ritmos de baile.

Estação de Miramar—Ás 18 e 15, Um artista; 18 e 30, Folhetim Tavol; 18 e 45, Orquestras ligeiras; 19, Fados e guitarradas; 19 e 30, Ritmos de baile; 20, Boletim informativo; 20 e 10, Artistas portugueses; 20 e 30, Uma orquestra e uma voz; 20 e 45, «Os Três Mosqueteiros»; 21, Noticiário, (em colaboração com a E. N.); 21 e 15, Guitarradas; 21 e 30, Reportagem de uma sessão de propaganda eleitoral, a realizar em Lisboa: 23 e 30, Orquestras e canções; 0, Ritmos de baile, do Casino Estoril.

RÁDIO RENASCENÇA—Ás 18 e 30, Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, Estrêlas da Air France; 19 e 45, O quinteto de Art Van Dame; 20, Canções do cinema; 20 e 15, Musica para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 45, Fados; 20 e 55, Meditando; 21 e 5, Novidades musicais; 21 e 30, Programa da Agência Portuguesa de Revistas; 21 e 50, Tangos famosos; 22, Feira dos disparates; 22 e 25, Revista da Imprensa francesa; 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, Musica e vozes portuguesas; 23 e 20, Ritmos em contraste; 23 e 35, Orquestras e canções.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; das 22 á 1, Clube Radiofónico de Portugal.

Cartão diplomata

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre, de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto. ANIBAL -Gravador — R. Nova do Almada, 64 — LISBOA. A casa que melhor trabalha.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO M — Marques—Estrada de Benfica, 648, Tel. 780096; Vitex—Estrada de Benfica, 300-A, Tel. 780548; Curie — Avenida Madame Curie, 15-A, Telefone 778439; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Telefone 780181; Santa Maria — Avenida 5 de Outubro, 283-A (próximo á Av. 28 de Maio), Tel. 763016; Laranjeiras (Das)—R. Filipe da Mata, 160-162, Tel. 761035; Baptista—R. Francisco Tomás da Costa, 3-C, Tel. 771873; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Rio de Janeiro—Avenida Rio de Janeiro, 4-C, Tel. 721409; Alentejo—Avenida da Igreja, 28B, Tel. 777282; Belmar—Avenida de Roma, 53-A, Tel. 776314; Central do Areeiro—Avenida de Paris, 2 2-A, Tel. 720820; Providência—Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C, frente ao Bairro Social do Arco do Cego, Tel. 770324; Sagres—Avenida Luís Bivar, 69-71, Tel. 47213; Branco—Avenida Duque de Loulé 61-65, Tel. 45048; Ascenso—Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 399216; Freitas—Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 391136; Marluz—Calçada da Picheleira, 140-B-C, Tel. 720703; Brito—Rua do Vale de Santo António, 7-9, Tel. 840125; Anunciada— Rua do Vigário, 74, Tel. 23760; Progressiva—Rua de Santa Marinha, 18, Tel. 863619; Dimar, Ld.ª—Rua Conde de Monsaraz, 17-B, Tel. 842533; Oriente—Rua Lopes, 120, Tel. 843381; Laboratório Brasil (Do)—Rua Alves Torgo, 29-31, Tel. 46843; Renascença — R. Damasceno Monteiro, 104-A-B, Tel. 831504; Magalhães—Avenida Almirante Reis, 4-D a 4-F, Tel. 49479; Imparcial—Rua General Taborda, 28, Tel. 680931; Das Amoreiras — Praça das Aguas Livres, 8-D, Telefone 681515; Porfirio—Rua Francisco Metrass, 59 Tel. 663349, Gama—Calçada da Estrela, 130, Tel. 660339; Bom Sucesso—Rua Bartolomeu Dias, 63, Tel. 611454; Lidia Almeida—Calçada da Ajuda, 170, Tel. 637318; Santo Amaro — Rua Filinto Elisio 29-A-B, Tel. 637070; Probidade — Rua de Alcantara, 15-A-B, Tel. 638589; Infante Santo—Rua do Olival, 290, Tel. 661003; Esperança—Rua da Esperança, 134, Tel. 662784; Cunha—Rua da Escola Politécnica, 16, Tel. 25455; Ultramarina—Rua de S. Paulo, 101, Tel. 21771; Frazão—Rua das Portas de Santo Antão, 72, Tel. 28189; Silva Carvalho — Rua dos Fanqueiros, 126, Tel. 26575; Durão—Rua Garrett, 90-92, Tel 24166—A.

Farmácia das Amoreiras

Praça das Aguas Livres, 8-D (Prédio da C. S. Fidelidade) Tel. 681515
ESTA' HOJE DE SERVIÇO

O TEMPO QUE FAZ

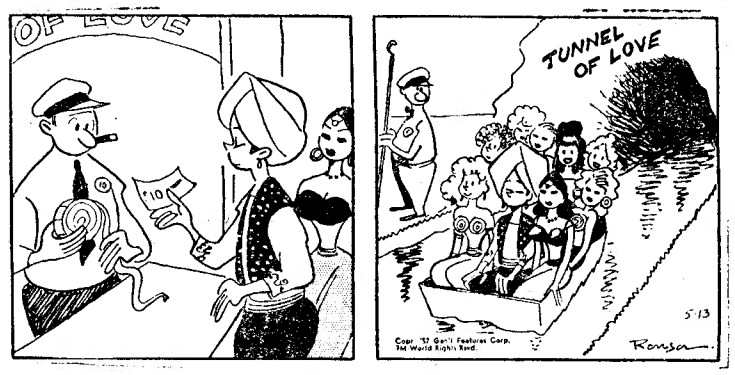
Informação do Serviço Meteorológico Nacional.

SITUAÇÃO GERAL ÁS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento é fraco a moderado de vários rumos, a Norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela e moderado de Noroeste, a Sul do referido sistema. O ceu está pouco nublado por acção de uma massa de ar transportada na circulação de uma depressão centrada na Andaluzia.

Temperaturas observadas ás 9 horas: Bragança e Porto, 8°; Penhas Douradas, 6°; Lisboa e Faro, 14°; Ponta Delgada, 18°; Funchal, 17°.

PREVISÃO ATÉ ÁS 24 HORAS DE AMANHÃ — Ceu pouco nublado, tornando-se muito nublado, a partir do fim da tarde de hoje. Vento moderado do Norte, períodos de chuva fraca em especial a Noroeste do sistema montanhoso Montejunto-Estrela. Pequena descida de temperatura.

ELE & ELA



O tunel do amor

TELEVISÃO

Hoje, as 21 e 30: Abertura e programa do «TV Magazine»; 21 e 45, «A Carreira e a Vida» — A escritora brasileira Thais Bianchi, conversa com o dr. José de Figueiredo, director do Teatro de S. Carlos; 22 e 5, Noticiário e actualidades do País e do estrangeiro; 22 e 25, Teledisco: Mick Micheyl; 22 e 30, «Rumo ás Estrelas» (programa da Força Aérea Portuguesa); 22 e 40, Danças e Canções Flamengas, pelos bailarinos Adoracion y José Luís e por Fina de La Cruz, acompanhados á guitarra por José Luís Molinero; 23 e 10, Ultimas notícias e fecho.

HÁ TRINTA ANOS

Contava o «Diário de Lisboa» no dia 31 de Outubro de 1927 que em Madrid, na estreia da peça «El hijo del diablo», de Montaner, quando este agradecia os aplausos e se ouviam vozes de «muy bien, muy bien!», se ouviu uma voz mais poderosa gritar: «Muy mal, muy mal!». Iluminada a sala, todos se voltaram para a cadéira de onde saira o grito e verificaram que nela estava sentado D. Ramon del Valle Inclán. Convidado a comparecer na Direcção de Segurança, esteve ali até de madrugada por ter provocado um incidente que recordava—dizia o «Diário de Lisboa»—os de Gualdino Gomes.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

AVENIDA — A's 21 e 45 — «Como a verdade engana!...».
MARIA VITORIA—A's 20,30 e 22,45 —«Curvas perigosas».
ABC — A's 20.45 e 22,45 — «Casa da Sorte».
COLISEU — A's 21,30 — Companhia de Circo.

CINEMAS

TIVOLI—«O grande amor da minha vida».
SÃO LUIZ — «A vindima trágica».
POLITEAMA—«O bolero de Raquel».
EDEN—«Amores de um canalha».
IMPÉRIO—«A condessa descalça».
SÃO JORGE—«A batalha do rio da Prata».
ROMA—«Pais e filhos».
CONDES—«Um criminoso á solta».
MONUMENTAL — «Donatella».
ALVALADE — «A vindima trágica».
AVIS—«O ultimo couplet»
ODEON—«X... O inimigo desconhecido».
JARDIM—«Preciso do teu amor».
CAPITOLIO—«Satélite no céu».
TERRASSE—«Santiago».
RESTELO — «Juventude de uma rainha».
OLIMPIA—«Flechas de ódio».
PROMOTORA—«A 23 passos do abismo».

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efectuado	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 T. 10	930$00	928$00	930$00
Cons. 3 % T. 10	975$00	974$50	975$50
Cons. 3 1/2 % T. 10	1.020$00	1.019$00	1.021$00
Centenários 4 % 1940	2.210$00	2.205$00	2.210$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.000$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	998$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	998$00	—
Externo 1.ª série	—	—	—
Ext. 1.ª série car.	—	1.180$00	1.185$00
Externo 2.ª série	—	1.175$00	—
Ext. 2.ª série car.	—	1.175$00	—
Externo 3.ª série	—	—	—
Ext. 3.ª série car.	—	1.345$00	—
Caut 3.ª série s/juro	—	170$00	172$50
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 %	—	505$00	—
Norte de Portugal 5%	—	105$00	—
Gás Elect. 3 3/4 %	—	—	945$00
Gás Elect. 4 %	—	—	960$00
Gás Elect. 4 1/2 %	968$00	—	968$00
Gás Elect. 5 %	—	—	—
U. E. P. 3 3/4 %	85$00	84$00	—
U. E. P. 4 % 1945	90$00	90$00	—
U. E. P. 4 % 1948	90$00	90$00	92$00
U. E. P. 4 1/2 %	—	94$00	95$00
U. E. P. 5 % 1951	—	—	—
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
Metropolitano	1.008$00	1.007$00	1.009$00
Acções Bancos			
Alentejo	—	440$00	480$00
Angola	—	780$00	810$00
Espirito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores	—	3.030$00	3.100$00
Portugal	—	—	2.170$00
Ultramarino	1.642$00	1.640$00	1.650$00
Seguros			
Mundial	—	640$00	660$00
Nacional	—	—	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	1.150$00	—
C.as Ultramarinas			
Ag. Cassequel	—	1.850$00	1.855$00
Ag. das Neves	800$00	790$00	810$00
Agric. Colonial	—	660$00	680$00
Açucar de Angola	2.540$00	2.500$00	2.560$00
Boror	470$00	470$00	472$00
Cabinda	—	280$00	330$00
Cádá	—	4.500$00	4.580$00
Colonial do Buzi	324$00	320$00	324$00
Ilha do Principe	—	—	—
Incomati	—	—	3.700$00
Mocambique	—	160$50	161$00
Zambézia	179$50	179$00	180$00

C.as Ultramarinas	Efectuado	Compra	Venda
Diamantes T 100	742$00	740$00	742$00
Lobito T 10	—	2.510$00	2.520$00
C.as Diversas			
Cimentos Tejo	—	—	—
Cimentos Leiria	—	500$00	510$00
Crédito Predial	—	47$50	48$50
Industrial Aliança	—	295$00	310$00
Portugal e Colónias	—	407$00	420$00
Nacional Navegação	—	—	1.730$00
Colonial Navegação	—	—	—
Port. de Celulose	—	2.150$00	2.370$00
Portuguesa de Pesca	—	—	1.650$00
Port. de Tabacos	405$00	404$00	406$00
Tabacos de Portugal	—	770$00	790$00
Sacor	—	—	4.860$00
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934	—	—	280$00
Aguas Lisboa 1936	—	250$00	—
Elect. das Beiras	—	1.335$00	1.380$00
Gás e Electricidade	296$50	296$00	296$50
H. Alto Alentejo	144$50	144$00	145$00
H. E. Cávado	1.306$00	1.305$00	1.307$00
H. E. Zêzere	1.315$00	1.314$00	1.320$00
Nac. de Electricidade	1.320$00	1.320$00	1.330$00
União Elect. Port.	—	224$00	226$00

GREMIO NACIONAL DAS CASAS DE CAMBIOS
Cotações de notas e moedas estrangeiras

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul		
Alemanha	75$00	77$00
América:	6$75	6$90
Dólares de 1 e 2	28$30	28$60
Dólares de 5 a 20	28$60	28$90
Dólares de 50 a 1000	28$60	28$90
Argentina	$69,5	$74,5
Austria	1$10	1$15
Bélgica	$56,7	$57,7
Brasil	$32,5	$35
Canadá	29$40	29$90
Congo Belga	$55,5	$56,5
Dinamarca	3$85	4$15
Espanha	$47,7	$49,2
França	$05,95	$06,15
Holanda	7$30	7$60
Inglaterra	74$70	76$20
Itália	$04,5	$04,7
Marrocos	$05,7	$06,2
Noruega	3$65	3$95
Suécia	5$35	5$65
Suiça	6$70	6$80
Uruguay	6$40	7$10
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	281$00	291$00
Portugal — Barra	32$80	33$30
Portugal — Barra Fino	33$20	33$70

J. BURNAY, LDA. Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 TELEF. 21273 Papeis de credito

PALAVRAS CRUZADAS
(COM PROVERBIO)
Programa n.º 1.052

HORIZONTAIS: 1 — Beneficiavam. 2—Eirós. Em relação a. 3—Casa. Magoado. 4—Formosas. 5—Repetição. Símbolo químico do érbio. 6—Determinada. 7—Bafejo. 8—Popa. Sovina. 9—Exultação. 10—Declinando. 11—Pertences. Bolsa.

VERTICAIS: 1 — Muitos Fundamentadd, 2—Ministro do culto judaico. Sôletra. 3—Sofrimentos. Oração. 4 — Artigo (pl.). Dobras. 5 — Oferecer. Zomba. 6—Depois. Intenções. 7—Segue. Polvilhada. 8—Queimara. Língua que na Idade Média se falava ao Sul do Liger. 9—Governo. Oceano.

Solução do problema n.º 1.051

HORIZONTAIS: 1—Reis. Boca. 2—Então. POR. 3—Pior. 4—Só. Ressoa. 5—Oleiro. Ut. 6—BEM. Ala. 7—Rapa. Olha. 8—Ara. Gás. 9—Promova. 10— Asa. FAZER. 11—Mel. Fel. Rã.

VERTICAIS: 1—Ressobravam. 2—En. Olear. Se. 3—Itu. Empapa. 4—Sã. Ri. 5—Opera. Mofe. 6—Isolo. MAL. 7 — Opôs. Algoz. 8 — Corou. HAVER. 9—Ar. Atrasará.

Provérbio: POR BEM FAZER MAL HAVER.

Leiam o «SEMPRE FIXE»